

Mantida a plataforma do VI Governo

• O CONSELHO DA REVOLUÇÃO VAI REVER O PACTO COM PARTIDOS

Confirmando as previsões avolumadas nos últimos dias o Conselho da Revolução decidiu nomear uma comissão constituída por cinco dos seus elementos para iniciar contactos com os partidos, com vista à revisão da plataforma de acordo constitucional M. F. A.-Partidos. Ao tomar essa resolução o Conselho da Revolução sublinha no entanto que a assinatura da plataforma por parte dos partidos signatários «foi voluntária e como tal eminentemente responsável e totalmente vinculativa».

Há várias interpretações para o valor e significado desta ressalva mas será importante considerar as declarações produzidas pelo major Melo Antunes numa recente conferência de imprensa, onde parece ter ficado nítida a ideia de que o pacto entre o M. F. A. e os partidos deve continuar, embora, segundo Melo Antunes, ele possa ser bastante mais flexível, possa desaparecer a noção de «motor da revolução», e possam e devam ser atenuados «certos aspectos mais chocantes». Porém, quanto ao essencial dessa aliança «entre todas as forças progressistas do País» para a construção do socialismo, salientou que ela «não deve ser posta em causa, sob pena de não construímos o País que tínhamos ambicionado».

Voltam, portanto, ao primeiro plano as duas teses que estiveram em foco ao longo dos primeiros meses deste processo: M. F. A. — motor ou garante da revolução? Regressar aos quartéis ou continuar na direcção política?

Segundo o capitão Sousa e Castro, agora porta-voz oficial do Conselho da Revolução, este nunca esteve tão homogêneo. Falta agora saber qual o peso e o sentido dessa homogeneidade, isto é, em que direcção ela se irá manifestar. Em princípio parece existir ainda, entre os militares, uma linha que pensa ser indispensável a presença do M. F. A. para apoio, dinamização e defesa da revolução portuguesa.

As perspectivas para uma solução capaz de agradar a todas as partes interessadas — aos partidos e aos militares — são agora mais claras. O grande peso de esquerda de certos sectores militares, que alarmava os quadrantes políticos que não estão interessados num processo revolucionário ou dele tinham uma concepção diferente, está agora bastante (totalmente?) neutralizado em

consequência da recente Lei de Reestruturação das Forças Armadas. Poder-se-á portanto admitir agora, como mais fácil, uma solução para o problema.

PARTIDOS EM BELÉM

Ontem de manhã dirigentes dos três partidos representados no VI Governo reuniram-se em Belém com o Presidente da República e com o Primeiro-Ministro. As delegações, constituídas por Jorge Campinos, Lopes Cardoso e Manuel Alegre, em representação do P. S.; Sá Carneiro, Magalhães Mota e José Ferreira, em representação do P. P. D.; e Octávio Pato e Sérgio Vilarigues pelo P. C. P., só viriam a abandonar o Palácio cerca das 13 e 30.

O facto mais importante a assinalar será talvez a reafirmação do princípio de que se mantém válida a plataforma de acordo estabelecida quando da formação do VI Governo.

Interrogado à saída da reunião, Manuel Alegre, membro do Partido Socialista, considerou como positiva a preocupação de todos os elementos em não perder tempo.

«Houve coisas que se clarificaram e as posições de cada um dos partidos ficaram definidas, o que permite que se criem condições para se progredir» — afirmou Manuel Alegre.

Sérgio Vilarigues e Octávio Pato, dirigentes do P. C. P., prestaram também algumas breves declarações que radicalizam a ideia de que, também na perspectiva daquele partido, a reunião fora produtiva e «avançou-se na solução dos problemas», mas «as ideias no respeitante ao reajustamento do VI Governo não eram comuns». Havia diferenças. Vontade houve, harmonia é um pouco diferente.

Foi salientado também pelos dirigentes comunistas a importância por estes atribuída à necessidade de as soluções encontradas servirem globalmente o processo. Quanto à saída do dr. António Bica da Secretaria de Estado da Reforma Agrária, o P. C. P. só a aceita desde que o elementos escolhido seja da sua confiança.

O CASO DE TIMOR

**Conselho de Segurança contra a Indonésia
Portugal exige condenação dos invasores.
(Pág. 17)**

CUSTÓIAS EM QUESTÃO

**Por detrás das grades, «Grandola» é cantada
em coro com quem está fora dos muros. Um
documento sobre as irregularidades. (Pág. 2)**

VIRAGEM NA ECONOMIA

**Na Conferência de Paris, novos rumos nas
relações entre países ricos e pobres Pág. 13**

A DROGA

**A «viagem» para o irreal ou a
comercialização marginalizada Pág. 5**



EMIGRANTES ENTRE OS MORTOS DO CHOQUE DO "SUD"

Notícias confirmadas indicam que é de oito o número de mortos no desastre ocorrido em Fornos de Algodres, anteontem, quando um comboio «Sud-Express», saído de Lisboa, chocou violentamente com um comboio especial de emigrantes procedente de França. O número de internados limita-se a treze.

Entre os passageiros que viajavam no comboio de emigrantes, três mortos: Manuel Lourenço Jacinto (Odemira), Joaquim Vitória Beja (Barreiro) e Manuel Valente (Santa Maria). Regista-se ainda a morte do maquinista deste comboio, José Augusto Monteiro Lourenço (Soure).

No «Sud», viriam a encontrar a morte três ferroviários: Manuel da Costa Leitão, maquinista (Lisboa), António Barriga Branco, ajudante de maquinis-

ta (Pampilhosa) e João Romano Proença, revisor (Lisboa). Sabe-se também da morte de um funcionário da Wagon-Lits, não identificado, que se admite ser de nacionalidade espanhola.

Eis os nomes dos feridos internados no Hospital da Misericórdia de Viseu: Ana da Costa Campos, 20 anos, Vila Chã de Sá, Viseu; Isabel Maria da Costa Losna, 29, Olhão; Paulette Devie, Dugny, França; Manuel Joaquim Espada Mealha, 36,

Minas de Consal, Grandola; José Joaquim Cavalete Fausto, 44, Albergaria dos Fusos, Cuba; Vítor Manuel da Costa Losna, 3, Olhão; Serafim Manuel Coelho Branco, 29, Praça D. Pedro IV, Lisboa; Delfim Oliveira Marques, 62, R. General Justiniano, Lisboa; António Manuel Domingues, 45, Queimada, Castro Marim; José da Silva Figueiredo, 30, Tondela, e Albino Gonçalves Notário, 20, Pinhel.

Para o Hospital de Coimbra foram transportados dois feridos em estado grave: José Augusto do Espírito Santo, 28 anos, Orgens, Viseu, e Joaquim António Baião, 41 anos, Monte do Gato, Mértola.

"Processo Delgado" vai a juízo

Segundo afirmações do major Costa Neves, do C. R. o julgamento dos «pides» deverá começar em Janeiro. Juridicamente, porém, isso, é pouco provável, pois de momento apenas dois processos deram entrada em dois dos três Tribunais Territoriais Militares de Lisboa — o processo do assassino do escultor Dias Coelho e o processo do general Humberto Delgado.

Se o primeiro já teve o julgamento marcado, o que pressupõe elaboração do sumário de culpa (processo específico dos

tribunais militares), já quanto ao da morte de Humberto Delgado não se sabe até onde vão as diligências. Quanto aos outros «pides», não tendo ainda sequer corpo de delito formado, é mesmo muito improvável que possam ser julgados em data próxima.

Historiemos um pouco a criação dos dois Tribunais Militares Especiais (tão contestados pelos juristas, já que, segundo eles, no Programa do M.F.A. eram abolidos todos os tribunais que não fossem comuns. Pelo Decreto-Lei n.º 9/75, de

7 de Agosto, foi criado o Tribunal Militar Revolucionário para julgar «apenas» os implicados no 11 de Março; pelo Decreto-Lei n.º 13/75 de 12 de Novembro, foi criado o Tribunal Militar Conjunto, na sequência do Decreto-Lei n.º 8/75, de 21 de Junho, com competência para julgar os «pides» e legionários.

A legislação constante da T. M. C. cria as «nuances» das infracções por se ter pertencido à P. I. D. E. e à Legião, de um lado, de outros penas

Continua na pág. 20

Nacional

"GRÂNDOLA" FURA MUROS DE CUSTÓIAS

Prisioneiros cantam e denunciam

Custóias continua na ordem do dia e os problemas levantados pela situação dos militares presos deram origem a vários acontecimentos no decorrer deste fim-de-semana. Destes acontecimentos, os principais foram, certamente, a manifestação que teve lugar junto à cadeia, a reunião promovida pelo M. U. T. I., no sábado à noite, na Faculdade de Letras do Porto, e o documento saído de dentro da prisão, clandestinamente.

MANIFESTANTES E PRESOS CANTARAM EM CORO

Centenas de pessoas solidárias com os presos estiveram no sábado junto aos muros da cadeia e entoaram canções de luta em coro com os presos.

A manifestação teve o seu início quando grupos de familiares e amigos dos presos, vindos de Lisboa, se reuniram com outros do Porto junto ao topo norte da cadeia e entoaram «Grândola, vila morena». A meio da canção, os manifestantes aperceberam-se de que os presos tinham entrado no coro e que se estabeleceu, assim, um contacto até agora impossível. A partir desse momento, as canções foram-se alternando com palavras de ordem, numa manifestação que durou mais de duas horas e que terminou quando os manifestantes gritaram «camaradas, nós voltaremos» em resposta ao agradecimento dos presos.

De regresso ao Porto, os familiares e amigos dos presos concentraram-se junto ao Quartel-General da Região Militar do Norte a fim de entregarem ao brigadeiro Pires Veloso um abaixo assinado sobre a situação dos presos. O contacto foi estabelecido com certa dificuldade por o oficial de serviço ter voltado as costas à comissão incumbida de lhe expor a pretensão dos manifestantes.

A REUNIÃO NA FACULDADE DE LETRAS

No sábado à noite teve lugar, na Faculdade de Letras do Porto, uma reunião destinada a debater problemas relacionados com a situação dos presos de Custóias. Promovida pelo Movimento Unitário dos Trabalhadores Intelectuais (M.U.T.I.), pela Comissão de Advogados de Apoio aos Militares Revolucionários Presos e pelo Movimento Democrático das Mulheres, a reunião foi presidida pelo professor Oscar Lopes, pelo engenheiro Sousa Pereira, pelo dr. Sá Coimbra e pelo jornalista Nuno Teixeira. No decorrer da reunião foram prestadas informações sobre a situação dos detidos, tendo o dr. Oscar Lopes lido um extenso texto elaborado pelos próprios militares presos e passado clandestinamente para o exterior. Foram prestadas informações aos presentes acerca da visita efectuada a Custóias por elementos da Cruz Vermelha Internacional que irão, agora, avistar-se com o Conselho da Revolução, tendo-se debatido também a possibilidade dos familiares e advogados dos presos publicarem um boletim sobre o evoluir dos acontecimentos. Por último, foi referida a possibilidade dos presos serem transferidos

para a Guarda com o consequente agravamento da sua situação. A terminar foi lido um texto elaborado pelos detidos, em que estes informam ter deliberado, na quarta-feira, recusar as marmitas e as visitas aos vinte e cinco beneficiados e exigir o fim imediato da incomunicabilidade, visitas para todos e a sua rápida libertação. No decorrer da reunião foi constituída uma Comissão Local de Apoio encabeçada pelos professores dr. Rui Luís Gomes e José Morgado. Ainda no decorrer da sessão, foi declarado que se deveria aproveitar a nomeação do Provedor da Justiça para se reclamar, junto dele, contra as «ilegalidades de que estão a ser vítimas os revolucionários presos em Custóias» e foi decidido enviar ao Presidente da República o texto de uma moção denunciando as condições prisionais a que estão sujeitos os detidos, nomeadamente no que se refere à situação de incomunicabilidade em que se encontram, às dificuldades que têm tido em nomear advogados, à proibição de receberem jornais, à censura da sua correspondência e à impossibilidade de nomearem médicos da sua confiança.

O DOCUMENTO

Entretanto, veio a público um grito de protesto dos presos, saído de trás dos muros de Custóias sob a forma de um documento (ontem divulgado, na íntegra, pelo «República»). Um dos detidos conseguiu redigir e mandar cá para fora tudo o que se está a passar em Custóias. Coisas que até agora ninguém sabia, talvez mesmo entre as altas rodas dirigentes actuais. Assim, num primeiro ponto, o documento denuncia a presença de presos incomunicáveis no pavilhão B há 17 dias, numa manifesta ilegalidade, além de outras irregularidades como: violação e desvio de correspondência, censura aos livros enviados, proibição de visitas, ausência de tempo de recreio com sujeição à permanência numa área fria e húmida com quatro metros quadrados úteis, sujeição ao regime de «Prisioneiros», sem obediência à Convenção de Genebra, tortura psíquica. Os 23 presos que tiveram autorização para receberem visitas, falaram com os seus familiares através de um parlatório de vidro, na presença de guardas. O documento acusa a imprensa «que agora já não é manipulada» quando esta afirma que os presos já podem receber visitas. A acusação é extensiva à rádio. As denúncias prosseguem, referindo o facto de, para os presos terem vestuário, utensílios pessoais, correspondência da família (com censura), livros (com exame prévio), banho duas vezes por semana e visita médica, foi necessária uma greve de fome, que teve a duração de seis dias. Em seguida, o documento reclama da ilegalidade da situação dos presos e fundamenta-se nos seguintes pontos: ignorância

quanto à acusação, ignorância quanto a quem os acusa (há ódios pessoais em jogo), ausência de participação oficial para o início dos processos individuais, os presos não são ouvidos, nos termos do artigo 411 do Código de Justiça Militar, que permite a presença de advogados.

O terceiro ponto, aborda em pormenores a questão da incomunicabilidade/isolamento. Assim, a ilegalidade da situação fica caracterizada de acordo com o artigo 461 do C. J. M., que permite a incomunicabilidade pelo prazo máximo de 48 horas. Mesmo o artigo 62 do R. E. C. J. M., ao estabelecer que até ao interrogatório os presumíveis culpados poderão ser conservados incomunicáveis, não dá tempo determinado, pois o parágrafo 2.º do artigo 49 do R. E. C. J. M. obriga o cumprimento das 48 horas para os autos de corpo de delito. O documento acusa que já há muitos militares «ouvidos» que continuam na incomunicabilidade.

Quanto à Comissão de Inquérito, o documento levanta dúvidas quanto à integridade e à isenção de alguns dos seus membros. Assim, denuncia, que «um é oportunista reconhecido, signatário do «documento dos nove» e que promoveu a recolha de assinaturas contra a ordem do C.E.M.G.F.A.; outro, diz-se, é mais ou menos afecto ao M.R.P.P.; outro ainda é conhecido pelas suas posições ultraconservadoras. Enfim... militares apatridários, independentes e pluralistas». A morosidade da C.I. também é referida, bem como as perguntas «sugestivas» e «cavilosas» que faz (proibidas pelo artigo 57 do R.E.C.J.M.). A forma como trabalha é acusada de não ter metodologia e de não cumprir as regras do processo. O documento denuncia o anonimato das ordens emanadas e o regime de «deportação sem julgamento» em que se encontram, pois foram desviados da sua área militar e colocados sob a jurisdição de uma autoridade estranha, a Região Militar do Norte, do brigadeiro Pires Veloso, e numa prisão civil a E.P.P., que funciona como casa de reclusão, de maneira irregular. É também expresso o grande ressentimento entre os presos, provocado pela exposição e humilhação pública a que foram submetidos: «Na primeira leva de «traidores», então foi o máximo. Foram expostos em filas espaçadas, demorada e inutilmente, nas placas da B.A. 1 (Sintra) e de Pedras Rubras (em parada), com o público a assistir. Para agravar a lenta humilhação foi feita a chamada em voz alta e distante para a revista, entrada no avião e no carro celular». Os presos foram sempre acompanhados de forte escolta militar, algumas vezes com uma arma apontada às costas. Alguns chegaram a ser algemados pela G.N.R. e algemados dentro do avião.

Depois de referenciar a solidiedade da qual os detidos têm sido objecto, de revelar o moral elevado que reina entre os prisioneiros e de sublinhar a correcção do tratamento dispensado pelo pessoal da E.P.P., o documento chega ao seu final com mais uma denúncia: os maiores Dinis de Almeida, Campos de Andrade, Cuco Rosa e Tomé e o capitão Faria Paulino, foram transferidos, um de cada vez, para evitar que o pavilhão B subisse, durante a noite. Encontram-se noutra pavilhão.

O documento termina a dizer que «Aqui há Povo», transmitindo «Saudações Revolucionárias» e afirmando que «Unidos Venceremos». A data é do passado dia 12.

PROVOCAÇÕES

Ontem à tarde, quando os familiares dos detidos se afastavam já da cadeia de Custóias, de regresso à cidade do Porto, registou-se um breve incidente com o condutor da viatura MS-70-87 o qual, segundo diversos elementos presentes, teria instigado, em voz alta, as forças da G.N.R. a «correr com aquela gente dali». O condutor da viatura, acompanhado da esposa, perante a reacção de grande número dos presentes pôs-se em fuga, mas pouco adiante foi detido pelas dificuldades do trânsito nas vias de acesso a Custóias. Diversas pessoas cercaram a viatura investindo o seu condutor e criticando asperamente o seu comportamento. Alguns mais exaltados ainda pretenderam danificar o automóvel tendo sido impedidos de prosseguir por familiares dos detidos que pediam calma e que não se respondesse a provocações reacçãoárias daquele estilo.

ADVOGADOS EM REUNIÃO

Realizou-se a noite passada, em Lisboa, um encontro de advogados de Lisboa e Porto para se ocuparem dos aspectos mais urgentes da assistência forense aos militares e civis detidos em 25 de Novembro último.

Os advogados presentes, que representavam mais de 100 colegas, encararam os problemas da incomunicabilidade ilegal dos referidos detidos, da impossibilidade de os advogados contactarem com os seus constituintes e os resultados da localização do estabelecimento prisional de Custóias, muito distante das residências habituais da maioria dos detidos, não permitir uma eficaz assistência forense e familiar aos mesmos detidos.

Durante a reunião foi manifestada a apreensão quanto a informações que têm surgido relativamente à possibilidade de transferência dos detidos para a Prisão-Sanatório da Guarda, o que a verificar-se dificultaria ainda mais a assistência forense e familiar aos detidos.

AEPPA E URAP

Entretanto o Secretariado da União de Resistentes Antifascistas Portugueses enviou uma mensagem ao presidente da Assembleia Constituinte, professor Henrique de Barros, manifestando perante a situação actual e seu eventual desenvolvimento «o sentimento de que se torna necessário defender a liberdade, a democracia e a via socialista de perigos claros e imediatos».

Sublinhando que «são as próprias conquistas democráticas e sociais do «25 de Abril» que estão seriamente ameaçadas e alertando para o «clima de intimidação e de desconfiança que atinge as fileiras antifascistas» a URAP solicita que a Constituinte tome posição contra tal situação que «põe em risco o curso da nossa Revolução e a existência de instituições verdadeiramente democráticas» e chama a atenção da Assembleia para a situação das dezenas de antifascistas presos.

ARBITRARIEDADES

Por sua vez a AEPPA (Associação de Ex-Presos Políticos Antifascistas) em comunicado divulgado ontem denuncia «as maiores arbitrariedades em relação aos militares antifascistas presos» e sublinha: «preocupados com a saúde dos fascistas e dos carrascos da P. I. D. E., os senhores conselheiros da Revolução libertam-nos; dando largas à sua falta de espírito revolucionário mantêm presos militares progressistas e aplicam-lhes medidas em total desacordo com a própria legislação militar e civil em vigor».

Lê-se ainda no comunicado da AEPPA:»

a) «Dando uma vez mais mostras de temor perante a aliança povo-soldados, os comandos militares substituíram a guarda militar da prisão de Custóias por uma força da G. N. R.»

b) Mantém-se a situação de incomunicabilidade particularmente rigorosa nos casos dos maiores Campos de Andrade, Cuco Rosa, Tomé e Dinis de Almeida e do capitão Paulino. Os detidos continuam sem visitas e sem contactos com advogados. Em completa violação do Código da Justiça Militar as autoridades prosseguem um inquérito secreto — na boa tradição pidesca e inquisitorial. É preciso impedir que esse inquérito sirva de justificação arbitrária para novas prisões, nomeadamente de civis (aqueles a quem Vasco Lourenço chama «os bispos» e «as rainhas», em contraponto aos «peões» que seriam os actuais detidos). Mantém-se também a censura à correspondência;

c) Teme-se que perante o apoio que os militares antifascistas têm recebido da parte do povo do Porto, as autoridades militares os transfiram para a prisão-sanatório da Guarda. Ilustrando esse apoio (que vem aliás de todo o País) contaremos que os trabalhadores de uma confeitaria do Porto en-

viaram aos detidos uma grande encomenda de pastéis e bolos.»

JORNALISTAS ESTRANGEIROS

Trinta jornalistas democráticos estrangeiros, representantes de órgãos de informação (Imprensa, Rádio e TV) europeus, brasileiros, canadianos e norte-americanos apresentaram ao Presidente Costa Gomes uma petição no sentido de lhes ser facultado visitarem os militares detidos em Custóias. No documento, para o qual solicitam «uma resposta rápida na sala da Imprensa do Ministério da Comunicação Social», os subscritores salientam que «mais do que nunca neste momento» deve ser assegurada «a maior liberdade de informação, garantida em Portugal depois do «25 de Abril».

Assinam a petição os representantes dos seguintes jornais:

«Paese Sera» (Itália); «Le Quotidien de Paris» (França); «Radio Suisse Romande» (Suíça); «DEP Milano» (Itália); «Simon, Bonn» (BRD); «Corriere del Ticino» (Suíça); «Canadian Broadcasting» (Canadá); «Sygma, Paris» (França); «Lotta Continua» (Itália); «National Public Radio» (USA); «Fotolib» (França); «Jornal do Brasil» (Brasil); «Pacific Rádio» (USA); «Liberation» (França); «RTVE» (Espanha); «AFIP» (França); «Temoignage Chrétien» (França); «Diário Pueblo» (Espanha); «IPS/Avanti!» (Itália); «A. P. Liberation» (Bélgica); «Pasquim» (Brasil); «Report» (Inglaterra); «Gamma-Liaison» (França); «CDN University Press» (Canadá); «ABC News» (USA); «Politique Hebdo» (França); «Seven Days» (USA); «Maclean's Magazine» (Canadá); «Viva» (França); «Politisk Revy» (Dinamarca).

Cooperativismo da habitação enferma de desvios

PORTO, 16 — Terminou o Seminário sobre Cooperativismo de Habitação, que durante alguns dias decorreu nesta cidade. Na sessão final foram lidas as seguintes conclusões:

1 — O cooperativismo de habitação em Portugal enferma por defeitos, que o desviam do verdadeiro sentido cooperativista.

2 — Não ser possível estabelecer neste momento uma comparação entre os movimentos cooperativos sueco e português, dada a diferença existente nos seus objectivos: o primeiro visa «utilização» mediante uma renda, da habitação em regime de propriedade colectiva, enquanto o segundo visa alcançar a propriedade individual mediante um regime de amortização num determinado prazo.

3 — Reconheceu-se, no entanto, que com todas as suas limitações, o movimento cooperativo português desempenhou um papel importante na aglutinação de certos estratos da população para obtenção de habitação própria.

4 — No âmbito do programa da política habitacional estatal, cabe às uniões já existentes promover a reconversão do

movimento cooperativo no sentido social, dentro das novas perspectivas criadas no nosso País.

5 — Paralelamente, definiu-se caber às uniões dinamizar o esclarecimento das populações interessadas, no sentido da formação de cooperativas sociais.

6 — Para uma prática eficiente do sistema cooperativo, se torna necessário, nesta fase de transição, o apoio técnico e financeiro, por parte dos órgãos estatais competentes.

7 — Que a modificação do sistema cooperativo implica uma reorganização das estruturas sociais actualmente em vigor, de forma a assegurar aos sócios das cooperativas o pagamento das amortizações e demais encargos, quando no desemprego, doença ou fome.

8 — Deve ser estabelecida uma perfeita articulação entre os vários sectores do cooperativismo, para um completo apoio às populações mais desfavorecidas.

9 — Logo que se verificarem as condições mínimas indispensáveis ao reforço do papel das uniões, pela adesão de um maior número de cooperativas, se estrutura uma Federação Nacional.»

2 DROGARIAS—TRESPASSO

Óptimo local, Avenidas Novas

Mot. à vista. Trata J. Faria

Avenida da Igreja, 31 - C — LISBOA

post scriptum

O nosso socialismo em liberdade

Em algumas localidades, mais concretamente em vilas situadas a norte do rio Tejo, pratica-se um declarado boicote à venda e à exposição de jornais considerados de linha progressista.

Por mais curioso que isto pareça, porém, surgem expostos, o mais visivelmente possível, montes de revistas pornográficas, com as cenas mais salientes em destaque, para que as crianças as fixem bem, os adolescentes as remirem e os casais as pratiquem.

É perante estes painéis, situados no exterior dos estabelecimentos, com as revistas «Lesbos», «Privat's» e outras, que o capitalismo produz diariamente, enquadradas por alguns pasquins que me detenho, abismado, olhando mais para o lado, onde ainda se vê cinzas e vestígios de móveis e utensílios de sedes de partidos saqueadas e incendiadas.

Que estranha contradição a desta maldita sociedade de consumo, que esquece toda a sua formação religiosa, todo o seu puritanismo, para expor revistas altamente pornográficas e deformativas mas que, a cada momento, invoca essa mesma formação religiosa e outras para atacar a democracia e fomentar a contra-revolução, impedindo a venda de certos jornais e atacando sede e militantes de partidos...

Seria bom que o povo dessas terras abrisse os olhos e visse o engano em que os caciques, representantes do capitalismo e do fascismo, os traz embulhados, quer sob uma linguagem social-democrata quer sob a veneranda imagem de uma veneranda instituição!

Enquanto isto não acontecer, não haverá qualquer tipo de socialismo, nem mesmo de social-democracia: haverá sim, opressão e exploração ideológica.

Valdemar Quinta Ferreira — SANTO ANTÓNIO DE CAVALEIROS

De acordo. Como sabe, foram anunciadas medidas destinadas a corrigir a situação. Veremos se chegam a concretizar-se e, caso afirmativo, se são acatadas.

Uma responsabilidade a assumir

Estou tão habituado a ler o v/jornal que não consigo aceitar a ideia de chegar a casa sem ele e vivo no pavor de que, depois de tudo isto, venham a modificar a vossa linha. O «Diário de Lisboa» faz parte da vida de milhares de portugueses e merece, por isso mesmo, o respeito de todos.

Trata-se de um jornal independente que nunca vergou a cabeça e que oxalá não venha a fazê-lo. Deixar ou não deixar que os portugueses fiquem sem o tipo de informação que estão habituados a encontrar no «Diário de Lisboa» é uma responsabilidade grave que vocês têm de assumir e, em certa medida é um teste que pode ser definitivo para o jornal...

Manuela G. Ribeiro — CARCAVELOS

Confessamo-nos felizes por saber que «Diário de Lisboa» voltou à sua casa. Também para nós era difícil viver sem ele... Como vê, assumimos a responsabilidade a que se refere.

Dos quadros necessários aos «táxis» mal aproveitados

Em primeiro lugar devo esclarecer que sempre pertenci, e continuo a pertencer, à massa do povo trabalhador.

Porque leio avidamente o v/jornal, estou praticamente a par de todas as dificuldades, e são muitas que temos de resolver.

Começemos com o governo a ser exercido pelo Povo, por nós, pois acho muito bem que assim seja, mas não esqueçamos que precisamos daqueles que sabem, e quando digo «sabem» refiro-me aos economistas, aos médicos, aos enfermeiros, aos engenheiros, aos técnicos de toda a espécie de produção e ainda a muitos dos professores, pois sem eles que aprenderemos nós para chegarmos a ser bons profissionais?

Podemos ser nós, o povo a dar ideias, dá-las sem registo de patente, dá-las como contribuição de todos para todos, mas para as pôr em prática tornam-se necessários «os que sabem» que também os temos nas nossas fileiras.

Por exemplo: os transportes. Todos somos obrigados a concordar que está aqui um dos nossos grandes problemas, mas terão de ser tomadas medidas revolucionárias. Os carros particulares terão de deixar, por completo, de estacionar nas ruas de maior trânsito. As ruas têm de estar livres em toda a sua largura para que os transportes colectivos possam circular livremente, em 2 ou 4 filas, segundo a sua dimensão (na Rua do Arsenal há espaço para 4 rodagens, mas na verdade nem praticamente as 2 rodagens são aproveitadas, visto que de um lado e outro há sempre carros estacionados, com o consequente engarrafamento).

Além disso, porque não pôr em prática o que já tantas vezes tem sido sugerido por tantos: ou seja o «táxi» levar escrito o destino do primeiro utente, podendo ser aproveitado por 4 pessoas independentes? Bem entendido que se poderia instituir uma percentagem de, digamos, 25 por cento por cada passageiro adicional.

Quanto ao controlo, também esse seria fácil, pois cada «táxi» seria portador de um livrinho com senhas cortáveis que seriam entregues aos respectivos passageiros (os passageiros deveriam cuidar de que não fosse esquecida a sua entrega).

Li que havia grande desemprego no meio dos condutores de táxis, mas se, como sugiro acima, este processo for adoptado, cada «táxi» poderia ser trabalhado por 3 condutores diferentes, circulando permanentemente.

Continua na pág. 12

COHN-BENDIT EM FRANÇA (SEM AUTORIZAÇÃO)

"É COMO SE O ALCATRÃO ARDESSE À MINHA PASSAGEM..."

Embora sem autorização oficial, Cohn Bendit passou dez dias em França. O homem que foi o principal porta-voz do movimento de Maio de 68, o mais vivo de todos e o mais inteligente, o homem que defendia a revolução por prazer e preferia a irrisão à violência, continua sob a ordem de expulsão do ministro do Interior, na altura Christian Fouquet, já falecido. Essa ordem foi dada a 24 de Maio de 1968, na altura mais tormentosa do movimento.

Em 1968, dias depois da sua expulsão, Cohn Bendit atravessava clandestinamente a fronteira e reaparecia na Sorbonne para aí dar, na noite de 28 de Maio, uma conferência de Imprensa. Depois desaparecia novamente. Desde essa altura não deixou de solicitar, primeiro por via administrativa, depois perante os tribunais e o Conselho de Estado, finalmente através de outras tentativas, autorização de voltar a França, autorização essa que lhe foi sempre negada apesar de vários protestos e apoios. Aos trinta anos, Daniel Cohn Bendit não mudou fisicamente. Continua a ser um «Rumpelstiltchen» de cara redonda e sardenta. Sente-se encantado com a peça que prega às autoridades. Terá mudado politicamente, moralmente? Foi isso que lhe perguntámos.

///

— **Você nasceu em França, estudou em França mas tem a nacionalidade alemã. Porquê?**

— Os meus pais, judeus alemães, refugiaram-se em França em 1933, para fugir ao nazismo. Tinham o estatuto de apátridas. Quando em 1936 o meu irmão nasceu, foi-lhe dada a nacionalidade francesa. Quando eu nasci em 1945, os meus pais encaravam a hipótese de partir para os Estados Unidos. Foi por isso que não me deram a mesma nacionalidade.

Em 1947 os meus pais separaram-se e o meu pai regressou à Alemanha. Passados alguns anos caiu gravemente doente e a minha mãe foi ter com ele para o tratar, deixando-me em França com o meu irmão. Em 1959 o meu irmão casou. Eu tinha treze anos e não podia ficar sozinho. Fui portanto ter com os meus pais e, durante cinco anos, vivi com eles na Alemanha.

Aos dezasseis anos tive de escolher: ficar apátrida e tomar depois a nacionalidade francesa fazendo o serviço militar, ou tornando-me alemão por simples declaração e sem fazer esse serviço, já que os cidadãos de origem judaica são dispensados de obrigações militares.

A conselho de meu pai, e a fim de evitar o serviço militar, optei pela nacionalidade alemã. Quando em 1963 voltei a França para fazer os meus estudos superiores em Nanterre, a minha inscrição foi feita sem problemas. Tinha nascido em França, fizera aqui os meus estudos secundários, até se espantavam com a minha nacionalidade alemã.

O mais engraçado é que o meu irmão, francês de nasci-

mento, professor em França, foi educado em língua alemã, porque os meus pais, recém-exilados, falavam mal o francês. Eu, pelo contrário, que sou alemão de nacionalidade, considero o francês minha língua mãe. Não pertence a um país mas a um meio que existe tanto em França como na Alemanha.

— **É a primeira vez que volta a França desde que foi expulso em 1968?**

— Não, é a segunda. Em 1971 passei uma semana em França, sem manifestar a minha presença e sem que me importunassem.

— **Atravessou a fronteira clandestinamente, com papéis falsos?**

— De modo nenhum. Como documentos tenho o meu cartão de apátrida. É certo que data de 1955 e a foto idem. Tinha nessa altura dez anos. E é tudo. Nenhum documento falso. Não atravessei a fronteira clandestinamente mas abertamente e oficialmente, a 28 de Novembro. Ninguém me perguntou nada.

— **E em França ninguém lhe pediu os papéis?**

— Não. Mudei um pouco de aparência, como pode ver, cabeleira, chapéu, mas circulo livremente. Andei muito por Paris, pela França, encontrei uma quantidade de amigos e, claro, a minha família.

Foi, de resto, ao visitar o meu irmão, em Saint-Nazaire, que ia tendo o único incidente da minha viagem. Fui por estrada, no carro de um amigo. Num portagem os polícias verificavam os cintos de segurança, e nós não tínhamos posto os nossos. Um polícia preparava-se pois para nos multar e pediu-nos os papéis. Discutimos amavelmente e ele disse-nos: «Bem, vou ser simpático e só muito o condutor». Não fui portanto obrigado a mostrar-lhe os documentos.

— **Porquê esse desejo de voltar a França? E, se era tão fácil, por que não o fez mais cedo?**

— Quero poder ir e vir livremente, viver em França como vivo na Alemanha, quando me apetece. Se não pus o problema mais cedo foi só porque esperei ano após ano, mês após mês, que a expulsão fosse revista e a proibição de estadia anulada.

Os meus advogados fizeram vários pedidos que foram, todos eles, rejeitados. Em Outubro de 1974, encontrei o secretário de Estado Paul Granet na Feira do Livro de Frankfurt e perguntei-lhe porque razão não me tinham respondido à carta que dirigira a Giscard d'Estaing, pedindo-lhe autorização para regressar a França. Granet assegurou-me que ia tratar do assunto e que, de qualquer modo, responder-me-ia. Depois, porque o episódio da publicação do meu livro em França, em Maio de 75, e o convite do programa de televisão Apóstrofes. A autorização continuou, porém, a ser-me negada. Este Verão pedi licença para atravessar a França por estrada, em dois ou três dias, sem passar por Paris, a fim de me dirigir a Portugal. A resposta continuou a ser negativa.

É quase mitológico, é como se me tomassem por Átila e

o alcatrão se inflamasse à minha passagem por uma auto-estrada francesa. Então resolvi encostar as autoridades à parede.

Assinei um contrato de trabalho como director literário adjunto das edições Belfond. Na altura em que as mercadorias circulam quase livremente na Europa, em que os homens passam as fronteiras sem controlo, em que se encara a hipótese de criar um passaporte europeu, o famoso passaporte cor-de-rosa, em que se decidiu eleger o Parlamento europeu por sufrágio universal, não vejo na verdade porque me proibem atravessar uma fronteira cada vez mais teórica e desusada.

A «LIVRARIA KARL MARX»

— **O que faz em Frankfurt? Como vive?**

— Primeiro trabalhei num jardim infantil, o da universidade, subvencionado pela municipalidade mas autogerido pelos pais.

Dois anos depois participei, com alguns camaradas, na fundação de uma livraria anotografada por uma colectividade, enfim, uma livraria comunitária. Actualmente somos oito. As tarefas são feitas por «roulemtens» e todos recebemos um salário igual. Discutimos todos os problemas de gestão, administração e até a minha ausência, neste momento, foi discutida. Vendemos livros políticos, vamos vender discos, sem discriminação, entre obras de esquerda e extrema-esquerda, com os quais estamos ou não de acordo. De resto chama-se «Livraria Karl Marx», quando o marxismo nos parece tão ultrapassado como a anarquia. Foi necessário vencer muitas dificuldades pessoais, relações de trabalho, autodisciplina, rentabilização. E vivemos em comunidade, o que seria difícil, ou até impossível, em Paris.

— **Considera a Alemanha actual mais liberal, mais fácil de lá viver, do que a França?**

— Claro que nem tudo é fácil e a minha situação bem o mostra. Mas é incontestável que o clima, em França, é em todo o caso mais aberto, mais leve, do que na Alemanha, onde o conformismo, a desconfiança, a ordem pesam cada vez mais. Quando se lê a Imprensa francesa, quando se ouve rádio ou se vê televisão, depresso se distinguem os limites daquilo que é possível escrever, dizer ou mostrar. Na Alemanha esses limites são infinitamente mais estreitos, abafam as pessoas. Pense no «slogan» eleitoral da C.D.U., «Unidade, solidariedade, disciplina».

Impensável em França, não é verdade? E, sobretudo, não nos batemos pelo que se disse, mas pelas omissões, pelo que não foi dito. Um jornalista que, a propósito de qualquer coisa, não denuncia nem condena uma reacção, uma orientação esquerdista ou comunista, é logo suspeito, é logo perseguido. Aqui, pelo contrário, são os ministros, os sindicalistas, os presidentes de universidade, os jornais, que adoptam o vocabulário, o tom esquerdista. A recuperação é instantânea e impressionante.

Isto faz com que me sinta desconcertado com tudo o que vejo e com o que ouço. Todos falam de modificar a vida, a sociedade. Depois surge um, caso como o dos sindicatos de soldados — um caso, diga-se de passagem, que lamentos tenha coincido com a minha viagem — e logo surge o frio, a intransigência, as prisões, as ameaças. O que ainda é mais estranho para mim é não serem os elementos da extrema-esquerda, ou o P.S.U. quem é posto em causa pelo poder, mas sim o partido socialista, o C.E.D.T. Então não compreendo, não vejo a lógica de tudo isto, e interrogo-me.

— **Como se situa hoje politicamente?**

— Nem marxista, nem anarquista, nem, já o disse, maoísta. Se tento situar-me, faço-o na corrente antiautoritária, anti-hierárquica, que se desenvolveu por ocasião da guerra do Vietname, que se manifestou e se manifesta no movimento alemão, em França, na Itália, para mudar a vida e a sociedade. A revista que publicamos chama-se «Autonomia».

Verifico uma ruptura e uma impregnação. Parece-me que o sistema político e social, tal como existe e funciona nos nossos países suportará cada vez mais debates e será cada vez mais bloqueada. O movimento revolucionário também está em causa, como todo o resto. Há como que uma esclerose e ele cada vez se atreve a pôr menos problemas, a imaginar menos, justifica-se constantemente e está na defensiva. Isto vê-se ao nível da ideologia e até do vocabulário.

Por outro lado, e é por isso que me sinto optimista, apesar de tudo, a tomada de consciência das massas acentua-se nos mais variados e às vezes mais inesperados domínios. Na Alemanha, contra as centrais nucleares; na Itália contra a destruição da Sardenha por uma industrialização que nem mesmo produz empregos, ou que produz muito poucos; na França com o Larzac (ontem), os sindicatos de soldados (hoje). Não pretendo prever o futuro nem ter receitas, mágicas, mas acho que nos próximos cinco anos haverá uma redefinição radical daquilo que deve ser um movimento revolucionário.

— **Na Europa?**

— Sim, na Europa. A Europa é tipicamente um dos assuntos que fazem a extrema-esquerda estar na defensiva. Ela limita-se a falar da Europa dos trabalhadores contra a Europa dos monopólios, mas sem procurar saber o que isso quer dizer numa época em que se fabrica um avião com um motor inglês, uma cabine francesa, rodas alemãs e electrónica italiana. Fala de internacionalismo numa altura em que ela própria se divide em organizações nacionais.

No entanto, clivagens de toda a ordem, políticas, sociais, ideológicas, de maneira de viver, fazem-se cada vez mais para além das nacionalidades. Há uma diferença maior entre um burguês ou um industrial alemão e um operário ou um pequeno camponês também

Continua na pág. 12

Nacional



Tabaco: um aumento mal recebido

Dois milhões de contos é quanto o Estado vai buscar à boca de quem fuma, só em cigarros portugueses. Desconhecemos os rendimentos exactos do tabaco estrangeiro controlado pela Alfândega; presumimos que não serão também pequenos. O previsto aumento tem isso de democrático — tocará a todos, inclusive os fumadores de cachimbo.

Se o cliente dos cigarros classificáveis como de semiluxo («SG», «Porto», «Ritz» e «Negritas», entre outros) pode ver sair-lhe das algibeiras mais 5\$50 em cada maço, cerca de três tostões em cada cigarro, o viciado dos «proletários» («Provisórios», «Definitivos» e «Lusos») tem mais treze tostões a desembolsar — um tostão e pico a mais em cada unidade.

Menos afortunado é o cliente que gasta o que pode ser considerado realmente um luxo. «Nobel», «Estoril», «Sintara», «Valetes» e «Plaza». Vinte

escudos é quanto passará a custar qualquer dessas marcas a partir de Janeiro, sem que se perceba se as espirais do seu fumo valerão assim tanto.

«Não sei se conseguirei resistir aos cigarritos» — disse para quem o quis ouvir, entre duas fumaças, Américo Guedelha. E mais: «Tá a ver, fumo 'Paris' (mais 3\$80 nos 20 cigarros), que, parece, vai custar onze mil réis. Francamente não sei... Mas é como tudo: hesita-se nos primeiros dias, fuma-se menos, e depois tudo se recompõe. Sempre assim tem sido».

Américo Guedelha, que foi recordista do Benfica em atletismo, fuma desde os 13 anos. Para azar seu já vai nos 48 (anos) e nos 50 (cigarros) por dia. E sempre fumou, mesmo quando o treinador Fernando Ferreira lhe aconselhava o contrário.

NEGÓCIO DE ESTADO

«Sei que o tabaco será aumentado pelo que tenho lido e que mesmo assim é pouco.

Acho que os preços que estão a fixar aos cigarros são absurdos, mas como é negócio puramente de Estado...». Estas palavras pertencem ao proprietário da Casa Havaneza, com interesses no ramo. Assim como esta declaração: «Aumento extremamente inoportuno, porque serão muitos os que deixarão de fumar».

«É que, se fossem só os cigarros a subir, ainda se admitia. Mas muito outros produtos» (referia-se ao café e aos géneros de primeira necessidade) «vão passar pelo mesmo». «Logo» — concluiu —, «haverá um retraimento muito compreensível. Era bom que me enganasse, lá isso era».

Pouco depois registámos este desabafo numa pastelaria do Areeiro — que o fumo ameaçava. «De duas maneiras», acrescentou o aparente viciado: «a algibeira e a saúde. Vou cuidar da saúde sem esquecer a bolsa».

O inveterado fumador, sem se identificar, acrescentaria: «Eu sei que o Governo precisa de dinheiro, que o País não produz, que a política é uma

cabaça, mas não vou em histórias: a partir de Janeiro não fumo mais». E, enquanto muitos duvidavam da sua espontaneidade, o homem adiantou que «o dinheiro dos cigarros vai direitinho para o mealheiro do meu neto, filho de um dos nove que a mulher me deu. Sou um homem, caramba! Já o provei pelos nove e vou confirmá-lo mandando o tabaco para o diabo!» (Sem comentários.)

CONJUNTURAS E CONJECTURAS

«É preciso ajudar os socialistas a resolver os seus problemas» — ouvimos do lado a outro consumidor de tabaco, esse bem mais optimista. «Há anos que fumo sessenta cigarros todos os dias, que é qualquer coisa como três maços. Não vejo razão, por ora, para fumar menos. Além disso» — emendou de pronto — «trabalho 15 horas por dia. Tenho, portanto, todo o direito de fumar mais que o que trabalho. Ou somos democratas ou não somos nada». (Também sem comentários.)

O sr. Carlos Almeida, com quem falámos seguidamente, vê o aumento como «uma necessidade histórica» e os cigarros que fuma como «necessidade vivencial». Em seu entender, só quem não é português, em Portugal, pode boicotar ou contestar a subida de preço da marca que fuma.

Um outro comerciante da «Baixa», que contactámos para abrir das suas portas para mais um dia de trabalho, sem responder com decisão sempre nos disse ser «uma coisa esquisita» essa do aumento, de que tivera conhecimento pelos jornais. «Não lembra ao diabo um salto tão grande» — centuou — «num momento de crise como esta. Pode ser o princípio do fim para quem tem casas como a minha, que subsistem em função dos maços que por dia se vendem».

«Não tenho dúvidas em confessar» — disse por último — «que muitos estabelecimentos do ramo irão falir. É que na hora de apertar o cinto não sempre os vendedores de artigos supérfluos que sentem as maiores dificuldades. Não sei, não sei como vai ser tudo isto, porque se fala muito de conjuntura e pouco se conjectura. Adivinhe lá você o que vai acontecer a todos nós, sobretudo para quem, como eu, tem empregados»...

J. R.

Abastecimentos para os próximos meses

Numa entrevista concedida à Emissora Nacional, o secretário de Estado de Abastecimento e Preços afirmou que as divisas estão praticamente esgotadas e que o Fundo de Abastecimento terá um défice de perto de 100 milhões de contos no final deste ano, apesar da política de austeridade que se tem observado.

Referindo-se ao abastecimento de bens de consumo essenciais, o dr. Mário Baptista informou que ele estava assegurado para os próximos meses, embora não garantisse que isso se mantivesse durante todo o ano. O secretário de Estado previu que as dificuldades de abastecimento dos produtos essenciais se agravarão em 1977 se não forem tomadas medidas de fundo ao nível de organismos de coordenação económica, cuja orgânica considerou ultrapassada.

Quanto ao prosseguimento da política de cooperação económica com outros países, o ministro do Comércio Externo, ao regressar de Bucareste, afirmou que os contratos comerciais firmados com a Roménia se elevam a 20 milhões de dólares (cerca de 560 mil contos). Portugal vai exportar para aquele país conservas de peixe, azeitonas, cortiça, colónia, folha-de-flandres, tungsténio e ferro silício.

Ainda dentro do âmbito da cooperação industrial e técnica luso-romena, Jorge Campino referiu-se à construção, em Portugal, de uma comporta para as docas secas de uma região industrializada romena, à utilização pela Roménia das nossas capacidades disponíveis em matéria de refinarias e ainda à recuperação de navios daquele país nos nossos estaleiros.

Vinho: trasfegas sem demora

Numa nota enviada aos órgãos de Informação a Junta Nacional do Vinho faz notar junto dos vinicultores «a necessidade de procederem às primeiras trasfegas», antecedidas de uma análise com o objectivo de ser detectado qualquer defeito para correcção e poder orientar-se a fermentação no sentido de uma melhoria de qualidade.

A fermentação tumultuosa (termo do vocabulário específico da vinicultura) termina duas a três semanas após o envasilhamento — recorda a J. N. V. —, seguindo-se o depósito das habituais impurezas existentes nos vinhos: terras, poeiras, restos de sulfato e enxofre empregados nos tratamentos vitícolas e bem assim os detritos orgânicos constituídos por fragmentos de engaços e películas. A retirada do vinho do contacto com estes todos detritos orgânicos e inorgânicos, contribui para que a fermentação lenta se torne mais eficaz.

Nestas primeiras trasfegas — sintetiza ainda a nota da J. N. V. — não há que ter cuidados especiais de protecção do vinho do contacto com o

ar. O motivo é simples: continua a libertar-se abundantemente o anidrido carbónico. Por outro lado, e sabendo-se haver vinhos que ganham bastante com a primeira trasfega, aconselha-se para eles um forte arejamento sempre que mostrarem tendência para adquirir cheiro e sabor a sulfídrico.

UMA REVISTA POPULAR!
no TEATRO MONUMENTAL
(AR REFREGERADO)
Tel. 5553
HOJE: 2 SÉSSOES: 20.30 e 22.45 H
Domingo a tarde às 16 horas
VASCO MORGADO APRESENTA



Poema: Eduardo Dantas, Carlos Coelho, José Vilhena
Música: João Nogueira, João Vaz, Manuel Páez
MILÓ * CARLOS COELHO *
AIDA BAPTISTA * OCTAVIO DE MATOS
artista convidada
DELFINA CRUZ
atracção nacional
HELENA TAVARES
no «compère» CARLOS MIGUEL

O Internacional
VIP BALLET
18 «cultural»
bailarinas
e a colaboração de JÚLIO CÉSAR
(Não aconselhável a menores de 18 anos)

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

PORTARIA ORDENADOS MÍNIMOS

CONVOCAÇÃO

Convocam-se todos os trabalhadores de escritório (não abrangidos por qualquer C. C. T.), para um Plenário a realizar no Salão do Teatro Capitólio (Parque Mayer), no dia 17 de Dezembro, 4.ª feira, às 21 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Informação e esclarecimento prévio
- 2 — Formação do Grupo de Trabalho
- 3 — Aprovação dum plano de acção

Há que reforçar e organizar os trabalhadores.
PARTICIPAR NA VIDA SINDICAL
Lisboa, 1 de Novembro de 1975

A COMISSÃO DIRECTIVA PROVISÓRIA

Ajude o seu filho nos estudos... Ofereça-lhe uma calculadora electrónica

O seu filho perde muito tempo a fazer contas e a verificar a sua exactidão. E depois, não tem tempo para as outras matérias. É seu dever ajudá-lo!

Com uma calculadora electrónica da Texas Instruments, o seu filho fará qualquer conta apenas em alguns segundos.

E obtém sempre resultados certos.

A preços super-baixos, estas máquinas são da maior utilidade para a vida do seu filho.

Faça-lhe uma surpresa este ano. Uma calculadora electrónica, é a melhor prenda que lhe pode oferecer pelo Natal.

Escolha a que mais lhe agradar:

TI-1200

- Soma, subtrai, multiplica e divide.
- Obtém percentagens automaticamente.
- Virgula flutuante.
- Factor constante nas 4 operações.
- Regista até 8 algarismos.
- Cálculo de inversos.
- Potenciação a qualquer índice.
- Funciona a pilhas, mas possibilita a adaptação de um transformador de corrente.

- Garantia de seis meses.
- Assistência técnica em Portugal

TI-1250

- Faz as mesmas operações da TI-1200, mas...
- tem memória negativa e positiva.
- tecla para mudança de sinal do número inscrito no visor

Texas Instruments
electrónica na ponta dos seus dedos

Desejo informações mais detalhadas sobre estas calculadoras electrónicas Texas Instruments.
(escrever em maiúsculas)

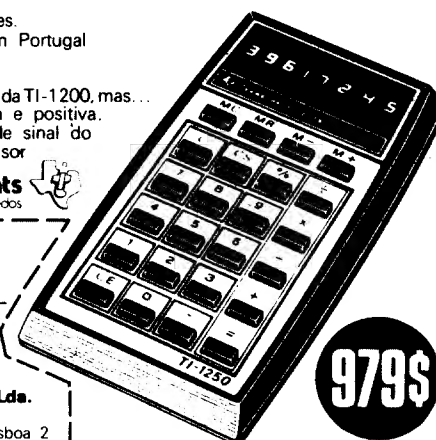
Nome _____
Morada _____

PLEXUS

Sociedade Comercial de Material de Escritório, Lda.
Loja: Largo de S. Carlos, 11 / Tel. 32 44 52 / Lisboa 2
Escritório: R. do Alecrim, 46, s/loja / Tels. 32 04 83-36 24 51 / Lisboa 2



679\$



979\$

Droga: a "viagem" para o irreal

Uma secção especial no Hospital de Santa Maria e um Centro de Estudos da Juventude, que a maioria da população portuguesa desconhece, ocupam-se hoje de tarefas consideradas vitais para o futuro deste País. Naquele estabelecimento hospitalar funcionam serviços de recuperação tóxica e, no Centro, umbilicalmente ligado a um departamento coordenador, procede-se a análises que possam acautelar, por forma preventiva e profiláctica, a vocação dos toxicómanos ou o desafio aos jovens que a droga e todo o mistério que a envolve possa motivar.

A ideia está, agora, em marcha. Os debates têm-se sucedido. E, socialmente, procura criar-se estruturas para atenuar angústias e recuperar os jovens que já não são virgens em libações ou no «fumo». Responder a dúvidas e denunciar situações e condições menos seguras são, também, tarefas da competência desse Centro num mundo dominado pelo «conflito de gerações» e pela libertinagem «feita» emancipação imediata. Da psicologia à investigação, o Centro de Estudos da Juventude tem os homens certos nos lugares exactos. E, mesmo assim, nem os toxicómanos deste País sabem que ele existe. Há uma razão para isso: é que as suas funções são recuperacionais e não repressivas.

O consumo e o tráfico de estupefacientes, multiplicados nos últimos vinte meses, justificam plenamente a sua criação. Sendo dois aspectos de uma só questão considerada escandalosa, têm em conta que em Portugal é cada vez maior o número dos que se drogam. Porquê e para quê?

Antes de respondermos a duas questões de um mesmo problema, adiante-se que é a Polícia Judiciária que compete investigar esta espécie de «infracções».

A Brigada Antidroga (não é esta a sua designação técnica) da PJ é insignificante, numericamente, em relação ao consumo de estupefacientes e à necessidade do seu efectivo «controlo» com vista a um papel que, sem ser repressivo, seja, como atrás salientamos, preventivo. Tanto o dr. Matos Fernandes como o dr. Claro, por sobrecarga de funções ligados à questão, o reconheceram em devido tempo.

Final, porque se desenvolveu tão repentinamente o seu consumo no País? Há causas próximas e causas remotas. Dez anos de guerra colonial contribuíram para muitos militares cedessem ao convite tácito para «experimentar». E, mais que «experimentar», comercializá-la. Esta é uma das causas próximas, porque das remotas, a mais importante pode ser o facto de nos encontramos no prolongamento da África do Norte, que influiu no desenvolvimento do fenómeno. Há, ainda, a influência da Europa, o mercado holandês e marselhês, e o facto de Portugal poder ser uma espécie de «plaque tournante» ou um ponto de trânsito importante para o seu tráfico.

Para que o seu uso e abuso seja combatido — capazmente impõe-se que existam clínicas apetrechadas, como em Londres e Liverpool, Amesterdão ou Genebra, por exemplo, onde, apesar de tudo, o grau de recuperação é bastante baixo. Entretanto, a marijuana e a liamba são extraordinariamente consumidas em Portugal, «correndo» entre trinta e trinta e cinco «paus» a grama. Vêm depois a LSD (150\$00) e a ha-

xixe (50\$00). A morfina é vendida ao preço do mercado farmacêutico e a cocaína e a heroína são já drogas de luxo. Há quem defenda, mesmo em Portugal, que ao contrário da generalidade dos crimes, a cadeia não é solução para atenuar o consumo de produtos tóxicos ou psicotrópicos. Daí a criação do Centro de Estudos da Juventude.

DEPENDÊNCIA E TOLERÂNCIA

A nível internacional aponta-se como causa imediata da vocação tóxica o desenvolvimento prodigioso da ciência e da técnica, consideradas como grandes vitórias da civilização industrial. Uma e outra permitiram ao homem libertar-se de numerosos encargos materiais e, em contrapartida, submetê-lo a uma ansiedade e a uma tensão crescentes.

Os jovens reagiram de forma inesperada a essa realidade para (aparentemente) melhor suportarem o ritmo acelerado que a existência exige, e a que nem o tabaco, nem o álcool ou os medicamentos resistem. Entrou-se, assim, num outro tipo de alienação em que a juventude procurou outras formas de vida, outros anseios na estrutura social.

Há os que condenam o sistema, o «establisement», desejando um mundo menos violento e mais justo. E refugiam-se na droga e nos estupefacientes, como se isso fosse solução para construir um «mundo justo» ou «uma sociedade menos violenta», um «sistema mais equitativo». A inexperience na vida, tendo como aliada a imaturidade própria de muitos jovens, facilita o aceso, o desejo das «viagens» e, na maioria dos casos, a ruína física e espiritual, a derrota na luta para a construção de uma «sociedade mais justa e equitativa».

Há os que se drogam ocasionalmente, com substâncias ditas «menores», com o desejo de alcançar o prazer e a ataraxia espiritual, ou a ideia de descobrir em si uma maior comunicação com os outros. Outros recorrem aos produtos psicotrópicos para acalmar um sentimento de angústia face aos problemas do quotidiano, à existência, aos amigos. Arriscam-se a tornar-se «dependentes». Os toxicómanos, os «drogados» ou, melhor, os «dependentes», são todos aqueles que todos os dias têm de ingerir a sua substância (ou a sua «justificação»). No seu rol incluem-se aqueles que «experimentaram» uma vez e nunca mais deixaram de «fumar». Constituem o mundo dos «doentes» que começaram pelo haxixe.

É necessário conhecer-se, teoricamente, os efeitos de cada um dos produtos — e ter em conta que a solução dos nossos problemas não passa pela ingestão de qualquer dos «tónicos» supracitados — para evitar cair na sua dependência.

E assim que toda a substância psicotrópica não é mais que um produto que altera o cérebro do indivíduo e modifica as suas relações psicológicas (afectividade, sono e vida psicológica). É assim que não podemos ignorar que a droga propriamente dita é uma substância de origem industrial ou natural de que se faz uso com fins não medicamentosos, e o seu abuso um recurso acidental ou regular que conduz à ruína da sua saúde.

O que é a dependência ou a tolerância? Dependência é o estado em que todo o indivíduo sente quando se acostumou a tomar a sua «droga» e não pode «passar» sem ela, porque isso equivalerá a perturbações, suores, estremecimentos, náuseas, dores difusas, vômitos, diarreias. É o fenómeno da «falta» ou da abstinência. Tolerância ou acostumação é o que se pode considerar como adaptação biológica do organismo do indivíduo que procura ingerir uma dose cada vez mais forte para sentir os mesmos efeitos.

Entre os vários tipos de drogas que normalmente os jovens «tomam», contam-se o cânhamo indiano (marijuana e haxixe), os medicamentos (excitantes e calmantes), os alucinógenos (LSD, mescalina e psilocibina), os estupefacientes (morfina, heroína e todos os seus sintéticos) e «outros tipos» em que se incluem a cocaína e outros derivados técnicos.

O haxixe e a marijuana (cannabis), a marijuana, a psilocibina e o LSD (grupo dos alucinógenos), assim como as anfetaminas (medicamentos excitantes) e os tranquilizantes, analgésicos e soníferos (medicamentos calmantes), o opio, os seus derivados, a cocaína, a morfina e a heroína (estupefacientes) provocam dependência psíquica, mas não física. Os calmantes e os estupefacientes têm, em certos casos, uso medicamentoso, o que nunca acontece relativamente ao cânhamo indiano (marijuana e haxixe) ou a qualquer dos alucinógenos, salvo nas pesquisas psiquiátricas. O mesmo, aliás, em relação às anfetaminas (excitantes), usadas para estimular o rendimento nas competições desportivas e que podem, face a um esforço desusado, provocar a paralisação do organismo e, reflexamente, a morte (lembre-se Tom Simpson e o seu desaparecimento num «Tour de France»).

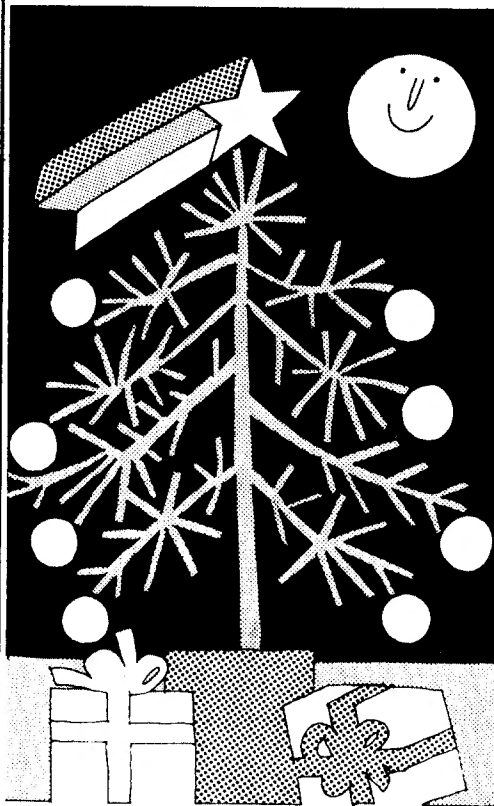
NEGÓCIO RENDÍVEL

Para lutar contra o tráfico dos estupefacientes todos os países têm um serviço policial especializado. A Interpol compete uma função extremamente vasta, à escala mundial, em oposição aos «modernos meios de comunicação» dos traficantes. É assim que muitas das cargas enviadas de Amesterdão e Marselha são interceptadas nos seus pontos de despejo (Palm Beach, Panamá, Rio de Janeiro e S. Francisco), ou mesmo «congeladas» no seu trajecto (entre Haia e Lisboa, Marselha e Rio de Janeiro, Knok-le-Zout e Dover).

Há, no entanto, países onde ela chega intocável, designadamente a Espanha e o Chile. Os segredos de Estado estão acima dos interesses das populações, porque as suas polícias políticas não hesitam em usar



**Faça férias
Portuguesas!**
ESPECIAL
NATAL E FIM DO ANO EM PORTUGAL



**PARTICIPE
NESTE PROGRAMA ESPECIAL
E HABILITE-SE A VIAGENS
E ESTADIAS GRÁTIS NAS POUSADAS DE PORTUGAL**

**CONSULTE
AS AGÊNCIAS
DE VIAGENS**

Geral



La Pasionaria

"Até breve em Madrid!"

ROMA, 16 (ANOP, UPI) — três países aplaudiram ontem Cantando «Dolores a Madrid», calorosamente Dolores Ibarruri, comunista e socialista de esquerda, presidente no exílio do Partido Comunista Espanhol.

PUB

SINDICATO DA MESTRANÇA E MARINHAGEM DE CÂMARAS DA MARINHA MERCANTE

Largo Conde Barão, 27-2.º — LISBOA Telefones: 660881-608914

CONVOCAÇÃO

2.º ANÚNCIO

Ao abrigo do n.º 6 do Art.º 36.º dos Estatutos, são convocados todos os sócios do Sindicato a reunirem em Assembleia Geral Ordinária no dia 20 do corrente mês de Dezembro, pelas 15.00 horas na sede do Sindicato dos Marinheiros Mercantes de Portugal, na Calçada Salvador Correia de Sá n.º 42-2.º — LISBOA, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Apreciação e aprovação do Orçamento Ordinário para o ano de 1976
- 2 — Esclarecimento sobre o Contrato Colectivo de Trabalho e
- 3 — Apreciação de vários assuntos de interesse para a Classe.

Nos termos dos Estatutos, se à hora indicada não houver número legal de Sócios a Assembleia funcionará legalmente meia hora depois com qualquer número.

Lisboa, 15 de Dezembro de 1975.

O Presidente da Mesa
Gilberto Lopes Albuquerque Pinheiro

MOBILIÁRIO E MÁQUINAS P.º ESCRITÓRIOS

GR. COLECÇÃO DE GRAVURAS E OUTRAS ANTIGUIDADES; DECORAÇÃO, MOBILIÁRIO DOMÉSTICO, UTENSÍLIOS E UTILIDADES DIVERSAS

LEILÃO

Por encerramento de importantes escritórios de advocacia, serão vendidos todos os bens, pela maior oferta e sem base de licitação

AMANHÃ 4.ª FEIRA, ÀS 15 HORAS
RUA VICTOR CORDON, 45 - B

Constituído por bom mobiliário metálico e em madeira, máquinas, condicionadores de ar, alcatifas, reposteiros e aparelhagem de 13 GABINETES; bom mobiliário, decorações e aparelhagem das SALAS DE REUNIÕES, DE ESPERA e/ou de recepção, assim como do ARQUIVO, LIVROS e todos os outros complementos de 20 DIVISÕES, que estarão EM EXPOSIÇÃO AMANHÃ, das 10 às 13 horas

SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ, N.º 1
Tel. 512 929 - 514 78 - 421 814
AFRAFILHOS, Lda

Nota oficial

O problema do açúcar

Não tem havido os mínimos privilégios nos contactos de fornecimento de ramais de açúcar à Administração-Geral do Açúcar e do Alcool, afirma categoricamente uma nota do Ministério do Comércio Interno, que chama por outro lado a atenção para o facto de as aparentes incongruências sectoriais se deverem não só às flutuações do mercado.

O documento é do seguinte teor: «Alguns órgãos de comunicação social têm vindo a fazer insinuações acerca dos contratos de fornecimento de ramais de açúcar, efectuados pelo organismo competente, a Administração-Geral do Açúcar e do Alcool.

Nesse sentido, insinua-se que os contratos, indispensáveis para o abastecimento do País, privilegiam certos países, tendo que as operações comerciais tornem o açúcar mais caro.

Com vista a completo esclarecimento da população se dá conta nos contratos efectuados pelo País em 1974/75, bem como se tecem algumas considerações oportunas acerca da situação do mercado mundial do açúcar.

Assim:

1. — Cerca de 75 por cento da produção açucareira mundial, que ronda os 80 milhões de toneladas, são consumidos pelos países produtores. O comércio internacional exerce-se, portanto, sobre cerca de 20 milhões de toneladas por ano, das quais 5 milhões são vendidas no quadro de arranjos especiais existentes entre alguns grupos de países, como sejam as exportações de Cuba para diversos países socialistas, da URSS para esses mesmos países e as exportações para a CEE, de acordo com a Convenção de Lomé, negociada em Fevereiro de 1975. Entre os 9 países daquela Comunidade e 46 países em vias de desenvolvimento, em África, Caraíbas e Pacífico, que veio de certo modo substituir o Acordo Açucareiro com a Comunidade Britânica cuja validade expirou em fins de 1974. Nessa altura, tinha também caducado o Sugar Act of 1948, firmado entre os Estados Unidos da América do Norte e diversos países.

do Comunista Espanhol

Reunidas no Palácio dos Desportos de Roma, cerca de 20 000 pessoas em que se incluíam dirigentes dos partidos Comunista e Socialista de Portugal, Espanha e Itália, assistiram à reunião comemorativa do 80.º aniversário da mulher que ficou conhecida por «La Pasionaria» durante a Guerra Civil Espanhola.

«Não vos digo adeus, mas até breve em Madrid», declarou Dolores Ibarruri, que vive em Moscovo, à multidão.

«Na realidade esta demonstração devia verificar-se em Madrid. Se estamos aqui em Roma, é porque, apesar da morte de Franco, o franquismo ainda não foi enterrado. Devemos completar o trabalho. Enquanto Dolores Ibarruri não puder falar livremente em Espanha o franquismo não terá acabado», proclamou o secretário-geral do Partido Comunista Espanhol, Santiago Carrillo.

Portugal e Roménia abolem vistos

Segundo os termos de um aviso publicado no «Diário do Governo» de hoje, foram abolidos os vistos para viagens entre Portugal e a Roménia.

Os titulares de passaportes válidos de quaisquer dos dois países poderão entrar no outro, para uma estadia não superior a 90 dias, sem necessidade de obter previamente um visto de trânsito, de entrada ou de saída.

O visto ficará reservado para os membros de missões oficiais, para os emigrantes e para as visitas que demorem mais de 90 dias.

CONGRESSO DA INDÚSTRIA

Promovida pela C. I. P., vai decorrer no Palácio da Bolsa, no Porto, de 19 a 21 do corrente, a 2.ª fase do Congresso da Indústria Portuguesa, que se ocupará de diversos temas, designadamente o papel da Confederação da Indústria Portuguesa e dos órgãos intermédios no actual contexto sociopolítico, associativismo empresarial, informação: criação de um banco de dados, política de apoio às pequenas e médias empresas e medidas de revitalização da actividade a curto e médio prazo.

Participam representantes da quase totalidade do sector privado da indústria portuguesa, sendo os temas tratados por grupos de trabalho a constituir para o efeito. Os trabalhos serão orientados pelos presidentes das comissões executiva da C. I. P. e organizadora do congresso.

No final serão discutidas e ratificadas as conclusões das 1.ª e 2.ª fases deste encontro, que serão objecto de uma comunicação especial.

FORÇA AÉREA

CENTRO DE RECRUTAMENTO E MOBILIZAÇÃO N.º 1

AVISO

TRANSFERÊNCIA DE INSTALAÇÕES

É por este meio avisado todo o público interessado de que os Serviços deste Centro (Chefia e Secção de Recrutamento) que têm funcionado na Rua Newton N.º 6 r/c, em Lisboa, passam a estar instalados, a partir do dia 18 do corrente na Rua Martens Ferrão N.º 26-2.º em Lisboa, com os seguintes telefones:

Central — 573315 - 573915 - 573962;
Chefe do CRM — 573365;
Chefe da Secção de Recrutamento — 557042

Lisboa, 11 de Dezembro de 1975.

O CHEFE DO CENTRO

João Calado Orvalho
ten. cor. pil

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8 56202, do arquivo n.º 1 para o estabelecimento na freguesia e concelho de Sines, de uma linha aérea a 30 kV, com 115 m. de apoio n.º 115 da linha LI 30-70 Santiago-Sines II ao posto de transformação de Captação de Águas da Câmara Municipal de Sines (Águas JK).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Replicação de Licenciamento, em 2 de Dezembro de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8 55926, arquivo n.º 4 para o estabelecimento na freguesia de S. Jorge do Selho, concelho de Guimarães, de uma linha subterrânea a 15 kV, com 97 metros, do poste n.º 6 da linha Pevidem (U. E. P.)-Pevidem (Chenop) ao posto de transformação da Sociedade Têxtil Albano Coelho Lima, SARL — Estação de Tratamento de Águas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Replicação de Licenciamento, em 20 de Novembro de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Nacional

NOVO MATUTINO DE ESQUERDA

"O Diário" sai em 3 de Janeiro

No dia 3 de Janeiro será posto à venda em todo o País um novo jornal matutino, de esquerda, com o nome de «O Diário». De formato tabloide o novo jornal será dirigido por Miguel Urbano Rodrigues, um dos mais reputados jornalistas da América Latina, onde esteve exilado vários anos em virtude da sua posição e luta antifascistas.

A redacção, que será composta por cerca de trinta elementos, será chefiada por Armando Pereira da Silva, que para o efeito se demitiu do «Diário de Lisboa», onde exercia idênticas funções. «O Diário», que é propriedade da Editorial Caminha, recentemente constituída, terá como subchefes de redacção Miguel Serrano (ex-director de «Vida Rural») e ex-chefe de redacção do «República») e Daniel Ricardo (que dirigia a redacção de «A Capital»).

A presidência do Conselho

Em ABRANTES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na firma Casa Martins, Lda. Praça Visconde de Abrançãlia

de Administração foi confiada ao historiador e poeta António Borges Coelho. O novo órgão de imprensa disporá de organização própria de distribuição e, segundo Pereira da Silva, destina-se «a desenvolver uma informação objectiva, não sectária, que sirva à luta dos democratas e antifascistas portugueses. Terá — disse-nos ainda — um carácter unitário en-

volvendo todos os interessados na luta pelo socialismo em Portugal».

Uma parte da redacção de «O Diário» encontra-se já em funções. O novo matutino contará também com uma delegação no Porto e correspondentes em várias cidades do País e em várias capitais da Europa, África e América Latina.

Direcção socialista no "Diário de Notícias"

Foram nomeados para director e sub-director do «Diário de Notícias» os jornalistas Vítor da Cunha Rego e Mário Mesquita, respectivamente, ambos do P. S., e o segundo deputado à Constituinte pelo mesmo partido.

Exilado durante 16 anos, Cunha Rego percorreu vários países, entre os quais o Brasil, em cuja imprensa trabalhou.

Foi o fundador do «Directório Ibérico de Libertação» (DIRL), e membro da Acção Socialista Portuguesa (A. S. P.), desde a sua fundação. Mário Mesquita foi redactor do «República» durante a direcção de Raul Rego e chefe da secção de política internacional do «Jornal Novo».

A administração da Empresa Nacional de Publicidade, proprietária daquele jornal passa a ser constituída pelo coronel Mário Andrade, por Fernando Lyon de Castro e Fernando Oneto, destacado elemento socialista que durante o fascismo desenvolveu importante papel na acção da L. U. A. R.

Prevê-se entretanto que o «Diário de Notícias» saia à rua ainda esta semana, possivelmente na quinta-feira.

CHERIA COLECTIVA NO «JORNAL DO COMÉRCIO»

O «Jornal do Comércio», por proposta do seu novo director, Luís Salgado Matos, ratificada pela Redacção, nomeou uma chefia colectiva constituída pelos jornalistas Afonso Rato, Cyrilo Damião, Francisco Neves e João Mendes.

O chefe de Redacção cessante, Melo Mata, passou a redactor principal.

"O AntiFascista" um jornal em dúvida

A imprensa matutina anuncia a saída, na próxima semana de um jornal bi-semanário que será editado pelo M. U. T. I., numa tiragem de 50 mil exemplares.

Prevê-se desde já que em breve o novo órgão de Informação passe a diário com 100 mil exemplares para distri-

buição em todo o País. Esta notícia foi dada no decurso de uma reunião realizada em Coimbra, para a constituição e arranque do Movimento Unitário de Trabalhadores Intelectuais (M. U. T. I.), que teve a presença de numerosas pessoas, na sua grande maioria, professores universitários e liceais, escritores, poetas, médicos, advogados, engenheiros e arquitectos.

Nesse encontro, foi igualmente anunciada para muito breve a criação de um conselho nacional antifascista.

O M. U. T. I., que em Lisboa já conta com mais de dois mil aderentes, visa constituir uma força que estanque uma possível viragem para o fascis-

mo através da perda de liberdades já alcançadas.

Entretanto, contactado pelo «DL», o dr. Luso Soares, do Secretariado do M. U. T. I. desmentiu cabalmente qualquer projecto de publicação emanada por aquele Movimento. Nesse sentido será tornado público um comunicado em que se refutaram os rumores acerca do «ANTIFASCISTA», jornal que, segundo Luso Soares, é uma invenção tão especulativa como os 50 mil exemplares de tiragem que se lhe atribuíram.

Aquele advogado aproveitou o ensejo para lamentar a notícia do «JC», que considera aquela organização como «subsidiária do P. C. P.»

INQUÉRITO NO R.C.P.

A comissão de inquérito nomeada pelo Conselho da Revolução, para a análise da situação do Rádio Clube Português inicia esta tarde os trabalhos. Segundo a interpretação oficial, daquela Comissão, irá proceder «a uma investigação sobre os factos passados em R. C. P. e que, de um modo ou

de outro, estão relacionados com a actuação das Forças Militares em 25 de Novembro».

O grupo de inquérito é composto pelos tenente-coronel João José Pinho do Sacramento Gomes, major de infantaria Fernando Ramos dos Reis e capitão Luís de Oliveira Martins.

PUB

Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa

Av. Visconde Valmor, 34-1.º Lisboa - 1

Telefones: 770274 - 763276 - 770066

MOÇÃO

Os Trabalhadores dos Transportes Rodoviários, reunidos em Assembleia de Delegados, ao tomarem conhecimento das perseguições de que o seu Sindicato tem sido alvo por parte dos Comandos, em buscas sucessivas às suas instalações, repudiam veementemente tais atitudes que consideram contra-revolucionárias e atentórias dos direitos dos trabalhadores.

Resolveram também enviar ao Sr. Presidente da República esta moção, aprovada por unanimidade e aclamação pelos 300 Delegados presentes, lembrando que o Sindicato é a casa dos trabalhadores, pelo que exigem a sua intervenção imediata no sentido de pôr cobro a atitudes que nada contribuem para a unidade e serenidade pedidas e para que a acção dos Comandos se concretize de futuro na defesa dos reais interesses das classes trabalhadoras.

Lisboa, 12 de Dezembro de 1975.

Pel'A DIRECÇÃO
João Sérgio Branco

S. R.
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Ferreira do Alentejo, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a cont da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8/55358, do arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia de Figueira de Cavaleiros, concelho de Ferreira do Alentejo, de uma linha aérea a 15 kV com 5225 m, do poste n.º 99 da linha para a Herdade dos Patos ao posto de transformação 1 e posto de transformação 2 da Herdade da Malhada Velha.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

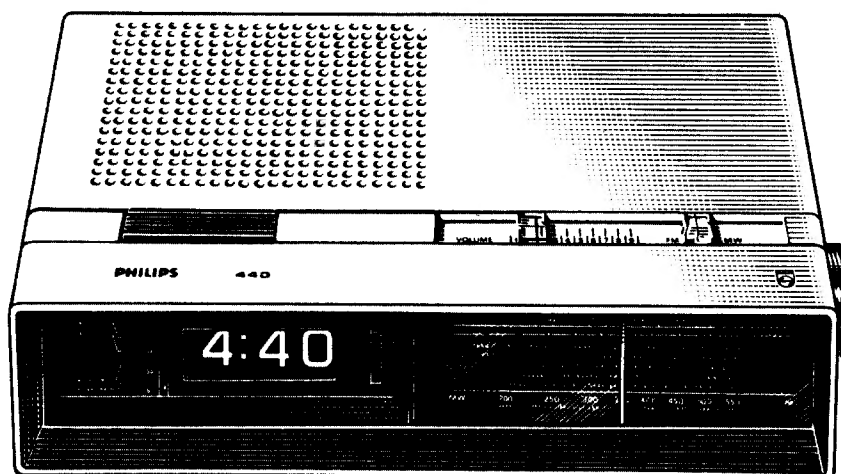
Repartição de Licenciamento, em 26 de Novembro de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

OFEREÇA UM NOVO rádio-relógio Philips

a sua amizade será lembrada a todas as horas!

Despertar com o programa preferido, em OM ou FM. Para os mais dorminhocos, o despertar pode ser feito com música e besouro. Adormecer tranquilo ao som da música. O rádio desliga automaticamente decorrido o tempo desejado (máximo 1 hora). Relógio digital iluminado de grande exactidão, accionado por motor síncrono. Na cozinha, pode ter grande utilidade como avisador para cozinhas com tempos determinados.



PHILIPS

RÁDIO-RELÓGIO RS440-UMA PRENDA MODERNA, ÚTIL PARA TODA A GENTE
AVENDA NOS AGENTES PHILIPS EM TODO O PAÍS

PHILIPS FAZ PARTE DA SUA VIDA

Presentes de Natal

OS MAIS ÚTEIS
SÃO ELECTRODOMÉSTICOS

VENDEMOS AOS PREÇOS INFERIORES
DO MERCADO

Rua de S. Paulo, 192 — LISBOA

Trabalho

NA FORÇA



Sanear, sanear...

O saneamento por parte dos trabalhadores, da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Gondomar, verificado recentemente, tem sido alvo de críticas naquela vila.

Com vista a uma tentativa de resolução do problema, está marcada para hoje, ao fim da tarde, uma reunião do Governo Civil do Porto com representações do P. S., P. P. D. e P. C. Esta situação já se arrasta há bastante tempo e as opiniões dividem-se. A comissão de moradores declarou à TV que apoiava a actual comissão administrativa, enquanto o presidente desta considerou uma injustiça certas afirmações pois sempre esteve a comissão ao serviço da população de Gondomar.

NO MINISTÉRIO DO TRABALHO

«Num momento em que é notória a recuperação da direita e a preparação do fascismo para o assalto ao Poder, são criminosos os saneamentos à esquerda. Por isso nos opomos a eles ainda com maior firmeza e determinação» — afirma num documento, a União dos Sindicatos de Lisboa/Intersindical referindo-se às suspensões verificadas ultimamente no Ministério do Trabalho dos drs. José Barros Moura e Eugénio Rosa, respectivamente dos cargos de director-geral e director de serviços de Lisboa da contratação colectiva de trabalho daquele Ministério.

Depois de se referir a mais trabalhadores daquele «edifício da Praça de Londres» que já foram afastados, conclui o documento: «Quem, dizendo-se democrata ou socialista, continua a fazer essa política, abre perigosas brechas na capacidade de defesa da jovem democracia portuguesa, assume perante a História uma pesada responsabilidade por comportamentos que, consciente ou inconscientemente, conduzam à ditadura terrorista do capital, o fascismo».

UMA SATISFAÇÃO

Os trabalhadores da CUF, reunidos nas fábricas do Barreiro aprovaram e decidiram enviar ao Presidente da República uma moção em que exigem ao general Costa Gomes «uma satisfação ao Povo português pelas perseguições de que são alvo os filhos do nosso povo e levadas a cabo por fascistas declarados; denunciaram às agências de comunicação internacional a situação difícil actualmente existente no nosso país, de modo a chamarem a atenção da opinião pública internacional e dos trabalhadores em particular, para os perigos que correm as massas trabalhadoras portuguesas neste momento, que a curto prazo os conduzirão, sem o quererem a um novo Chile da Europa». Afirmam, a terminar, a sua firme disposição de lutar pelo reforço das liberdades.

C. T.'s REÚNEM-SE E AVANÇAM

Com o fim de eleger o Secretariado do Conselho de Trabalhadores da Assembleia Popular da Zona Ocidental de Lisboa, realizou-se um plenário que contou com a presença de dezenas de C. T.'s da região.

O Secretariado Provisório é formado pelas comissões de trabalhadores da empresa Aliança, F. I. L., Pão de Açúcar, Gelmar, Eugénio e Severino, Lda., Sidul, Mensor, Lisnave, Américo, Carris, C. R. G. E., C. T. M. e Empresa Progresso Industrial. Finalidade deste Secretariado: «dar satisfação às legítimas aspirações dos trabalhadores no sentido da construção de uma sociedade socialista».

OPERÁRIOS DAS PEDREIRAS

A ocupação das instalações do Instituto do Ministério do Trabalho de Braga pelos trabalhadores das pedreiras de Braga, Vila Real, Viana do Castelo, Bragança e Guarda terminou com mais uma vitória para os operários. De facto, foi garantida a publicação no próximo boletim do Ministério do Trabalho, do alargamento ao distrito de Braga do C. C. T. vigente no Porto, o qual sanciona salário diário em vez de por tarefa, como vinha acontecendo nesta região.

CINTURA INDUSTRIAL DE LISBOA

"Unidade e combatividade"

Finalizando com a palavra de ordem «unamo-nos contra a reacção e o fascismo», o Secretariado Provisório das Comissões de Trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa difundiu um longo comunicado no qual se insurge contra a prisão de dois elementos pertencentes ao sector da construção civil, ao mesmo tempo que denuncia o propósito de envolver os órgãos representativos da vontade popular no «golpe» de 25 de Novembro.

O Secretariado Provisório chama a atenção para os encontros realizados durante a última semana onde, depois de analisada a situação, se «reforçou toda a unidade e combatividade» no sentido da «salvaguarda e avanço das conquistas revolucionárias».

O documento que reprovava a designação de «contra-revolucionários» que está a ser dada aos militares e civis presos, além de exigir a sua libertação

e «urgentes e severas medidas» contra as actividades contra-revolucionárias, o levantamento das medidas congelando a contratação colectiva, saúde «calorosamente todos os trabalhadores portugueses, pela unidade, serenidade e disciplina revolucionária de que deram e continuam a dar provas».

«O 25 de Novembro — afirma o comunicado — permanecerá como uma grande manifestação de profundo descon-

tentamento de militares dirigidos por uma política de direita que a reacção aproveitou».

O documento termina, chamando a atenção para os problemas do «nosso processo de descolonização» provocados pela «pressão do imperialismo», referindo também que «a participação dos trabalhadores na construção económica do País não lhes poderá ser exigida, ao mesmo tempo que se procura privá-los dos órgãos de comunicação social».



MUNDO CAPITALISTA

Desemprego 17 milhões de trabalhadores

O número total de desempregados, nos países capitalistas desenvolvidos, atingiu, em 1975, um valor verdadeiramente «record».

Segundo elementos estatísticos divulgados pelo B.I.T., Bureau International du Travail, os países industrializados (18 da Europa, E.U.A., Canadá, Japão, Austrália e Nova Zelândia), totalizavam cerca de 17,1 milhões de desempregados, em Setembro do corrente ano.

Este número, que representa 5,2 por cento da mão-de-obra,

corresponde a um aumento de seis milhões relativamente ao mesmo mês do ano anterior.

Nunca, nos últimos 40 anos, se registaram valores tão elevados. No momento mais crítico da crise capitalista dos anos 1932-34, o número de desempregados nos mesmos 23 países ultrapassou 25 milhões, atingindo, em bastantes casos, 20 a 35 por cento da mão-de-obra.

Levando em consideração a média de pessoas de família que, habitualmente, se encontram a cargo de cada trabalha-

dor, naqueles países, conclui-se que o número de pessoas directamente afectadas pelo desemprego, em Setembro deste ano, atinge o valor global de 40,4 milhões (aumento de 23,3 milhões em relação aos desempregados) — correspondendo a mais 14,1 milhões relativamente aos doze meses anteriores.

Embora as taxas de desemprego na Europa permaneçam inferiores à média do conjunto dos 23 países considerados, é neste continente que se encontra mais de metade dos seis

milhões suplementares: perto de 1,1 milhão na Europa Ocidental (R.F.A., Austrália, Bélgica, França, Holanda e Suíça), mais de um milhão na Europa mediterrânica (Espanha, Grécia, Itália, Portugal, Turquia e Jugoslávia), e mais de 900 mil desempregados na Europa do Norte (Dinamarca, Finlândia, Irlanda, Noruega, Reino Unido e Suécia).

No último ano, os Estados Unidos e o Canadá têm mais de 2,5 milhões de desempregados, contra 400 mil no Japão, Austrália e Nova Zelândia.

NA SETENAVE

Controlo operário tem órgão próprio

«O controlo operário deve ser feito por todos os trabalhadores a partir dos respectivos locais de trabalho e ser exercido automaticamente por eles, através dos seus órgãos próprios, não partilhando das responsabilidades da administração» — este princípio figura no programa de controlo operário agora aprovado pelos trabalhadores da Setenave.

Desta forma se prevê uma Comissão de Controlo Operário, órgão próprio encarregado de coordenar o «exercício da vigilância dos trabalhadores sobre a empresa, a todos os níveis».

De acordo com este programa, devem ser criados grupos de trabalho no seio do Conse-

lho de Trabalhadores da Setenave, a eleger proximamente, sector por sector, na base de um por cem. Ao C. T. S. compete «pressionar a administração e os poderes públicos a terem uma prática visando a independência nacional; procurar a integração da empresa no contexto nacional, em todos os campos; contribuir para aumentar o prestígio da Setenave no País e no estrangeiro; resolver as questões sociais mais prementes dos trabalhadores».

Entre os principais objectivos do controlo operário, o programa refere a austeridade dos gastos e o combate à sabotagem económica a encarar «como uma prática que também auxilia a resolver o problema de falta de trabalho».

Este plano organizativo, identificado pela letra «E», foi escolhido por 862 trabalhadores daquela empresa, de um conjunto de cinco propostas. Votaram, na ocasião, 1914 trabalhadores, abstendo-se 2093.

O programa, aprovado por significativa margem de votos, aponta as seguintes tarefas à Comissão de Controlo Operário:

- centralizar as actividades de controlo operário, recolhendo e analisando os elementos referentes às anomalias detectadas pelos trabalhadores;
- indicar à administração os mapas ou outros elementos que quer receber, de forma a possibilitar aos trabalhadores uma análise sistemática das principais actividades da empre-

sa;

- definir as zonas de actividade em que se corre o risco de sabotagem económica e alertar os trabalhadores para que se concentrem sobre a sua vigilância.

- exigir que a administração tome as medidas necessárias para corrigir as anomalias detectadas pelos trabalhadores;

- contribuir para a integração da empresa numa economia planificada, ligando os seus objectivos aos objectivos das outras empresas ou do sector;

- assegurar que a realização dos investimentos na empresa se faça segundo os interesses dos trabalhadores e o interesse nacional.

Trabalho

Greve nas livrarias

Prossegue a luta até cumprimento do C.C.T.

A greve nas livrarias de Lisboa prossegue hoje, depois, de ontem, ao fim da tarde, se ter obtido uma adesão que rondava os 90 por cento dos trabalhadores do sector, distribuídos por 75 por cento das empresas abrangidas pela obrigatoriedade de cumprimento do Contrato Colectivo de Trabalho que foi publicado no Boletim do Ministério do Trabalho, no dia 22 de Outubro. Contudo, durante a manhã de ontem, registaram-se tentativas de desmobilização, que foram rapidamente desfeitas pela presença de piquetes de greve, que desmentiram os rumores de que a decisão teria sido anulada. Surgiram ainda problemas no caso dos estabelecimentos onde já é cumprido o C. C. T. em causa.

Hoje, durante a manhã, a quase totalidade das livrarias da baixa lisboeta encontravam-se encerradas, mesmo no caso das que já cumpriam as suas obrigações estabelecidas no Contrato, como é o caso da Moraes Editora. Aí, disse-nos o empregado José Gonçalves, o patrão pagou de imediato na altura da publicação do C. C. T., de acordo com as novas tabelas salariais, comprometendo-se, por impossibilidade de momento, a pagar os retroactivos dentro de um prazo estabelecido de comum acordo.

Neste momento, torna-se difícil, determinar a duração da greve, que se encontra programada para durar ainda, por todo o dia de amanhã, após o que se efectuará um plenário com a presença dos trabalhadores abrangidos (Editores e Livreiros, Artes Gráficas, Fotografia, Actividades Publicitárias) — e aí serão decididas novas formas de luta. De acordo com as declarações que nos foram prestadas por um dos elementos do comité de luta, grande parte do patronato encontrava-se na disposição de passar a cumprir o C. C. T., acontecendo, porém, que o referido comité está interessado num compromisso, a ser assumido em presença de entidades responsáveis do Ministério do Trabalho. Nesse sentido, enviaram ontem um telegrama dirigido ao Presidente da República, Primeiro-Ministro e ministro do Trabalho, pedindo uma reunião conjunta para hoje. Ao fim da manhã não tinha sido obtida qualquer resposta.

A mesma hora, não conseguimos apurar a posição da entidade patronal face ao conflito, já que ninguém se encontrava na sede do Grémio dos Editores e Livreiros.

O único estabelecimento da baixa lisboeta que hoje se encontrava em funcionamento era a Parceria A. M. Pereira, o que era encarado com natu-

ralidade por parte da classe, na medida em que os trabalhadores, desta firma se encontram em regime de auto-gestão e precisam de assegurar, com a laboração, a sua sobrevivência.

O DIA DE ONTEM

Tomando como referência um comunicado assinado pelo comité de luta, verifica-se a primeira tentativa de ingerência partidária na luta desencadeada no sector, desfazendo deste modo um dos compromissos (e pedido), para que não houvesse manobras partidárias durante os debates a efectuar na presença dos trabalhadores grevistas, nos locais de trabalho, enquanto durasse a paralização. Diz o documento: «Foi o caso concreto de um comunicado surgido e assinado por um grupo de trabalhadores livreiros, simpatizantes do M. R. P. P.». Afirma o comité de luta sobre o facto: «Não nos oporemos a qualquer tipo de apoio, seja de quem for, o que não permitiremos, isso sim, é receber orientações a não ser dos trabalhadores que nos deram a sua confiança».

O comité de luta lamenta, no comunicado a que nos reportamos, a «forma pouco correcta e descuidada» como a notícia da sua greve foi tratada pela



RTP, «dando a entender que a nossa luta era essencialmente contra o Ministério do Trabalho, parecendo, portanto, mais o comunicado do patronato, provocador e divisionista».

De assinalar, que, hoje, também os trabalhadores do sector de Artes Gráficas e Actividades Publicitárias, mesmo funcionários de empresas não ligados à actividade livreira, deverão aderir à greve, em manifestação de solidariedade.

ALGUMAS ALEGAÇÕES DO PATRONATO

Noutro comunicado, com data anterior, refere o comité de luta que se encontra conhecedor das dificuldades económicas, que o sector atravessa, e que parece, ser, em alguns casos, altamente deficitário. Mas interroga: «Será que o Ministério e os patrões desconhecem que na Base IV do C. C. T., está perfeitamente previsto que nestes casos concretos os trabalhadores organizados nas suas comissões e com o acordo dos sindicatos, poderão aplicar o controlo de produção e consoante a situação da empresa poderão ainda estabelecer salários inferiores?»

«Por tudo isto» — acrescentam no documento em análise — «os trabalhadores recusam-se a voltar a negociar o que já foi acordado e conforme vontade expressa em plenário», prosseguem a greve, discutindo formas organizativas e o controlo de produção.

COIMBRA E PORTO

A situação em Coimbra, segundo o comité de luta que consultamos, já está definida, há algum tempo, motivo por que neste momento não se desenvolve qualquer paralização de trabalho nos estabelecimentos do ramo. Pelas mesmas declarações sabe-se que nesta cidade já os trabalhadores encetaram o seu processo de luta que terminou com o acordo tácito do patronato.

res da panificação e dos sindicatos que os representam, sem ao menos se tentar dar conta que nada, por esse ou por qualquer outro departamento do Estado, foi feito para correctamente resolver o problema dos horários de fabricação do pão.

Segundo os dirigentes sindicais, o comunicado do Ministério procura «apresentar aos olhos da população, propositadamente mal informada e pouco esclarecida, os trabalhadores como sendo os únicos responsáveis por todos os males que afligem este País, quando precisamente o contrário».

Acrescenta o Sindicato que, deste modo, se procura «voltar trabalhadores contra trabalhadores, pretendendo esconder aos olhos da população as verdadeiras causas dos problemas existentes e, à custa da divisão pretendida, melhor impor a política de defesa dos interesses daqueles que nos exploram».

Panificação

Os trabalhadores, o Ministério e os consumidores

«Será, de facto, o público consumidor a entidade que pode resolver as justas pretensões dos trabalhadores da Indústria de Panificação?», interroga a direcção do respectivo Sindicato, em carta ao ministro do Trabalho.

Este Ministério fez divulgar, no dia 11, através da Emissora Nacional e da RTP, um comunicado em que solicita ao «públi-

co em geral» que se pronuncie sobre o novo horário da indústria, aprovado oficialmente, a título provisório.

Considerando esta medida uma «manobra divisionista», o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Panificação de Lisboa escreveu a Tomás Rosa: «Mais uma vez visa esse Ministério atirar todas as culpas para cima dos trabalhado-

de oito horas, para todos os trabalhadores.

Além disso, está previsto um aumento de salários.

A mulher trabalhadora tem direitos iguais ao homem, no que respeita ao emprego, e beneficia de 45 dias de licença paga por altura da maternidade.

Na Etiópia

código de trabalho progressista

O Governo revolucionário da Etiópia, acaba de promulgar um novo código do trabalho, em Addis Abeba, a capital.

O novo diploma visa, nomeadamente, a transformação social e económica de todos os trabalhadores.

Pela primeira vez na história daquele país africano, foi consagrada legalmente a jornada

Administração local

Suspensão no dia 13?

Uma suspensão simbólica a 13 de Janeiro e uma greve progressiva a 3 de Fevereiro foi uma das formas de luta aprovada numa reunião do Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local. Participaram os secretariados distritais de Aveiro, Braga, Coimbra, Évora, Faro, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Setúbal, Vila Real e Viseu.

De entre as reivindicações mais urgentes são de destacar a exigência de publicação no

«Diário do Governo» dos estatutos e dos decretos já aprovados pelos trabalhadores e respeitantes à reforma aos 60 anos e à concessão de subsídios vitalícios aos trabalhadores de idade avançada, não integrados em qualquer esquema de segurança social.

Entretanto, está prevista para o próximo ano uma revisão da tabela salarial da Função Pública já que estes trabalhadores continuam a ser dos mais mal pagos.

Por seu turno, no Porto, está marcada para esta noite, às 19 e 30, uma reunião no Sindicato dos Livreiros daquele distrito, com vista a uma tomada de

posição sobre a greve de 48 horas. Esta a razão porque ainda se desconhece se o sector, no Norte, entrará, ou não, em greve, a partir de amanhã.

PUB

SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL

ASSEMBLEIA ELEITORAL

3.ª CONVOCATÓRIA

No seguimento das convocatórias anteriores, previnem-se todos os associados que a eleição dos Corpos Gerentes do Sindicato para o biênio de 1976/1977 se realiza no dia 17 em FARO, PORTALEGRE e SANTARÉM; dia 18 em BEJA, ÉVORA e SETÚBAL e dias 19 e 20 em LISBOA. Concorrem ao acto eleitoral duas listas cuja composição é a seguinte:

LISTA A

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — Amadeu Matos da Silva
Secretário — Luís Filipe de Almeida Carvalho
Secretário — Fernando Mansidão Pereira Lázaro
Secretário — Beatriz Dorinda Gomes Loureiro Faria

DIRECÇÃO

António Bexiga Lopes
José João Mourato Gonçalves
Dulcínio Pina Cardoso
Firmino José da Palma Rodrigues
Joaquim Martins da Cunha

CONSELHO FISCAL

João Gaudêncio da Silva
Arménio Cabrita Ceirão
Carlos dos Reis Guerreiro

LISTA B

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — Antero da Silva Gabão
Secretário — Manuel Gil do Carmo Tobias
Secretário — António Domingues Dinis
Secretário — Carlos Alberto da Silva Antunes

DIRECÇÃO

Daniel António Martins
Maria Idália Cerca Martins
Joaquim Marques Nunes dos Reis
António Maria Quintas
Miguel Dantas Terra Machado Guimarães

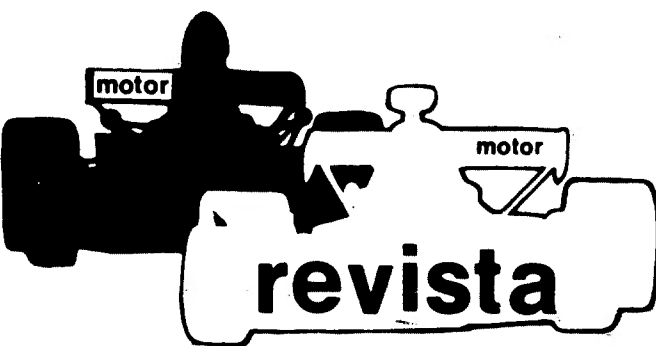
CONSELHO FISCAL

João Manuel Ribeiro da Silva
Joaquim Manuel de Campos Batalha Guerra
António Joaquim do Carmo Guerreiro

NOTA: Foram enviadas pelo correio a todos os sócios com direito a voto as Listas A e B e um suplemento do Boletim sobre as eleições o qual contém as instruções sobre a maneira de votar, segundo os Estatutos. Os sócios que não tenham recebido as listas de voto enviadas, devido a mudança de residência ou qualquer outra anomalia, poderão comparecer nas secções de voto, onde encontrarão à disposição listas para poderem usar o direito de voto.

Lisboa, 11 de Dezembro de 1975.

O Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral em Exercício
António Manuel dos Santos Mendes



Geral



«Um espaço vazio» — chama Manuel Ferreira à Guiné-Bissau no primeiro volume da sua exaustiva antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa, «No Reino de Caliban». Na altura em que foi recolhido o material talvez assim fosse. Decorria a guerra e a Guiné dividia-se em duas claras zonas de influência. De um lado a guerrilha, o campo, as novas estruturas sociais: tempo livre, se o havia, mal dava para limpar as armas e descansar das longas e duras marchas através de campos e bolanhas; os lápis e o papel eram insuficientes até para copiar artesanalmente os livros que serviam nas escolas dispersas da floresta. Do outro lado, a repressão violenta, as cidades ocupadas, as armas e a demagogia fascista importadas da Europa. Daí que o espaço poético parecesse vazio, se é que havia mesmo um espaço para a poesia.

Hoje não é bem assim. Verifica-se que, embora não existindo uma cerrada floresta de versos e poesia, há aqui e ali algumas árvores de médio porte, em crescimento, e uma ou outra com ambição das alturas. Isto se prova, aliás, na recolha que prossegue para eventual e próxima publicação. A evolução da luta diz-nos também que a expulsão do colonizador e a reentrada na história propiciará, decerto, a libertação de todos os valores criativos da pátria de Amílcar Cabral.

No fundo, é a história própria e identificadamente africana que principia, tal como diz um desses jovens poetas da geração da luta:

«Quinhentos anos de história (sem História...)
Quinhentos anos de escuridão e exploração
Quinhentos anos sem luz.

Os transatlânticos não chegaram ao Pidjiguiti e os estivadores morreram... de fome e de balas no Pidjiguiti.

Quinhentos anos de tormento em que as mães choraram (e ainda choram...)
em que os bombolons clamaram
vingança para que a Guiné acordasse.

(Agnelo Regalla)

UMA MORTE DESENRAIZADA

Analfabetismo, liceu para os privilegiados e só na cidade de Bissau, repressão sangrenta e permanente sobre os que ousavam pensar, inexistência de «lugar onde» para divulgar tentativas de poesia, tudo isto deve estar entre as causas desse «espaço vazio» de que fala Manuel Ferreira.

O jornal de então gastava as páginas na descrição dos feitos na Guiné de Spínola e seus iguais, preocupava-se com a eleição de «Miss Portugal» (evidentemente, D'Aquém e D'Além Mar em África...), enchia a imaginação dos leitores com as proezas dos futebolistas da pátria lusa.

Nas escolas e no liceu obrigavam-se as crianças a decorar os apetrechos da linha do Tua, quando na Guiné jamais existiu comboio!

Os exemplos de heroísmo apontados nos livros chamavam-se Afonso Henriques, Afonso de Albuquerque, Teixeira Pinto, para não falar já de Salazar.

E havia a guerra e o massacre, a humilhação e a morte. Sujeitos? O soldado feroz do Minho e das Beiras, embarcado à força no cais de Alcântara, servindo como carne para canhão às ordens de um capitão qualquer de antes de 25 de Abril... Mas havia também os mercenários de pele preta, os novos contratados, escravatura de hoje, máquinas de matar no próprio chão, como os «comandos» de que fala, sem os referir, um poema de José Carlos:

Segui a marca das tuas botas sobre as folhas mortas em terra húmida.
Ignorava a «fera» que perseguias,
tal o empenho e a atenção dos teus gestos.

E vi na tabanca queimada, devastada,
as mesmas botas calcar o sangue, o corpo, a morte inocente,
de crianças da tua cor, do teu credo perdido.

E soube que na terra em pranto pela tua afronta tu terias uma morte desenraizada.

«PONTE PARA A MARGEM DO FUTURO»

Hoje, tanto o presente como as perspectivas de futuro são outras e apontam à libertação, até à libertação última, a das cabeças. As escolas primárias são frequentadas por mais de 80 mil crianças (13 por cento da população total), o ciclo e o liceu passam de Bissau para mais três cidades do interior, o materialismo histórico faz parte dos programas escolares, a história de África, a sua geografia, substituíram de vez a história e a geografia do colonizador. O reencontro entre o homem e a terra está a dar-se e com ele dar-se-á inevitavelmente a criação liberta dos padrões culturais opressivos.

Existe um jornal onde têm sido publicados alguns poemas de guineenses e as mais recentes criações dos cabo-verdianos Ovídio Martins, Sukre de Sal, Tacalhe e outros. É normal as cartas dos leitores trazerem versos consigo. Como se as pessoas subitamente descobrissem que também aqui existe a poesia.

Mas passou pouco tempo entre o «antes» e o «agora». Normal, por isso, que a escrita de

Poetas da Guiné estão ao trabalho

I Nino dita de costa i bumburdia i bumburú

DANIEL REIS (Correspondente

muito candidato a poeta seja, na forma e no conteúdo, como a dos jovens quintanistas nas escolas «metropolitanas», isto é, como se não participassem na experiência viva desta terra onde vivem.

Há contudo quem esteja numa fase mais avançada e lance já uma ponte para a margem definitiva do futuro, como é o caso do «Poema de um assimilado», da autoria de Agnelo Regalla:

«Fui levado a conhecer a 9.ª Sinfonia, Beethoven e Mozart na Música.

Dante, Petrarca e Bocácio na Literatura.

Fui levado a conhecer a sua cultura...

Mas de ti, Mãe África?

Que conheço eu de ti?

Que coheço eu de ti,

a não ser o que me

impingiram?

O tribalismo, o subdesenvolvimento,

a fome e a miséria como complementos...

Não me falaram de ti e dos teus filhos, Mãe África.

Esqueceram-se de Samory e Abdelkader, Cabral e Mondlane,

Lumumba e Henda, Lutuli e Ben Barka.

Não me falaram da revolução, de Canhe Na N'Tugué e Domingos Ramos,

de Areolino Cruz e Pansau, mas falaram-me dos Bandas e Honórios,

dos que te esqueceram e fugiram à doce melodia dos Corás.»

CANÇÃO DE GUERRILHA, POEMA DE LUTA

Do material a que tive acesso para escrever este artigo

constam versos de autores como Joaquim Tavares Moreira e Pacoal d'Artagnan, gente de outro tempo, que publicou no mesmo folheto («Poilão», editado em 1973) onde versejou António Baticá Ferreira, o único guineense apanhado na rede de Manuel Ferreira para a elaboração da antologia a que me referi atrás. Mas há também versos de outros jovens, para além de Agnelo Regalla — o mais consistente e seguro poeta do grupo — e de José Carlos, que é autor de algumas das mais bonitas e politizadas canções pós-libertação. De passagem, chamaram-me a atenção nomes como os de Hélder Proença, António Delgado, A. Salvaterra e Nagib Said.

Em caso algum é possível encontrar traduzida na linguagem formal a contradição colonizado/colonizador que Manuel Ferreira chama «violência da estrutura gramatical em correspondência funcional às novas estruturas sociais».

Aquilo que se poderia denominar poesia de combate ou poesia de guerrilha não foi reduzido a escrito, mas existe na sua forma oral, exclusivamente em crioulo, língua de unidade nacional. São as canções de luta, cantadas em grupo nas bases de guerrilha, e que a voz de um militante de nome Dominique espalhou pela Guiné. Hoje cantam-nas os inúmeros conjuntos musicais que abundam nestas paragens: «Mamadjombo», «Cobiana Jazz», «Kaça Cobra», «Nô Pintcha», «Kapa Negra».

Vai aqui um exemplo dos que eu mais aprecio e que em tradução livre para português diz mais ou menos: «Mataram Cabral/ para ganhar a guerra/ mas Cabral não morre./ Aristides zangou-se/ entra dentro e abre o livro/ chamou o Nino/ aponta-lhe o dedo para o mato/ Nino deita-se de costas e bombardeia, bombardeia./ Os soldados de Guiledje fogem em calções./ Agora chega/ Luís Cabral/ Spínola fuge/ Marcelo Caetano diz que ganhou a guerra./ Os portugueses dei-

tam as mãos à cabeça/ e choram.»

Eis o original em crioulo:

«É mata Cabral pa é n'ganha guerra Cabral gora i cata muri Aristides panha raiba i entra dentro i abri livro i tchoma Nino tchuli dedo na mato i Nino dita de costa i bumburdia i bumburú

Guiledje curri som cû calson

hora tchiga

Luís Cabral

Spínola curri

Marcelo Caetano

fala cuma i n'ganha guerra

tugas pui mon na cabeça

é tchora.»

Entre esta realidade e a do único guineense referenciado na antologia vai um mundo de distância. A distância que separa os que arriscam a vida pela conquista do futuro e a nostalgia ou má consciência do filho do régulo que perde a terra e vendeu a voz e a arte, pela Europa exploradora, ao preço de quem dá mais.

A prosa vai longa e eu pretendia falar de poesia. Por isso, a título exemplificativo do que existe e é passível de recolha, transcrevo um excerto do poema «Mil anos que viva não se apaga», da autoria de A. Salvaterra. É datado de Outubro de 70 e narra a história do chefe da Polícia que, com um lenço vermelho, deu ordem de fogo, sobre os estivadores do cais do Pidjiguiti (3 de Agosto de 1959: 50 mortos):

«Mil anos que viva não se apaga/ a imagem sombria e vacilante/ dum homem descomhecido numa esquina/ com um lenço na mão manchado de sangue/ .../ Ninguém sabia a sua história/ ninguém ouviu a sua voz/ ninguém lhe ouviu dizer: «Fogo»/ com um lenço na mão manchado de sangue/ .../ Não tinha voz, não tinha nome/ não tinha país, não tinha

"Anschluss" indonésio em Timor

O ataque lançado no domingo 7 de Dezembro pelo exército indonésio contra a parte portuguesa de Timor não causa espanto: Djacarta estava há muito decidida a «recuperar» uma maneira ou de outra o território. Já em 1945 Sukarno declarou que a metade oriental da ilha fazia parte do grande arquipélago. O antigo chefe de Estado, porém, não interviu.

O golpe de Estado de Abril de 74 em Lisboa modificou, no entanto, a situação, permitindo a emergência da Frente Revolucionária para a Independência de Timor (Fretilin), que rapidamente tomara o controlo da quase totalidade do país, após o fracasso em Agosto, de um golpe de força da União Democrática de Timor (U.D.T.), liderada por Djacarta. Em

resposta, a Indonésia acentuou o seu apoio aos movimentos favoráveis à nova causa, cuja criação suscitou por vezes, como foi o caso para a Apodeti e o Kota. Estes partidos mais ou menos fantasmáticos declararam que se batem tanto em nome do anticomunismo como a favor da reunião de Timor ao arquipélago. Só a Fretilin tem uma doutrina política e económica séria, e o seu chefe, Horta, milita, há anos, contra o colonialismo de Lisboa na Ásia e na África.

É, sem dúvida, a proclamação unilateral da independência pela Fretilin, a 28 de Novembro, que levou Djacarta a intervir abertamente, depois de ter, durante meses, prestado assistência importante aos seus amigos locais. A agressão teve lugar na altura em que

o presidente Ford abandonava a capital indonésia e se preparava para reafirmar, em Honolulu, a preocupação de Washington em ver regular os défendos na Ásia através de negociações. Os Estados Unidos aprovam visivelmente a acção do Governo Suharto.

O encontro entre portugueses e indonésios, organizado em Novembro em Roma, não terá pois servido de nada, e a declaração de Djacarta, reafirmando a autoridade lusitana em Timor, surge retrospectivamente como um monumento de hipocrisia. A falar verdade, o regime indonésio parece preocupar-se pouco com os desejos das populações a quem o caso diz respeito. O arquipélago, da ponta de Sumatra à Nova Guiné, forma, é certo, um conjunto geopolítico coerente,

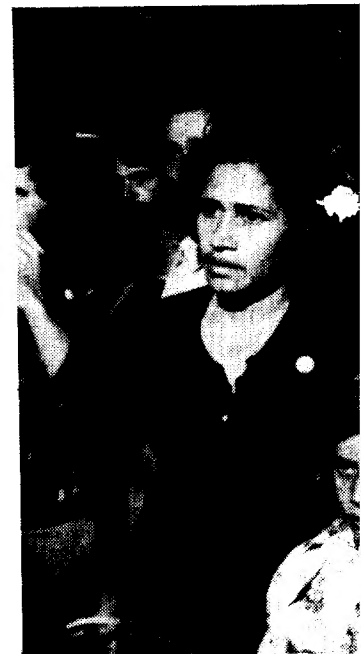
mas há vinte e cinco anos que ele é perturbado por reivindicações regionalistas, em Sumatra, em Borneo, nas Celebes, nas Molucas. E só pela força é que a Nova Guiné Ocidental foi unida à Indonésia. Deixar os timorenses do Leste decidir da sua sorte poderia dar «más ideias» aos habitantes de outras ilhas, que acham por duas vezes dura a autoridade dos generais javaneses.

Por outro lado, a Austrália — a do precedente Governo trabalhista, tal como a do actual Governo conservador — não brilhou pela coragem. Ela receava a constituição, não muito longe, de um regime orientado para a esquerda e cujo desejo de independência era amparado por Hanói e por Pequim.

Quanto aos portugueses, à

volta das novas querelas locais, não podiam pensar em intervir tão longe, numa parcela abandonada do seu antigo império. Claro que Lisboa tem mais simpatia pela Fretilin do que pelos fantoches de um regime militar muito à direita, mas o que havia ela de fazer?

O exército invasor, perito na arte de reprimir os descontentamentos, poderá decerto afirmar a sua «ordem», mesmo que no novo feudo insular que está a tragar, os oficiais para lá enviados obtenham prebendas confortáveis. Os timorenses do Leste passam de um império para outro império. Dizer que houve um progresso, seria, na verdade, exagerado.



Por causa de Angola

Mulheres do Zaire estão contra Mobutu

...Frente ao palácio presidencial de Mobutu, em Kinshasa, mulheres zaienses protestaram há dias contra o envio de tropas daquele país para o território vizinho de Angola. Os maridos e os filhos das mulheres que promoveram a manifestação de protesto estão a ser usados nas fileiras da F. N. L. A. contra o exército do M. P. L. A.

...A manifestação foi duramente reprimida pelas forças fiéis a Mobutu, que tem hoje considerável oposição dentro do território nacional, onde decorre uma luta de guerrilhas com o objectivo de restituir a democracia popular.

...O jornal «Lotta Continua», na sua edição de 3 do corrente, relata que a barreira ao ditador recrudescer, estando solidamente instalada na zona leste do país — a região dos grandes lagos africanos, Kivu e Tanganica, na fronteira com a Tanzânia, Ruanda e Burundi. Três movimentos desencadeiam a resistência ao regime de Mobutu — liderados por Gaston Soumialot, Kibwe Tenamalenga e Laurent Kavila —, enquanto o Zaire mergulha numa grave crise económica.

...Mobutu, cunhado de Holden Roberto e aliado da F. N. L. A. contra o M. P. L. A., ascendeu ao Poder após o assassinio do líder congolês Patrice Lumumba. Ex-sargento do Exército belga, cargo que então desempenhava sob o nome de Joseph Aimé (Holden, esse, pre-

feria o nome de cartaz «John Gilmore»), Mobutu é hoje detentor de uma das maiores fortunas do mundo. A união de Holden e Mobutu (U. P. A./F. N. L. A./Zaire) tem em vista a reconstituição do antigo Reino do Congo, que compreendia os actuais distritos do Zaire e Uíge, tendo como base de actuação o grupo etno-linguístico Kicongo.



Cunhado de Holden, parece de pedra e cai no seu Zaire da «autenticidade». Angola pode arrastá-lo para a queda

Você tinha decidido que este ano fazia as compras de Natal cedo. Lembra-se?



E, no entanto, já ia deixar tudo para o fim. Você sabe bem que uma prenda, para ser dada com amizade, tem de ser escolhida com tempo, com disponibilidade. Nos Supermercados A. C. Santos, Nutripol e Pão de Açúcar, pode escolher desde já as suas compras de Natal, antes dos atropelos dos últimos dias. E temos tanta coisa útil...

Pão de Açúcar
NUTRIPOL
A. C. SANTOS

dia!

nte do "D.L.". em Bissau)

amigos/ não tinha tabanca. Só tinha um lenço/ na mão manchado de sangue.

...De Joaquim Tavares Moreira é o pequeno poema «Noite tropical», que embora de folclore colonial, com seus senhores (Sare Iló) e seus criados (Serifo), tem uma certa beleza lírica:

«Os mosquitos zumbem/ na noite fria/ debaixo do limoeiro/
De mansinho vem/ a nostalgia/
com o som dos nhenheiros/
Perfilam silhuetas/ de papai-
ras/ pela noite dentro/
No largo, carnudas tetas/ de
bajudas bejeiras, dançando
ao vento/
Canta o djidjiu/ toca o tambor/
ritmo de coração/
A lua, o céu/ a terra, o suor/
a noite, a canção/
De repente/ o silêncio, a som-
bra:/ Sare Iló dorme/
Serifo, sorridente/ some-se na
penumbra/ ativo no seu unifor-
me/
É meia-noite!/ Sare Iló dorme!
Serifo volta e diz: boa noite!

...Fecho (finalmente) esta informação despretensiosa sobre os poetas da Guiné-Bissau com a transcrição de mais um poema de Agnelo Regalla. Intitula-se «África», e julgo reflectir bem o quadro em que surge a poesia de hoje na pátria de Cabral.

«África...
O apelo vem das profundezas,
na voz do batuque,
no sol que queima mais quente,
no vento que provoca
as estiagens mais duras.

África...
O apelo vem das masmorras,
dos cânticos dos contratados,
do sangue dos nossos irmãos,
das lágrimas dos nossos filhos.
A voz vem da Liberdade.



dos timorenses continua a ser relativamente ignorado

Estrangeiro

Bangla Desh

Continua em Dacca a luta pelo Poder

Um mês após os acontecimentos sangrentos de importantes consequências internacionais, continua em Dacca a luta pelo poder. O Bangladesh atravessa um período de profunda mutação política. Este processo teria podido desenvolver-se durante a guerra de libertação, se a intervenção armada da Índia não lhe tivesse posto prematuramente o fim. Teria podido depois ter lugar, se Mujibur Rahman não tivesse sido durante três anos o mantenedor da unidade.

A eliminação física do chefe da luta pela independência e dos seus auxiliares — os principais dirigentes da Liga Awami — precipitou esses acontecimentos. Ao golpe de Estado de 15 de Agosto e ao assassinato do «pai da nação» seguiu-se uma fase de instabilidade. Levado ao poder pelos autores do «regicídio», Moshataque Ahmed não tinha a personalidade nem os apoios políticos que lhe permitissem arbitrar as lutas dos clãs. Para mais, o seu governo compreendia principalmente antigos ministros de Mujibur Rahman. Ao mandar encarcerar, em fins de Agosto, os altos responsáveis do partido único — os seus velhos companheiros de luta —, ele só podia agravar a crise e aumentar o seu isolamento.

O massacre dessas personalidades na noite de 2 para 3 de Novembro foi um elemento determinante de prova de força entre grupos civis e militares. Parece ter sido perpetrado pelos putschistas de Agosto, tomados de pânico perante a rebelião do general Khalid Mosharaff. Os referidos putschistas acabam de pedir asilo político à Líbia. Eles quiseram decerto fazer desaparecer personalidades que, se tivessem ascendido ao Poder, teriam sido favoráveis à Índia e à U.R.S.S., e teriam mesmo podido fazer leves chamadas de atenção a Nova Deli, referindo-se ao tra-

tado de cooperação, autêntico pacto de defesa e assistência mútua, entre os dois países, assinado em 1972 por Mujibur Rahman e a senhora Gandhi. O general Mosharaff pedira a uma comissão que esclarecesse as circunstâncias em que a matança se realizou. Não será fácil fazer-se luz sobre isto, já que este oficial foi expulso do Poder a 7 de Novembro.

Tudo isto é a coroação de uma luta iniciada em 1971. O coração do pequeno exército bengalês é formado por batalhões de «moukhtis bahinis», forças de libertação oriundas da guerra. A partir destes elementos heteróclitos, fizeram-se tentativas para construir um exército homogêneo. Mas Mujibur Rahman mantinha-se muito desconfiado para com os militares. Ele preferia apoiar-se nas milícias, os «rakhis bahinis» inicialmente formadas e equipadas pelos indianos. O putsch de Agosto mostrou que os jovens oficiais saídos das fileiras da resistência eram difíceis de «manter». Por outro lado, a maioria dos oficiais regressados do Paquistão foram mantidos à parte ou em postos subalternos. Daí o seu sentimento de frustração. Por fim, em Agosto, a guarda pretoriana do Mujibur Rahman era dissolvida, e os seus elementos, muitas vezes responsáveis de violências, incorporados nas forças regulares. Essa operação suscitou, sem dúvida, descontentamentos.

O Exército ainda se encontra dilacerado pelas rivalidades criadas pela guerra. Durante o conflito, certos chefes de sectores ganharam uma popularidade que depois procuraram manter. Homem de esquerda moderada mas muito ambicioso, o general Khalid Mosharaff fora promovido por Mujibur Rahman. Comandante de pára-quedistas e indivíduo pouco fadado, a quem os próprios adversários reconhecem grande probidade, o general Ziaur

Rahman também é ambicioso e muito popular no Exército. Foi ele o primeiro a erguer-se contra os paquistaneses, em Chittagong, a 25 de Março de 1971. Proclamou então unilateralmente a independência. A rivalidade entre os dois oficiais superiores foi crescendo até que em Agosto o presidente Moshataque Ahmed nomeou o general Ziaur Rahman para o comando do Estado-Maior. A rapidez com que este foi instalado no Poder após a temeridade do «usurpador» Mosharaff confirmou que ele dispunha de apoios no Exército. Foram, no entanto, os jovens soldados politizados quem tomou a iniciativa do contra-golpe de Estado. Muitos deles são membros do partido socialista nacional (movimento terrivelmente nacionalista e de hostilidade militante à U.R.S.S.), e da sua organização militar favorável à acção directa, Exército revolucionário do Povo. O general Ziaur Rahman depressa teve problemas com estes elementos.

O CIMENTO NACIONALISTA

O cimento da junta no poder é o nacionalista, por vezes confusamente assimilado a um reflexo anti-indiano um bocadinho «chauvin». É certo que a grande maioria dos militantes estavam fartos das «interferências» da Índia, de resto dificilmente evitáveis. Os bengaleses têm pouca simpatia pelos indianos que se mostraram omnipresentes durante a guerra. Muçulmanos, têm reacções passionais, até porque foram submetidos durante séculos ao domínio dos indianos ricos, agora instalados na Índia. Os 9 milhões de indianos de condição muito modesta que ficaram no Bangladesh podem constituir uma massa de manobra para Nova Deli, pronta a denunciar e a exagerar as injustiças de que poderiam ser objecto. Entre os bengaleses muçulmanos, os elementos pró-indianos são minoritários. Um golpe de Estado muito abertamente favorável à Índia, não deixaria de acordar as reacções de uma parte da população. Este reflexo foi fatal ao general Mosharaff e aos membros da Liga Awami. Mas a Índia, disse-o claramente a senhora Gandhi, não pode manter-se indiferente ao que se



Imagem contemporânea do penoso nascimento do Bangladesh: refugiados bengaleses fazem bicha, algures na União Indiana, para uma «refeição»

passa no Bangladesh. Ela, porém, só intervirá com grande prudência no Bangladesh por um lado porque já lá não tem hoje amigos políticos, e, por outro, porque uma tal acção teria para ela consequências nacionais e internacionais muito nefastas.

A tentativa de rapto de que acaba de ser objecto o embaixador da Índia em Dacca é o tipo de incidente que poderia fornecer a Nova Deli o pretexto para encorajar os adversários do novo regime bengalês. Este denunciou zelosamente os autores do atentado, vincando o facto de eles serem «infiéis» pertencentes ao partido socialista nacional, que queria prejudicar a amizade entre os dois países. (Há quem assegure, em Dacca, que se trata de uma provocação organizada, destinada a permitir à Índia socorrer os seus «imigrados e os seus bens» ameaçados no Bangladesh). Seja como for, após este incidente, os dirigentes do P.S.N., comandante Jalil e Abdur Rab, libertos a 8 de Novembro, foram de novo encarcerados a 26 de Novembro, com a acusação de «actividades subversivas».

O general Ziaur Rahman — que resolveu enviar a Nova Deli uma missão de apaziguamento — não é fundamentalmente anti-indiano, nem pró-paquistanês. Em contrapartida inclina-se para os Estados Unidos e para a China, a fim de salvaguardar a independência do seu país. Auxiliam-no dois oficiais superiores, o comandante da marinha Moshareff Hussein Khan, e o chefe do Exército do ar, M.G. Tawab, que, só depois da independência se uniram à causa por ser mais anti-indianos do que ele próprio. O primeiro é sem dúvida alguma de direita; o segundo seria «apolítico». De facto, a junta

deixou em liberdade o antigo presidente Moshataque Ahmed, que serve muitas vezes de porta-voz dos meios tradicionalistas, conservadores e pró-americanos. Durante quanto tempo poderão exprimir-se assim, sem serem inquietados, os soldados que se proclamam revolucionários — e que pedem num documento a transformação do Exército dos ricos em exército dos pobres e a supressão das distinções entre oficiais e soldados?

Porque, está bem de ver que o triunvirato de Dacca não é maoísta. Se a China o ajudou, fê-lo para melhor explorar a derrota diplomática que representaram para a U.R.S.S. e para a Índia a queda do regime de Mujibur Rahman e o fim do golpe de Estado do general Mosharaff. Dacca enviou uma missão comercial a Pequim. A imprensa pró-chinesa, reaparece no Bangladesh. O regime fez libertar um representante do Movimento Nacional Awami, dirigido por Bashani, admirador da revolução chinesa, que acaba de chamar o Povo a cooperar com o Governo. O chefe do partido comunista do Bengala Oriental, um dos grupos maoístas bengaleses que se mantiveram na clandestinidade, também trouxe um apoio revelador ao novo regime, e declarou que a nação fora salva pelo levantamento em massa dos soldados patriotas contra a conspiração indo-soviética.

É certo que os comunistas pró-soviéticos estavam associados à tentativa de reabili-

tação da memória do «pai da pátria», enquanto o general Mosharaff esteve no poder. Mesmo que a U.R.S.S. não tenha inspirado o golpe de força de 3 de Novembro, ela estaria interessada, tal como a Índia, em ganhar prestígio após o fracasso de Agosto. Todas as personalidades assassinações desde então desejavam mais ou menos a consolidação do eixo Dacca-Deli-Moscovo. Ao receberem recentemente em Moscovo uma delegação indiana, os responsáveis soviéticos pronunciaram-se contra toda e qualquer «evolução negativa» no subcontinente indiano e reclamaram de novo dos interlocutores que eles aderissem ao projecto de pacto de segurança colectiva no que respeitava à Ásia.

A 24 de Novembro, o general Ziaur Rahman tinha acusado «potências estrangeiras» — sem as nomear, mas tratava-se evidentemente da Índia e da U.R.S.S. — de auxiliarem grupos políticos a fim de destruir a soberania do Bangladesh. Ele ligou o regresso à estabilidade interna, salvaguarda da integridade nacional. Praticamente o país está sem administração, escreve maliciosamente a agência Press Trust of India. Compreende-se que numa situação tão confusa, «o homem forte de Dacca tenha sobretudo falado na rádio local para se referir às ameaças que pesam sobre o seu regime que, como é evidente, está na defensiva».

© Le Monde

PRÉDIO em LISBOA

BASE 468 800\$, RENDE 70 320\$ = 15 %

LEILÃO

Será posto em praça, amanhã, dia 17, no n.º escritório, às 12 horas, o prédio em epígrafe, situado na Rua Dr. Silva Teles, n.º 7 (ao Rego), livre de quaisquer ónus ou encargos. Tem r/c. e 3 andares Dt.º e Esq.º e não tem porteira.

TERRENO no ESTORIL

1393 M2, BASE 315 000\$

Será também posto em praça o terreno em epígrafe situado na Av. da Suíça, lote 16, descrito sob o n.º 8975, na Conservatória de Cascais; situa-se na zona urbanizada do Vale de St.ª Rita. Confronta norte c/ lote 17, sul c/ lote 15, nascente c/ terreno junto à Rua H e poente c/ Av. da Suíça, todas as informações serão prestadas no acto do leilão ou no n.º escritório, das 11 às 13 horas.

SOC. DE LEILÕES AFRA-FILHOS, Lda

post scriptum

Continuação da pág. 3

te, visto que agora, quando precisamos de um «táxi» este ou vai com um papel em branco, ou com o de «refeição» pela modalidade acima ganhariam as companhias, os condutores e o povo.

Por outro lado não devemos esquecer que um País é uma máquina da qual todos nós somos uma pequena roldana, mas só com o bom funcionamento de todas as peças a máquina poderá fazer um trabalho perfeito. Todos nós temos direito a um mínimo indispensável para uma vida decente, mas não podemos passar a vida a pensar no dinheiro que os outros ganham, pois há aqueles que são a «minoría» e de que a «maioría» precisa, e esses têm de ser bem pagos, pois de contrário para que lhes valerá a pena estudarem, trabalharem mais despendendo dinheiro nesse estudo/trabalho? E, se não forem eles, quem nos ensinará a nós?

Por fim o ponto nevrálgico que são os retornados. Parece-me «à priori» que muitos se estão aproveitando do nome de retornados para darem largas aos seus maus instintos. No entanto, se assim não é, os retornados terão de ser metidos na ordem, terão de fazer parte da máquina mas, com a sua respectiva função. (...)

Um leitor identificado

COHN-BENDIT EM FRANÇA (SEM AUTORIZAÇÃO)

Continuação da pág. 3

alemães, do que entre o burguês alemão e o burguês francês, o industrial alemão e o seu homólogo italiano, ou mesmo entre o operário alemão e o operário holandês, inglês, belga... A minha maneira de ver encontro-a eu em Itália, em França, na Inglaterra. Posso sentir-me mais perto de um grupo americano do que de determinado grupo maoísta alemão. Acontece o mesmo com os que pertencem mais do que a uma nação, a uma classe, os que participam antes de mais numa corrente ideológica, os que se inscrevem numa mesma comunidade de esperanças.

Para mim, Europa quer dizer antes de mais liberdade de circulação das ideias, para fazer

Em ALÇACER DO SAL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFE SADO

explodir as estruturas nacionais e os velhos esquemas.

© «Le Monde»

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente N.º 56 930, para MELHORAMENTOS EM CHAPAS METÁLICAS PARA REVESTIMENTO.

Trata:

CLARKE MODET & C.ª, Ltd.ª

PATENTES E MARCAS Rua Castilho, 201-3.º Esq. LISBOA

Estrangeiro

Juan Carlos promete direitos mais amplos

MADRID, 16 — (R.) — O Governo do rei Juan Carlos tomou ontem, à noite, a primeira medida para levar a Espanha pós-Franco para um sistema político mais de acordo com os que vigoram actualmente na Europa Ocidental.

Na sua primeira declaração política, o Governo prometeu maiores direitos civis — especialmente liberdade de reunião — e a reforma de instituições como as Cortes (Parlamento).

A declaração, emitida após a sessão do Gabinete de ontem, dizia que o Governo permitiria «críticas responsáveis», o que preconiza um abrandamento da censura à imprensa, e agiria no sentido de estabelecer os mais estreitos com o Mercado Comum Europeu.

O Gabinete informou ainda que concederá maior autonomia a minorias regionais — uma referência à oposição das províncias basca e catalã ao Governo central.

Anunciado geralmente na imprensa espanhola como um Governo reformista, o novo elenco ministerial escolhido

por Carlos Arias Navarro, o chefe do Governo, manifestou a intenção de tornar «os sistemas judicial e político uniforme com os da comunidade ocidental».

Durante o regime franquista, todas as reuniões de mais de 19 pessoas exigiam autorização governamental e apenas um quinto das Cortes era directamente eleito. Partidos políticos e sindicatos independentes eram proibidos e a liberdade de imprensa estava severamente reduzida.

Contudo, a declaração não revelava detalhes de reformas nem indicava qualquer calendário para a sua concretização.

A oposição exige, desde que o Caudillo faleceu, em Novembro, medidas urgentes para se implantar a democracia no país, tomando-se como ponto de partida uma amnistia completa para os adversários presos e exilados do generalíssimo Franco e a anulação de toda a legislação restringindo direitos políticos.

Numa tentativa para provo-

car um confronto com o reinado de Juan Carlos, de 37 anos, no Poder, há três semanas, grupos da extrema esquerda renovaram para hoje os seus apelos à paralisação do trabalho nas fábricas e obras de construção civil em Madrid e pediram aos empregados bancários e pessoal dos transportes para fazerem greves de zelo.

Discursando ontem ao Gabinete, o soberano exprimiu a confiança de que o Governo solucionaria os problemas mais urgentes da Espanha.



Alain Krivine, que foi interrogado pela Polícia em ligação com uma alegada conspiração para «desmoralizar» as forças armadas

Alain Krivine detido pela Polícia francesa

PARIS, 16 — (ANOP) — Forças francesas de segurança entraram ontem em residências e escritórios de elementos antimilitaristas em diversas cidades francesas apreendendo documentos e detendo para interrogatório numerosas pessoas em relação com uma alegada conspiração para «desmoralizar» as Forças Armadas.

Os detidos eram na sua maioria elementos de grupos de extrema-esquerda, e entre eles contava-se o anti-

go candidato à presidência, Alain Krivine, dirigente da Liga Comunista Revolucionária.

As buscas foram realizadas em Paris, Bordéus, Lyon, Montpellier, Clermont-Ferrand e Cherburgo e os detidos foram libertados depois de interrogados pela polícia.

Esta acção das autoridades segue-se ao aparecimento em diversas regiões da França de panfletos incitando os soldados a organizarem-se para debaterem os seus problemas.

Conferência para remodelar a economia internacional

PARIS, 16 (R.) — Representantes das nações industriais e do mundo em vias de desenvolvimento iniciaram hoje uma conferência de três dias destinada a remodelar a economia internacional, a fim de que as riquezas sejam partilhadas mais equitativamente.

O objectivo principal das 27 delegações será o de criar quatro comissões de especialistas, consideradas por certos representantes como o acontecimento institucional mais importante desde a fundação das Nações Unidas.

As comissões — tratando de energia, matérias-primas, auxílio para desenvolvimento e assuntos financeiros relacionados — dirigem o seu trabalho para as áreas principais que

governam a distribuição das riquezas do Mundo.

A reunião sobre cooperação económica internacional, melhor conhecida no calão diplomático como a conferência Norte-Sul, foi um sonho acalentado, Henry Kissinger, será, de presidente Valéry Giscard d'Estaing, da França, que proferiu o discurso inaugural.

As 27 delegações que se reúnem no centro de conferências internacionais, na Avenida Kleber, onde esteve instalado um quartel-general militar alemão, durante a Segunda Guerra Mundial, são formadas por oito países do mundo industrial, incluindo um da Comunidade Económica Europeia (C. E. E.), e 19 Estados produtores de petróleo e nações em

vias de desenvolvimento.

A atitude dos Estados Unidos e do seu secretário de Estado Henry Kissinger, será, de acordo com a opinião geral, de primordial importância para o êxito da conferência.

Os franceses esperam que Kissinger assumirá uma atitude conciliatória, embora receiem que ele possa tentar meter uma cunha entre os Estados exportadores de petróleo e os países em vias de desenvolvimento não produtores de ramos.

Círculos diplomáticos disseram que a Argélia, o mais fraco dos produtores de petróleo, deveria certamente reagir indignadamente a quaisquer tentativas para dividir a aliança entre os Estados exportadores de petróleo e o mundo em vias de desenvolvimento.

Os participantes estão já empenhados nos bastidores em intenso regateio sobre a composição das comissões, em especial sobre quem serão os co-presidentes.

Os Estados Unidos venceram a batalha da co-presidência da comissão de energia, à custa da C. E. E., que fez também diligências nos bastidores para conseguir o cargo.

Cada comissão contará com 15 membros, cinco do campo

industrial e os restantes dos Estados produtores de petróleo e em vias de desenvolvimento. Os co-presidentes virão dos dois lados.

A agenda da conferência foi redigida meticulosamente em duas reuniões preparatórias, que se efectuaram em Abril e Outubro.

O dia de amanhã será dedicado aos discursos de cada delegação. Deverá pois chegar-se a acordo sobre a composição das comissões e completados os detalhes dos seus mandatos.

Os organizadores franceses fixaram o número de delegações em 27, julgando ser esse o máximo para um debate frutífero.

Diplomatas que assistiram às duas reuniões preparatórias recordam, porém, quão difícil foi, então, chegar a acordo e havia, nessa altura, apenas dez interlocutores.

As 27 delegações são os Estados Unidos, Japão, C. E. E., Austrália, Canadá, Espanha, Suécia e Suíça, pelos países industrializados, e Venezuela, Argélia, Arábia Saudita, Pérsia, Iraque, Indonésia, Nigéria, México, Brasil, Índia, Paquistão, Zaire, Camarões, Egipto, Zâmbia, Jamaica, Argentina, Peru e Jugoslavia.

Caleidoscópio

■ AMSTERDÃO, 16 — (Anop) — Dirigentes da comunidade sul-molucana no exílio receberam um milhão de florins se conseguirem uma solução pacífica para o caso da ocupação do consulado indonésio em Amsterdão — revelou hoje o diário «Algemeen Dagblad» de Roterdão.

Um destacado grupo de comerciantes holandeses da Haia oferece o dinheiro, no caso de os 25 reféns serem libertados vivos e salvos — sublinha o jornal — acrescentando que os extremistas sul-molucanos que mantinham, reféns num comboio em Beilen foram também informados da oferta, mas só depois de terem concordado em render-se.

O «Algemeen Dagblad» cita ainda o dirigente sul-molucano Johan Alvares Manusama como tendo afirmado que a quantia oferecida não influenciaria o resultado da ocupação da Embaixada, assim como não tinha influenciado a decisão dos assaltantes do comboio.

■ HAVANA, 16 — (Anop) — Hortensia Bussi, viúva do presidente constitucional do Chile, Salvador Allende, chegou a Havana convidada pelo Partido Comunista de Cuba e para assistir ao Primeiro Congresso do P. C. C..

■ LOS ANGELES, 16 — (R.) — J. Edgar Hoover, o falecido director do F. B. I., tentou, em 1970, conseguir que informações falsas fossem publicadas numa coluna de mexerico

de Hollywood sugerindo que a actriz Jane Fonda pedira o assassinio do presidente Richard Nixon, segundo alegou ontem num tribunal o advogado da estrela de cinema.

Jane Fonda intentou uma acção contra o Governo Federal, exigindo uma indemnização de 2,8 milhões de dólares devido aos seus direitos civis terem sido violados pela C. I. A. e outras agências governamentais.

■ EL AAIUN, (SARA OCIDENTAL), 16 — Forças Armadas mauritânicas terão bombardeado La Guera, cidade situada no sul do território saariano, que se encontra em poder da Frente Polisário desde que foi abandonada pelas tropas espanholas.

De momento, parece que o maior número de baixas ocorre no lado das tropas mauritânicas, que estariam a evacuar os seus feridos por via aérea para a sua capital, Nouakchott.

■ RIO DE JANEIRO, 16 — (Anop) — O Brasil desvalorizou ontem o cruzeiro pela décima quarta vez em 1975, elevando para 21,97 por cento o total da desvalorização deste ano em relação ao dólar norte-americano.

■ BRUXELAS, 16 — (Anop) — A Comunidade Económica Europeia vai estabelecer uma carta de condução, válida nos nove países membros para os súbditos de qualquer deles.

Novo jornal espanhol em Abril de 1976

MADRID, 16 — (ANOP) — Um novo jornal diário, «El País», de que são accionistas dos actuais ministros, Fraga e Areilza, deverá aparecer em Abril de 1976, segundo as últimas informações do conselho de administração da empresa editora.

Embora ainda não haja confirmação oficial, o director será o jornalista Juan Luis Cebrian, actual subdirector do vespertino «Informaciones», que já estaria a formar equipa de redacção.

Há mais de três anos que os responsáveis do anunciado jornal lutavam com dificuldades, sobretudo administrativas-políticas, até que o pedido de inscrição foi aceite oficialmente em Março deste ano. Nessa ocasião, especulou-se muito sobre a saída do jornal, tendo-se insistido em que a autorização seria uma das condições que Fraga punha a Arias Navarro para participar no jogo associativo, o que não veio a acontecer porque esta e outras exigências de Fraga e do seu grupo não foram aceites.

A empresa editora do jornal conta com um capital de 150 milhões de pesetas, integrado por 400 accionistas de diversas regiões espanholas. Entre os mais destacados contam-se Fraga, Areilza, Pio Cabanillas, Fernando Maria Castiella, Morodo, Rui Jimenez, Tames e

outros conhecidos profissionais e políticos de prestígio no país, embora de tendências políticas diversas.

Em Julho de 1975, o presidente do conselho de administração, Ortega Spottorno, afirmava que «El País» não vinha substituir ninguém, mas a preencher um vazio, e apresentava-o como «um jornal liberal no sentido vital da palavra, sem que isto significasse defesa do liberalismo que é uma atitude política já superada».

Por outro lado, nas últimas semanas foram conhecidos planos de saída de diversas novas publicações ligadas a sectores políticos. Há poucos dias apareceu o primeiro número de «Discussão e Convivência», uma revista política ligada a sectores da democracia cristã de esquerda.

Pessoas ligadas a Fraga Iribarne têm investido ultimamente milhões na compra de posições em diversas publicações.

Grupos de outras correntes políticas estariam também dispostos a inflacionar o campo dos meios de comunicação no país. As revistas actualmente existentes, consideradas independentes, certamente se comprometerão com algum grupo político.

Em Março, a revista mensal, «Cuadernos para el Diálogo» passará a semanário.

Proposta a retirada de armas atómicas

VIENA, 16 — (R.) — Negociadores da N. A. T. O. tentam hoje injectar vida nova nas conversações sobre reduções de forças entre o Leste e o Oeste, que progridem lentamente, oferecendo-se para restringir o arsenal nuclear norte-americano na Europa.

O presidente nuclear do Natal, aprovado pelos ministros dos Negócios Estrangeiros da N. A. T. O., na sessão que efectuaram em Bruxelas, na sexta-feira, será entregue numa reunião extraordinária das dis-

cussões, que se efectuam no Palácio Hofburg.

A N. A. T. O. prepara-se agora para retirar mil das 7200 armas nucleares tácticas norte-americanas na Europa Central, se as sete nações do Pacto de Varsóvia aceitarem um plano apresentado, há dois anos, que preconizava reduções nos efectivos militares terrestres dos Estados Unidos e da U. R. S. S. e a restrição eventual das forças de ambos os lados até «uma paridade aproximada».

Nacional

Maior autonomia para a Madeira

Deverão ser nomeados, ainda esta semana, os elementos que constituirão a Junta Administrativa e de Desenvolvimento Regional da Madeira.

Esta Junta, idêntica à que já existe para o arquipélago dos Açores, teve a sua criação aprovada em Conselho de Ministros, no último dia 13 e após forte insistência do deputado Emanuel Rodrigues (P. P. D.) na Assembleia Constituinte.

A referida Junta conduzirá a uma maior autonomia política e administrativa da Madeira, o que não passa, contudo, pela autonomia financeira.

UM BANCO REGIONAL

Entretanto, desenvolve-se no arquipélago madeirense uma grande campanha destinada à criação de um Banco de Fomento Regional, para o que se conta com remessas de dinheiro dos emigrantes. Estes, poderiam passar a enviar para a Madeira as suas economias (na certeza de que seriam aplicadas na sua terra) já que a aplicação de capitais na Venezuela e na África do Sul afigura-se, agora, menos segura.

FUNCHAL: PORTO FRANCO?

A possibilidade do porto do Funchal se transformar em «porto franco» sugere forte polémica entre madeirenses. A questão foi recentemente posta em debate, por iniciativa do «Diário de Notícias» (da Madeira).

Entre os argumentos a favor do porto franco, ressalta aquele que aponta para um maior movimento no porto. Sabe-se que são muitos os navios que optam pelas Canárias justamente por se tratar de zona franca.

Contra a ideia, insurgem-se principalmente os comerciantes que recordam ser tal transformação impossível com as

actuais estruturas económicas: transformar o Funchal num porto franco obrigaria, necessariamente, à modificação total das estruturas.

BORDADOS: AUMENTA A CRISE

A crise na indústria de Bordados agudiza-se rapidamente. Aumenta o número de casas que fecham as suas portas e reduz-se cada vez mais o período de laboração.

Face às circunstâncias, comenta-se que algumas empresas não poderão pagar o 13.º mês, notando-se, em vários casos, atraso no pagamento de salários.

A indústria de tapeçaria prossegue estacionária.

Cine-Clube do Porto

tem nova direcção

PORTO, 16 — Dando 275 votos à lista «A» e 165 à lista «B», a assembleia geral do Cineclub do Porto, agora realizada, escolheu os corpos gerentes para o ano de 1976, que ficaram assim constituídos: Assembleia Geral: presidente, Virgílio Simões Moreira; vice-presidente, Luís Fernando da Silva Ferreira; e secretário, Jorge Matos Marinho Faria. Direcção: António Augusto Oliveira Marques, António Manuel da Silva Ferreira, Belmiro da Silva Dias Guimarães, Fernando Vitor Assis Vieira da Silva, José Carlos Magalhães Ferreira, Luís da Silva Carvalho e Mário Pedro Santos Rosa. Conselho Fiscal: presidente, António Carvalho Barros; relator, Joaquim da Silva Medon.

A lista vencedora foi proposta pela anterior direcção, enquanto a vencida saiu da iniciativa de um grupo de sócios que, em comunicados desde há algum tempo distribuídos nas sessões, vinha fazendo diversas críticas à actividade dos

corpos gerentes cessantes e ao funcionamento do próprio Cineclub. A lista vencida era encabeçada na Assembleia, na Direcção e no Conselho Fiscal respectivamente pelo crítico de cinema A. Roma Torres, por António Oliveira Marques e por António Carvalho Barros.

De salientar nestas eleições dois factos inéditos: o aparecimento de duas listas concorrentes e o grande número de votantes. Embora o C. C. P. tenha, desde há muitos anos, uma grande massa associativa (actualmente são mais de 3000 sócios), a verdade é que o número de votantes nas assembleias de eleições raramente ultrapassava as duas dezenas. Este ano, com 446 listas entradas nas urnas (duas em funcionamento simultâneo), atingiu-se um número de presenças que os associados mais antigos diziam não haver memória. Do programa da lista vencedora salientam-se a dinamização das secções e uma maior participação dos sócios nas actividades programadas.

Três irmãos nos bombeiros

BRAGANCA 15 — Onze novos bombeiros voluntários receberam os seus machados no decorrer de uma cerimónia que teve lugar no dia de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Corpo.

Entre os novos «soldados da paz» contam-se, como facto considerado excepcional, três irmãos — Mário, Luís e Manuel Esteves. A consagração dos bombeiros foi motivo de festa.

CASA DA IMPRENSA

Reune-se hoje, com início às 16 e 30, em segunda convocação, a assembleia geral ordinária da Caixa de Previdência de Profissionais da Imprensa de Lisboa (Casa da Imprensa), para apreciação do orçamento e eleição dos corpos gerentes para o exercício de 1976.

Estado dá avales

Milhão e meio de contos para a C.P. e Carris

Avales do Estado até ao montante de quase um milhão e meio de contos acabam de ser concedidos, mediante resolução do Conselho de Ministros, à CP-Companhia dos Caminhos-de-Ferro Portugueses e à Companhia Carris-de-Ferro de Lisboa, S. A. R. L.

O aval prestado à CP passa do milhão de contos: exactamente 1170 000. Para a Carris

estão à disposição 300 mil.

Entretanto o Conselho de Ministros decidiu também acorrer aos Estaleiros de Viana do Castelo com um aval de 250 mil contos, neste caso para garantia de um empréstimo nesse mesmo montante.

Outras resoluções governamentais tomadas ultimamente referem-se aos Ministérios da Cooperação e Negócios Estrangeiros (aprovado o Acordo

Geral de Cooperação entre Portugal e Moçambique), Comércio Interno (fixação do preço por arroba do feijão industrial posto nas destilarias) e Finanças (fixação de disposições relativas ao reinício das sessões de Bolsas de Valores, ou mercado de obrigações).

Por seu turno o Conselho da Revolução (Decreto-Lei n.º 697/75) determinou que um anterior diploma (Decreto-Lei n.º 497/75) relativo a saneamento do pessoal civil das Forças Armadas se não aplique ao pessoal civil do Arsenal do Alfeite.

Foi a sepultar

Santos Fernando

Santos Fernando, humorista tornou-se conhecido pelos seus livros e também pelos contos que semanalmente publicava no «Diário Popular», foi ontem a sepultar.

Nascido em Lisboa a 22 de Janeiro de 1927, Santos Fernando era um dos mais popula-

res humoristas portugueses, colaborando também no semanário brasileiro «O Pasquim», de Millôr Fernandes. De colaboração com Ferro Rodrigues foi autor de numerosos diálogos, peças e «sketches» para a rádio e TV.

Santos Fernando faleceu inesperadamente no passado sábado, apenas com 48 anos de idade, impedido assim de cumprir o seu projecto: «morrer aos 84... a sorrir».



Este novo País vai dar-lhe grandes oportunidades.

Se v. for um profissional qualificado.

Isto é se tiver um bom curso. Que V. pode tirar em sua casa. Estudando nos momentos livres e muito economicamente. Para preparar os que não possam ir à Escola (talvez o seu caso?) ou mesmo para complementar estudos inacabados, AFHA aperfeiçoou os mais modernos métodos de ensino à distância.

E os seus cursos têm aberto as portas do êxito a milhares de alunos em toda a Europa, inclusive Portugal. Seja V. o próximo.

Escolha um dos nossos cursos. Um bom curso essencial e o diploma que lhe conferimos, credita as suas qualificações. Assim você já estará em condições de corresponder às muitas possibilidades, que este País novo lhe vai oferecer.

Cursos:
ELECTRONICA RADIO-TV
TELEVISAO
DESENHO TECNICO
FRANCES - INGLIS
CONTABILIDADE
CULTURA GERAL
CORTE E CONFECCAO

GRÁTIS E SEM COMPROMISSO

Encontre-me completamente informada sobre o curso que lhe quero.

NOME _____
ENDREÇO _____
CÓDIGO _____

LOCALIDADE _____

CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA
R. D. Estefânia, 32 - Lisboa 1

Ainda hoje!
Preencha
e envie
o cupão.

«DL» 44

HOJE

ÀS 21.30

TEATRO

VASCO SANTANA

(Tel. 76 86 09)

12.º ANIVERSÁRIO
DA COMPANHIA TEATRO-ESTÚDIO
DE LISBOA

ENTRADA GRATUITA

CADA ESPECTADOR PODE REQUISITAR
2 BILHETES

TRAPOS E RENDAS

DE LUZIA MARIA MARTINS
com (ordem de entrada)

AUGUSTO LEAL • VITOR HUGO • DARIO DE
BARROS • MARIO PEREIRA • FERNANDA MON-
TEMOR • HELENA FELIX • CREMILDA GIL
SUZANA PRADO

GRUPO — 13 anos

Teatro
Mário
Matos

ESTREIA
AINDA ESTA
SEMANA

Schweyk na II Guerra Mundial

de Bertolt Brecht

com RAUL SOLNADO

no protagonista

Bilhetes à venda a partir de 4.ª Feira, dia 17

Telef. 897017 — Não acons. a menores 10 anos

MARIA
VITÓRIA

TODOS OS
DIAS
Às 20,30
e 22,45

Não
aconselhável
a menores
de 18 anos

FORÇA,
FORÇA,

CAMARADA ZÉ!

SALVADOR

*
FLOREBELA

*
SANTANA

e um grande elenco popular

Aos domingos e feriados:

«Matinée» às 16 horas

Às 2.ªs feiras:

Descanso da Companhia

AGUARDENTE VELHA
Niepoort
a prova está na prova

Canal da Crítica

HISTÓRIAS DO PAÍS REAL, ETC. E TAL

Não têm conta as anedotas que se contam sobre os escuteiros. Baseiam-se principalmente no seu espírito de solidariedade, de generosidade, de bem-fazer. Claro que os escutismo do sr. Baden Powell visava fins muito mais altos, enquadrava-se num sistema de vida concretamente ligado a um determinado tipo de sociedade — nas suas aparências, como todas as aparências — que fornecia o material para o anedotário.

Ontem vimos, ao vivo, alguns apontamentos que muito se aproximam disso. Ligavam-se à obrigação para todos os escuteiros de, em cada dia, praticarem pelo menos uma boa acção.

Foi o caso daquele jovem que tentou auxiliar um coxo. O coxo agradeceu mas recusou. Nova tentativa (um bom escuteiro nunca desiste!) e nova recusa, o que motivou claramente mais uma tentativa — após o que o coxo, com infinita paciência, teve de lhe dizer que não era coxo, não, era debedeira.

Veio seguidamente outro companheiro que contou a seguinte história.

Estava-se no lava-pes quando ele reparou que um pobre homem se pôs a fumar a beata apanhada na rua. Surgiu aqui a sua possibilidade diária: disse ao homem que deitasse aquilo fora e ofereceu-lhe um cigarro dos seus. Resultado: o meco chupou os primícias do tabaco mas guardou-se bem de se desembrasar da beata. Sim, porque não se encontra um escutista benfeitor a todas as horas...

Ao preço a que o tabaco está não se discute a validade da boa acção. Mas talvez o jovem escuteiro não se tenha lembrado ainda que outra melhor acção poderia fazer fora a de oferecer cigarros aos outros, e essa seria recusá-los a si próprio.

Enfim, nem tudo lembra. Como não se lembra aquele outro jovem escutista do C. N. E., ao afirmar que ali não se faz política, que isso de não fazer política também é uma forma de a fazer. Diz-me a política que dizes não fazer e eu dir-te-ei a política que realmente fazes.

E depois, meu caro, estás bem seguro de que o Corpo Nacional de Escutas, com todas as suas ligações à hierarquia católica, nunca serviu política nenhuma, em anos que já lá vão e ainda não há muitos anos? Estás tu bem certo de que a generosidade própria da juventude, o seu espírito gregário, o seu desejo de viver não terão sido manipulados em certas formas de escutismo?

NOSSA SENHORA NÃO TEM MÃOS A MEDIR

Chegados aqui importa esclarecer que os escuteiros em causa não são uns escuteiros quaisquer: encontravam-se, certamente, em missão, acampados nas traseiras do Santuário de Fátima. Só este facto, nos daria pano para mangas a respeito de política, a respeito daquilo que realmente é mesmo quando parece que não é. Mas adiante.

Estavam ali no acampamento três populares vindos de longas terras em peregrinação. Três populares, não habitantes de Portugal, mas daquilo a que

vulgarmente se chama o país real. Volta-se para eles a câmara da Cinequanon — e o interesse da rubrica mudou de volto: os escuteiros perderam-se no nevoeiro das abstracções do poder surgia.

Vinham de Sobral da Lagoa, oncelho de Óbidos, donde partiram no dia 10 pelas duas horas da tarde, indo pernoitar em Alcobaça, obra para aí de sete léguas. A fé também tem as suas maratonas.

O homem, num impressionante monólogo, conta-nos a razão da sua viagem, o nome: desdentado da subnutrição e do mau passado e dos nenhuns cuidados, as mãos onde os calos da enxada temporam torrões de terra escondidos de contrabando na carne, os pés feridos envoltos em ligaduras. A explicar-se:

Um irmão meu há 10 anos embarcou para a Guiné. Ao fim de dezoito dias mataram-no. Deixou mulher com 15 anos e uma filhinha de 15 meses. Agora foi-me outro pra tropa que já saiu há um ano e tem agora um mês que saiu da tropa. Chegou a chorar ao pé de mim. Irmão adeus, que é outro miserável que se vai embora e vai ser morto, vai para o lugar do outro. Eu apeguei-me com Nossa Senhora, Nossa Senhora, socorreu-me o meu irmão lá fora. Por isso cá venho hoje pagar a promessazinha: lá de cima da Cruz Alta vir por aí abaixo de joelhos e com uma vela da altura dele, e Nossa Senhora ou alguém socorreu a minha aflição.

Assim, com esta fé prutamente operacional: pede-se à Senhora pelo irmão e a Senhora protegeu. Dou voltas à cabeça a perguntar porque será que a Senhora não protegeu o primeiro irmão. Terá sido por que o cavador do Sobral da Lagoa se esqueceu de lho pedir?

Foi a vez de a sua companheira (um rosto donde toda a expressão pareceu ausentar-se) dizer do milagre:

Eu venho por uma promessa por causa do meu filho que estava quase morto. Tinha um ano e deu-lhe uma coisa e o menino estava todo escuro, deitava a baba pela boca e arremelhava os olhos e a gente dizia-lhe «Armando! Armando» e ele não dava sinal de vida e depois eu peguei-me com Nossa Senhora e Nossa Senhora curou-mo.

Mas a minha promessa era outra, era trazer o menino ao colo, do Sobral até aqui. O menino tem três anos, pesa 17 quilos e meio e eu não posso. Agora tenciono confessar-me ao senhor prior a ver o que hei-de fazer, se hei-de pedir uma criança emprestada, mais pequenina. Eu falei com o padre da nossa freguesia e ele

ralhou comigo, se a gente não sabe o que estamos a prometer, mas nas aflições em que a gente se vê, a gente não sabe o que promete.

Assim, mesmo. Não se discute que o milagre do grande precioso interveio de Nossa Senhora, embora não pareça que Nossa Senhora era muito menos que fazer quando todos os Armandos festejam a sua existência infantil. Todos ganham, incluindo a Senhora de Fátima que aplicara seus poderes em obras de maior rentabilidade.

O outro caso era também história de guerra. Aqui a cunha da vela não surtiu efeito porque o mancebo não chegou a embarcar a Frelimo antecipara-se à Senhora de Fátima.

Entretanto, o homem apresenta-se a cumprir a promessa. Por honradez? Não só. Paga a promessa porque vai ser operado a uma hérnia e tem medo que lhe aconteça alguma coisa. Estão a ver, hem?, estão a ver o que lhe acontecia se aparecia no outro mundo com aquele crime às costas? Era inferno garantido.

Assim, encontramos algumas linhas que definem o rosto de uma grande parte do nosso país. De que alguns se aproveitam, disso não tenham dúvidas para impedir o avanço das medidas sociais indispensáveis. Que alguns procuram manter, impedindo o avanço das medidas sociais.

P.D.C. VEM FAZER A COLHEITA

O Telejornal dá-nos conta do Congresso do P. D. C., o Partido da Democracia Cristã.

Este Partido teve uma vida atribulada. Recomeçou agora as suas actividades, o que plenamente se justifica num sistema à lista, perdão!, num siste-

ma pluralista. Bem vistas as coisas, um partido reacccionário a mais ou a menos, que diferença faz?

Parece que o impedimento maior residia na escolha do presidente que evasse a coisa a nomear. Tudo se resolveu com a escolha de Silva Resende. A mim, pessoalmente, o que me intriga é a invocação da dificuldade. Pois que se espera para que Sanches Osório recomece a actividade camarária?

Na parte do discurso que ouvimos, Silva Resende diz que há quem se interroge sobre a natureza da direita e da esquerda que melhor assenta ao P. D. C. Homens, homens, como se isso fosse coisa que se perguntasse! Claro que é esquerdino. Pelo menos, ao ouvirem a sigla lá muitos portugueses exclamam: *Cruzes, cáphoto!*

O novo presidente do P. D. C. diz-nos que, nesta hora de perturbação e de perigo, aquela organização nos traz o conforto da «palavra de alívio» de esperança. Mais ou menos assim: *A liberdade só se salva e desenvolve pela limitação da propriedade pelo Poder e do Poder pela Propriedade.*

Perceberam? É isso mesmo. Com o P. D. C. a liberdade está salva. Mas a liberdade de quem também já se sabe...

A propósito, o jornalista Avelino Rodrigues leu um comentário confuso, improprio para as televisões de todo o mundo em geral e para a nossa em particular. Perceberam-se, no entanto, as palavras finais: nas fileiras do P. D. C. não se conhecem quaisquer nomes de católicos progressistas.

Avelino Rodrigues, falaste muito. Falaste demais. Para se compreender o essencial, bastava talvez que perguntasses porquê o P. D. C. reaparece agora. *Agora...*

Hoje



«Os Malucos do Circo»

PROGRAMA

- 19.00 TV Juvenil
- 19.30 «Os Malucos do Circo»
- 20.00 TV Palco
- 20.30 Telejornal — 2.ª edição
- 21.00 Programa Militar do Estado-Maior-General das Forças Armadas
- 22.00 Música, Musical!
- 23.00 Telejornal — 3.ª edição
- 23.45 Fecho

II PROGRAMA

- 20.30 Série filmada o «Perigo e a minha Profissão»
- 21.00 Clássicos do Cinema o «Terceiro Assalto»
- 22.10 Fados por Maria Espírito Santo
- 23.00 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

Música, Musical! (22.00)

II PROGRAMA

Clássicos do Cinema (21.00)

Amanhã

I PROGRAMA

- 12.45: Abertura e Encontro; 13.15: Telejornal — 1.ª edição; 13.30: «Os Robinsons Suíços» — série filmada; 14.00: Logo à Noite — cartaz dos cinemas e teatros de Lisboa e Porto e da TV; 14.10: Educação Musical (2.º ano); 14.35: Ciências da Natureza (2.º ano); 15.00: Educação Musical (1.º ano); 15.25: Moral (2.º ano); 15.25: Moral (1.º ano); 2.º Período — 19.00: Abertura e um programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis; 19.30: Panorama; 19.55: «George»; 20.20: Vamos Jogar no Totobola; 20.30 Telejornal 2.ª edição; 21.00: «Lucien Lewen» — 4.º episódio — 2.ª parte — com Bruno Garcia e Nicole Jamet. Realização de Claude Autant-Lara; 21.30: A Gente que Nós Somos — Albernão — um programa apresentado pelo Departamento de Programas Político-Sociais; 22.25: Cinema Ano II — actualidades cinematográficas. Programa apresentado e realizado por Alfredo Tropa; 23.00: Telejornal — 3.ª edição; 23.15: Fecho.

II PROGRAMA

- 20.30: Abertura e «Os Robinsons Suíços»; 21.00: Concerto; 21.30: «Callan»; 22.30: Telejornal; 23.00: Fecho.

PARA O SEU NATAL

VISITE A

NUCLEON

EQUIPAMENTOS DE PRECISÃO, LDA.

ONDE ENCONTRARA

JOGOS EDUCATIVOS

PARA TODAS AS IDADES

MATERIAL DIDÁCTICO

DO PRÉ-PRIMÁRIO AO UNIVERSITÁRIO

DESENHO E PINTURA

EXPOSIÇÃO E VENDA:

Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 57-A (Metro Palhavã)

Telefones 77 02 37 - 77 03 51 — LISBOA

A CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECÇÕES

Av. João XXI, 5-D — R. Infância 18, 55-C — LISBOA

Jornadas

de Música em Bruges

Vão realizar-se em Bruges, de 30 de Julho a 13 de Agosto de 1976, as Jornadas Internacionais de Música, este ano consagradas a J.S. Bach.

Os interessados, para efeito de conhecimento do respectivo regulamento, devem dirigir-se à Direcção-Geral dos Assuntos Culturais, no edifício da Biblioteca Nacional, em Lisboa, ou pelo telefone 762821.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

Deslocação e orçamento grátis

Telefs. 72 27 86 - 83 42 71

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto



Tudo começou na noite do Sporting-Vasas, a contar para a segunda «mão» da segunda eliminatória da Taça U. E. F. A.: o parque de estacionamento de Alvalade foi «ocupado», revertendo a receita proveniente dos automobilistas para a autodenominada «Comissão de Moradores»

Sporting reclama aquilo que é seu

A Comissão de Defesa do Património do Sporting, chefiada pelo dr. Silva Resende e acompanhada do presidente «leonino» João Rocha, esteve ontem ao fim da manhã na Câmara Municipal de Lisboa, onde foi recebida pelo presidente da Comissão Administrativa coronel Lino Góis Ferreira. Em foco: as ocupações dos terrenos do Sporting, ultimamente verificadas.

Mostrando-se perfeito conhecedor do problema, o coronel Lino Ferreira prometeu à delegação «leonina» uma firme actuação na travagem do processo, tendo o dr. Silva Resende solicitado uma chamada especial de atenção para os casos mais humanos, já que muitos outros, rotulados de oportunistas, se têm igualmente instalado na zona do Estádio de Alvalade. Como exemplo negativo a «Comissão de Vigilância» apontou casos de agregados familiares que têm um rendimento global de 30 mil escu-

dos e que fizeram construir nos terrenos do Sporting as suas pobres e poluídas «casas»...

Como primeira medida, o presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal

de Lisboa vai mandar determinar o embargo total de mais obras nos terrenos do clube, o que não exclui uma firme tomada de posição em relação a casos até aqui verificados.



Ontem, foi accionado um travão a esta ocupação: a comissão de 25 associados do Sporting (chefeado pelo dr. Silva Resende e acompanhada do presidente (João Rocha) esteve na Câmara Municipal de Lisboa, onde o problema foi posto e uma solução foi prometida

Primeiro «grande mestre» feminino

A campeã do mundo de xadrez Nona Gaprindachvili será a primeira mulher, com o título de «Grande mestre» da U. R. S. S.

A decisão de conceder este título pela primeira vez a uma representante do sexo feminino deve-se a diligências do Comité dos Desportos junto do Conselho dos Ministros da U. R. S. S. indica a agência

«Tass».

Nona Gaprindachvili merece sem dúvida este galardão: campeã do Mundo, conservou o seu título batendo a sua compatriota Nana Alexandria com a pontuação final de 8,5 a 3,5.

A agência «Tass» acrescenta o título de «grande mestre» da U. R. S. S. poderá igualmente ser atribuído a uma jo-

gadora que num período consecutivo de dois anos seja qualificada para o título mundial, bem como aquela que tenha alcançado por três vezes em seis anos o título de campeã da U. R. S. S.

Gaprindashvili tinha conquistado o título mundial feminino em 1962, 1965, 1969 e 1972.

Futebol: hora de repensar

O calendário de provas da Federação de Futebol, referente ao período Janeiro-Julho, já foi distribuído publicamente, embora esteja condicionado à aprovação superior, em face de um convite feito (pelo empresário José da Gama) para deslocação a diversos países da América Latina de duas seleções portuguesas. A esse respeito (e, certamente, para explicar outras coisas: os elevados prémios pagos aos futebolistas das «quinas» pelo inexpressivo êxito obtido em Chipre e no empate em Wembley, até à presença em estádio de jogadores que não se encontravam em condições físicas, ou anímicas, de participarem em qualquer espectáculo federativo) haverá esta noite, na sede da Federação, um encontro com órgãos da comunicação social.

Na oportunidade, deverá ser (finalmente) divulgado o critério que vai presidir à passagem de cartões de negro nos campos de jogos que, desde 1971-72 se vai protelando à custa de sucessivos selos de revalidação, embora cinquenta por cento de «credenciais» que circulam o façam em condições absolutamente ilegais, tantas delas na posse de indivíduos que não têm qualquer tarefa a desempenhar nos estádios, em detrimento de dezenas de outros a quem não é oficialmente facultada a facilidade para o seu trabalho.

Outro assunto que (espera-se) ganhe o direito de uma opinião abalizada confina-se dentro do plano de actuação do seleccionado nacional inscrito para o Mundial, que deve ocorrer na Argentina, em 1978. Competidores para o «team português»: os «onze» da Dinamarca, Chipre e Polónia.

Estes e vários outros problemas, candentes no futebol português (desde a tremendamente infeliz decisão do Conselho de Disciplina ante os acontecimentos vividos no Atlético-Sporting, aos esforços feitos, ou negados, para abolição dos inculcáveis impostos que pesam sobre o espectáculo da bola) terão, forçosamente, de estar na agenda da reunião de hoje, em face da situação tragi-

cómica para onde resvala o futebol português, assoberbado com um avassalador clima de indisciplina e a contas com regulamentação decrépita, tanta

vez manejada por ilustres desconhecidos enviados associados a risinhos e perturbantes congressos.

NEVES DE SOUSA

Dinheiros em equação

A Associação de Tenistas Profissionais revelou, em Paris, a lista dos jogadores que maiores verbas ganharam ao longo deste ano. Eis os seus nomes:

1. Arthur Ashe (E.U.A.), 325 550 dólares (cerca de 9 110 contos); 2. Manuel Orantes (Esp.), 265 835; 3. Guillermo Vilas (Argentina), 247 675; 4. Bjorn Borg (Suécia), 220 851; 5. Raul Ramirez (México), 209 560; 6. Ilie Nastase (Roménia), 179 124; 7. Brian Gottfried (E.U.A.), 167 960; 8. Jimmy Connors (E.U.A.), 159 172; 9. Roscoe Tanner (E.U.A.), 150 459 e 10. John Alexander (Austrália), 138 050.

Não foram inseridas na lista as verbas recebidas por participação na «Taça Davis», em exhibições ou em «partidas de desafio».

A Argentina tenciona dispendir o equivalente a 30,3 milhões de dólares (cerca de 848 400 contos) para a construção de novos estádios e para obras de melhoramentos em campos desportivos já existentes, para a reanimação do campeonato mundial de futebol em 1978.

Tres novos estádios vão ser construídos nas cidades de Mar del Plata, Cordoba e Mendoza, enquanto serão remodelados os estádios de River Plate e do Velez Sarsfield (em Buenos Aires) e do Rosario Central (na cidade de Rosario).

Prossegue o torneio lisboeta em ténis de mesa (1.ª divisão senior, competição por equipas). Encontros programados: Palmeiras-Belenenses, Benfica-Amadora, Casa Pia-Operário, Sporting-Centro Católico e Academia-Aguia, nas mesas dos clubes indicados em primeiro lugar.

O campeão de boxe dos «pesados», Muhammad Ali, planeia investir 20 milhões de dólares em projectos egípcios, diz o jornal «Al Akhbar».

Donald John MacDonald, vice-presidente da Companhia Muhammad Ali Trade Corp, declarou que esta quantia corresponde a cerca de quarenta por cento do total a distribuir pelo Médio Oriente.

Não foram revelados pormenores dos projectos.

Reprovável

Ninguém duvida: é preciso mão firme para travar a onda de indisciplina que grassa no nosso desporto. E essa mão firme já existe, nalguns lados. Aqui ficam alguns exemplos: a Associação de Hóquei em Campo de Lisboa acaba de punir, com um ano de suspensão o atleta João António Reis Pestana do Cascais; no hóquei em patins, foi aplicada a pesada sanção de 15 jogos de suspensão ao atleta Eduardo Jacinto Silvestre, do Hóquei de Sintra; por sua vez, a Comissão Central de Árbitros de Hóquei em Patins anuncia que, durante um ano, nenhum dos seus filiados arbitrará jogos do Parede F.C., desde que este clube seja visitado.

Falta saber se esta onda de indisciplina grassa só nas modalidades do «stick» ou se se generalizou, pura e simplesmente...

LÁ FORA

Duas pessoas mortas e mais de cem espezinhadas foi o resultado do tumulto verificado no fim do encontro de futebol Estudantes de La Plata-Rosário Central, disputado em La Plata (Argentina), e que o primeiro ganhou 1-0. Segundo a por enquanto sumária informação da Polícia, alguns exaltados deitaram fogo a um dos vestiários, mas nenhum dos jogadores sofreu qualquer dano.

///

Um «furioso da bola», ainda adolescente, foi preso após insultar o árbitro através de um megafone, durante um jogo da Liga Italiana, que se efectuou em Milão.

A voz de Luciano Bosoni (de 15 anos) a insultar o árbitro podia ser ouvida em todo o Estádio de San Siro, onde 80 000 espectadores viram o Milão perder (por 2 a 1) com o Torino. Foi preso após o desafio, mas solto, mais tarde, devido ao árbitro não desejar que o rapaz fosse levado aos tribunais, revelou a Polícia.

Cubano com asas

Silvio Leonard, co-recordista mundial dos 100 metros e medalha de ouro nos Jogos Panamericanos (do México) foi eleito «atleta do ano», em Cuba.

O «esperança» do ano é Roberto Urrutia, levantador de pesos, em cujo poder se encontram dez recordes mundiais juvenis e onze panamericanos. Nos recentes Jogos do México obteve três medalhas de ouro.

Silvio Leonard (de 20 anos) conseguiu igualar o recorde mundial nos 100 metros planos (com 9,9 segundos) apesar de uma deficiência num músculo. Os treinadores cubanos creem, firmemente, que Leonard pode atingir facilmente os 9,8, até talvez menos.

Leonard foi recentemente submetido a uma intervenção cirúrgica, que obteve êxito, o que lhe possibilita preparar-se eficazmente para os Jogos Olímpicos (de Montreal) onde espera vir a baixar os recordes mundiais de 100 e 200 metros.

TOTOBOLA JOGUE CONNOSCO

CUF-SPORTING	2
BRAGA-BOAVISTA	X
FARENSE-LEIXÕES	1
BELENENSES-BEIRA MAR	1
ACADEMICO-ATLETICO	X
U. TOMAR-ESTORIL	2
PORTO-GUIMARÃES	1
BENFICA-SETUBAL	1
FAFE-VARZIM	2
ALBA-CHAVES	X
SINTRENSE-CALDAS	2
U. SANTARÉM-PORTIMON	2
ALMADA-BARREIRENSE	X

HOJE E TODAS AS NOITES NO Empresa: Henry Toni

CIRCO MARIANO

Na Alameda D. Afonso Henriques (junto à Fonte Luminosa)

O único circo português que representou Portugal no estrangeiro

CIRCO MARIANO apresenta a grande atracção mundial PROFESSOR KARMA e a sua «medium» BETY, os maiores mentalistas do Mundo

No Circo Mariano não chove, há aquecimento e todas as cadeiras são estofadas. (As bilheteiras abrem às 17 horas. Dias de «Matinée», às 11 horas)

Atenção Colégios e Comissões de Festas de Natal ● PREÇOS ESPECIAIS ●

UM LUXUOSO ESPECTÁCULO

2 PARELHAS DE PALHACOS os ELIZABETHS e CAMPOS FILHOS * ESCADA LIVRE * ÍCAROS * MALABARISTAS e ILUSIONISTAS * PERCHISTAS, ETC., ETC.

CONVIDADA DE HONRA

ANITA GUERREIRO

60 artistas! 10 atracções!

QUINTAS e SÁBADOS

«Matinéas», às 16.30 h.

DOMINGOS 2 «Matinéas» às 15.00 e às 18.00 h.

MAIORES 6 ANOS

(Nas «matinéas» as crianças até 6 anos têm entrada gratuita)

Factos

Nos pavilhões da Amadora e do Estádio da Luz, disputaram-se, ontem à noite, os jogos correspondentes à 7.ª jornada da fase final do «Torneio de Abertura» de Hóquei em Patins. Resultados: Salesiana, 4-Sotto Mayor, 3 e Parede, 7-Académica da Amadora, 2; na Luz: Sporting, 3-Oeiras, 1 e Paço de Arcos, 7-Benfica, 5.

Equipas que alinharam no pavilhão da Académica da Amadora:

AMADORA: Bravo, Casimiro, Carlos Garrancho, Rui, Quim, António Garrancho, Mota e Torres.

PAEDE: Luis Santos, José Carlos, Leal, Orénio, Coelho, Joaquim Santos, Nunes e Fração.

SOTTO MAYOR: Eloi, Dinis, Sousa, Livramento, Sapo, Rodrigues, Almeida e Teixeira.

J. SALESIANA: Coelho, Fernando, Manuel, Santos, Tomás, Venâncio, Costa e Saraiva.

Os jogos correspondentes às 1.ª e 2.ª jornadas disputaram-se amanhã e depois nos pavilhões do Paço de Arcos e da Académica da Amadora.

«Magnífica arbitragem»: assim rotularam os nossos camaradas marroquinos a presença de António Garrido (e dos seus auxiliares: Porém Luis e Ismael Baltasar) na direcção da partida Marrocos-Tunísia, ganha pelo primeiro bloco por 1-0. António Garrido ingressa, depois da arbitragem deste jogo (que contava para o Torneio Pré-Olimpico), no elenco oficial da F.I.F.A...

O Vitória de Guimarães costuma ser feliz com as contrações que faz em terras brasi-

leiras. Daí chamarmos a atenção dos nossos leitores para a última aquisição vimaranense: chama-se Luis Carlos Faustino, tem 25 anos, e vem do União Futebol de S. Bernardo do Campo. Chegou ontem, ao Porto, tendo rumado de imediato à cidade-berço. Segundo testemunhas, Luis Carlos é fisicamente muito parecido com Jeremias, que foi na época passada a «vedeta» da turma vimaranense. Fernando Caiado vai agora testar o brasileiro, para decidir se o jogador serve (ou não) os interesses do clube.

Realizou-se, ontem à noite, um plenário dos jogadores profissionais de futebol, no qual participaram também representantes dos funcionários administrativos. Em debate, a criação de um sindicato único. Os jogadores presentes acharam um tanto ou quanto precipitada a criação (para já) de um sindicato único, alvitrando que seja fundado o Sindicato dos Funcionários Administrativos, e que, depois, fosse nomeada uma comissão composta por elementos do Sindicato dos Jogadores, dos Treinadores e, também, dos Funcionários Administrativos, que estudaria a possível unificação. No final, foi aprovado o envio de um telegrama ao secretário de Estado dos Desportos e Acção Social Escolar, em que se pede a imediata resolução dos problemas pendentes, nomeadamente o da situação dos «não amadores» e o caso do ingresso gratuito de todos os jogadores sindicalizados nos campos de futebol onde se realizem competições oficiais.

Perguntas que fazemos

Já estará esclarecido o caso (apontado numa reunião do Sindicato dos Jogadores) em que o Lourosa era citado como tendo feito contratos por 10 meses com profissionais do chuto?

E quanto àquela «história» dos dirigentes do Montijo terem impellido certos praticantes a rubricarem um «documento», em que abdicavam do 13.º mês e do subsídio de férias? A acusação tombou em custo roto?

Mas, há mais: teria sido verdade que os jogadores do Benfica fizeram chegar ao conhecimento do treinador o seu desejo de dormirem tranquilos, sen-

do para isso necessário que ele retirasse Nenê do grupo?

A propósito de Benfica: há, também, quem assegure que um jogador do «team» (internacional) anda (ou andou) em tratamento especializado num psiquiatra. É certo?

Também dizem que o União de Tomar sentiu, neste fim-de-semana, uma tremenda dificuldade em fazer deslocar a sua equipa até à Tapadinha: e que teria imitado o Estoril Praia quando, no final da época passada, se deslocou a Coimbra (para a final da 2.ª divisão) no próprio dia do jogo... porque não havia dinheiro para pernoitar num hotel.



A volta a uma profissão: Laranjeira, que parecia totalmente incapaz de retornar ao seu trabalho, recuperou (sensacionalmente) de lesões sofridas nos joelhos e foi, na hora do reencontro com o público «verde» (quase dois anos após uma saída triste) figura que todos aplaudiram e muitos quiseram escutar. Uma citação para o excelente departamento médico «leonino», que apoiou o jogador em todas as fases da sua luta e, muito especialmente, uma menção a João Rocha que, com rara tenacidade, porfiou para que Laranjeira tivesse em seu redor todas as possibilidades de combate a uma doença que parecia implacável.

Em ALCÁCER DO SAL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ SADO

Timor no Conselho de Segurança

Portugal exige acção firme contra a Indonésia

Portugal exigiu, ao Conselho de Segurança, medidas energéticas para pôr cobro à agressão da Indonésia contra a sua colónia de Timor. A intervenção portuguesa foi produzida no decurso de uma sessão daquele órgão das Nações Unidas que decorreu ontem prolongando-se até aos primeiros quatro minutos do dia de hoje, ou seja, até às zero horas e quatro minutos. Nova sessão do Conselho de Segurança está prevista para as 16.30 de hoje, hora de Lisboa, prosseguindo, entretanto, nos bastidores daquele organismo internacional, consultas privadas entre os membros do Conselho de Segurança no sentido de encontrarem uma resolução aceitável pelas duas partes — Portugal e Indonésia — e que seria apresentada para votação na sessão desta tarde.

Fontes diplomáticas afectas à O.N.U. prevêem a possibilidade de uma eventual resolução do Conselho de Segurança condenando a Indonésia, englobar termos menos energéticos do que os expressos numa moção condenatória aprovada pela Assembleia Geral na passada sexta-feira. É de notar que os quinze membros do Conselho de Segurança se reuniram precisamente uma semana depois da queixa depositada por Portugal contra a Indonésia. Em jogo encontram-se 650 mil habitantes do Timor-Leste, a quem deve ser dada oportunidade de decidirem livremente o seu futuro. É neste sentido que representantes dos principais movimentos políticos existentes naquele território poderão vir a ser ouvidos pelo Conselho de Segurança. Pedidos nesse sentido foram formulados pela Indonésia, no que respeita aos movimentos que lhe são favoráveis, e pela Guiné-Bissau, apoiada pela China, quanto à Fretilin, a qual já foi ouvida.

A INTERVENÇÃO PORTUGUESA

A proposta apresentada ontem por Portugal ao Conselho de Segurança, através do seu representante permanente na O.N.U., José Manuel Galvão Teles, foi formulada em quatro pontos:

1.ª condenação da agressão da Indonésia contra Timor; 2.ª exigência da cessação imediata dos actos de violência e da invasão pelo exército indonésio; 3.ª exigência da retirada imediata das forças indonésias de Timor; 4.ª estabelecimento de processos adequados, especialmente através dos bons ofícios do secretário-geral da O.N.U., no sentido de serem criadas as condições para que o povo timorense possa exercer livremente, e sem intervenção externa, o seu direito à autodeterminação e à independência.

Na sua intervenção, o embaixador José Manuel Galvão Teles, depois de historiar o processo de descolonização português, referiu, particularmente, o caso de Timor, lembrando que Portugal se propôs aplicar o princípio de exercício pelo povo do direito à autodeterminação, por meio de uma consulta que lhe permitiria escolher livremente o estatuto político futuro do território: «... Portugal estima que, na medida em que exerce um poder político temporário, na sua capacidade de potência admi-

nistrante, ine e interdito imprimir uma orientação qualquer predeterminada ao exercício deste direito à autodeterminação».

O embaixador Galvão Teles, insistindo no facto de Portugal pretender, acima de tudo, respeitar o que está consignado na carta das Nações Unidas, na Resolução 1514 (Declaração do Direito à Autodeterminação e Independência de todos os Países e Povos Coloniais) e noutras resoluções pertinentes das Nações Unidas, lembrou que Portugal pretendia também manter contactos estreitos com Governos, dos principais países vizinhos de Timor (Austrália e Indonésia), manteve as Nações Unidas permanentemente informadas do evoluir da situação interveio a propósito mais que uma vez nos debates da Quarta Comissão e recordou a reunião do Comité dos 24 em Lisboa, e que a propósito de Timor este Comité adoptou (a declaração de que esperava ver aplicadas medidas para permitir ao povo de Timor realizar os objectivos enunciados na Carta das Nações Unidas e na declaração-resolução 1514). Esta exposição do embaixador português foi exaustiva, de modo a habilitar os membros do Conselho de Segurança com todos os dados possíveis e reais acerca do que tem sido o problema de Timor, desde o 25 de Abril de 1974. Falando da fase que se seguiu ao início de uma verdadeira guerra civil, em Agosto deste ano, recordou um comunicado da Comissão de Descolonização e afirmou: «Portugal, com efeito, não podia aceitar, e não pode aceitar, que a situação criada pelos combates no território atraíssem o princípio fundamental do respeito pela vontade da maioria do povo de Timor. Esta situação, pela qual Portugal não pode ser considerado responsável, não poderia legitimar a transferência unilateral do poder para um dos partidos».

O Governo Português continuou e continua a ser a única autoridade legítima no território e empreendeu todos os esforços possíveis, ainda que necessariamente limitados, para relançar o processo de descolonização, salvaguardando o livre exercício do direito do povo de Timor à autodeterminação».

Foi também recordado o encontro de Roma entre os ministros dos Negócios Estrangeiros de Portugal e da Indonésia, em que foi reconhecido «que a responsabilidade fundamental da descolonização de Timor incumbe a Portugal...».

Chegou-se depois à fase mais recente, na sequência das declarações da Fretilin (independência) e da Apodeti e M.A.C./U.D.T. (integração na Indonésia). A propósito, o embaixador português citou alguns parágrafos do comunicado da Comissão Nacional de Descolonização, e sublinhou, mais uma vez, a posição de Portugal quanto aquele território, expressa de novo a 2 e a 5 de Dezembro perante a Quarta Comissão da Assembleia Geral da O.N.U.

Recordou, seguidamente, que o ministro português da Cooperação, em 5 de Dezembro, recebendo o embaixador da Indonésia em Lisboa, lembrou que Portugal continuava a desenvolver esforços para

uma solução pacífica e negociada da crise de Timor e que contava, para isso, com um apoio claro e sem equívocos do Governo da Indonésia. Acrescentou a seguir o embaixador Galvão Teles:

«O apoio do Governo indonésio, senhor presidente, não se fez esperar. Ele tomou toda a forma bem pouco compatível com a procura de uma solução pacífica e negociada do problema. A Indonésia decidiu, pura e simplesmente, ocupar pela força o território de Timor, pequeno, sem defesa e contando 650 000 habitantes. Eis a melhor forma imaginada pelo Governo de Djakarta para manifestar o seu apoio, claro e sem equívocos, aos nossos esforços».

E mais adiante: «O ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia reconheceu que o seu país invadiu Timor; afirmou que as tropas seriam retiradas desde que a paz e a ordem fossem restauradas e acrescentou que esta acção militar tinha sido levada a cabo a pedido da U.D.T. Algumas horas antes, a delegação indonésia a esta Assembleia Geral das Nações Unidas incluía-se como co-autora de um projecto de resolução (...) cujo quinto parágrafo preambular era concebido nos seguintes termos: «Reafirmando que toda a tentativa visando destruir parcial ou totalmente a unidade nacional e a integridade territorial de um país é incompatível com os fins e os princípios da Carta das Nações Unidas».

Continuou denunciando a agressão armada da Indonésia contra o Timor Português como uma violação nítida e indiscutível da Carta das Nações Unidas, qualificando de inadmissível a acção do Governo da Indonésia que «consiste em se substituir a este Conselho e a decidir unilateralmente que uma determinada situação põe em perigo a paz e a segurança internacionais a fim de intervir num território sobre o qual não tem nenhuma soberania e pelo qual não é em nada responsável».

O embaixador português denunciou, depois, a missão que a Indonésia se propõe desempenhar: «Esmagar pela força a Fretilin, assim como, em caso de necessidade, os seus dirigentes; organizar e reforçar, por outro lado, os partidos favoráveis à integração na Indonésia; colocar estes partidos nos comandos do aparelho administrativo; intimidar a população mostrando-lhe de que lado é que está a força e fazendo-lhe ver as consequências inevitáveis que lhe adviriam se ela se recusar a aceitar este facto».

Deduziu depois que, terminada esta missão, a Indonésia aceitaria a retirada das suas tropas, pedindo a seguir a Portugal que continue a cumprir as suas obrigações de potência administrante a fim de que possa obter, através da consulta popular — forçosamente viciada — a integração «soi-disant» legal de Timor na Indonésia.

Baseando-se nestes argumentos, o embaixador português afirmou que, por tudo isto, cabe às Nações Unidas um dever idêntico ao de Portugal de garantir as condições para que o povo de Timor exerça livremente a escolha do seu próprio destino. E terminou a sua longa intervenção com as

seguintes palavras:

«Assim, na medida em que interesses da mais alta importância estão em jogo, parece-nos que o Conselho de Segurança deve agir de uma maneira firme, sem equívocos e orientada, na medida do possível, no sentido de uma reparação efectiva das consequências da agressão.»

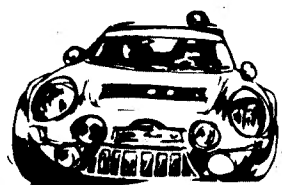
OUTROS PAÍSES INTERVÊM

A esta intervenção do representante de Portugal, responderam diversos delegados, entre os quais o embaixador da Indonésia, Anwar Sanj, o embaixador da Malásia, Mohamed Khir Johari, e o ministro das Relações Exteriores e Informação da Fretilin, José Ramos Horta.

O embaixador indonésio rejeitou as acusações formuladas por Portugal, alegando que o seu país «não podia assistir indiferente ao «incêndio» que alastrava em Timor-Leste» e culpando, por seu turno, Portugal de ser responsável pela presente situação, que teria sido provocada pela sua acção demissionária como potência administrante do território.

O embaixador malaio manifestou compreensão pela posição da Indonésia, acusando igualmente Portugal de incapacidade e terminando por pedir o envio de uma missão de investigação da O.N.U. ao Timor português.

Finalmente, José Ramos Horta, da Fretilin, condenou a agressão indonésia, afirmando que o seu movimento proclamou unilateralmente a independência depois de exercer efectivo controlo militar e administrativo sobre todo o território.



TORTOSENDO



José Lauriano de Moura de Sousa

sócio-fundador da Soc. de Fabricantes, Ld.ª

FALECEU

A Sociedade de Fabricantes, Lda participa o falecimento do seu sócio-fundador e que o funeral se realiza amanhã, dia 17, pelas 11,30 h da Igreja Paroquial para o cemitério desta localidade.

Geral

PEANUTS

Querido Pai Natal, preciso de uma precatória para a ajudar na época do Natal?



Podem responder às cartas, fazer recados, tudo por dez contos por semana.



DEZ CONTOS POR SEMANA?



POR QUE NÃO? TODA A GENTE SABE QUE O VELHOTE É RICO!



Viagem para o "irreal"

Continuação da pág. 5

o «produto» para os interrogatórios dos presos, que se tornam mais sutis e «altamente eficientes».

O tráfico clandestino subsiste hoje, de forma rendível, porque o uso dos estupefacientes está proibido. No dia em que se tornar legal findará uma das práticas que permitiu à mafia italiana, que teve Lucky Luciano como pioneiro, enriquecer «clans» que a «lei seca» antes, tinha propulsado para o mundo do crime, da chantagem e do negócio.

A produção de ópio por parte da China constitui, hoje, uma das suas fontes de receita que não se pode subestimar. A sua produção está calculada em 10 mil toneladas por ano, o que equivale a cem milhões

de dólares americanos. Aquele produto vem, também, de outros países do Extremo Oriente, onde existe o «Estado de Chan», formado por tribos mais ou menos civilizadas da Tailândia e teve papel preponderante na guerra do Vietname, porque se tornou produto de consumo obrigatório para os GIs norte-americanos. Daí, o ópio passa à Europa por via marítima (carreira Saigão-Marselha), ou por caravanas até à Turquia (antes da instituição da pena de morte para os traficantes no Irão) no caminho para Génova.

Tráfico também muito rendoso é o da morfina, extraída do ópio e embarcada (clandestinamente) em Macau e Hong-Kong com destino à América do Norte. Em 1962, o quilo da morfina comprada na Tailândia avintecontos, rendia cem e mesmo mais em Paris. Na mesma altura, o quilo da heroína valia na Grécia quatro contos, doze em França e com no Canadá (Vancouver). Os Campos Eliseos, Montparnasse e do «Quartier Latin», em Paris, funciona am, ontem como hoje, como «barómetro» para a questão dos preços por grama ou por cigarro.

Hoje, são muito mais elevados os preços, tanto na origem como nos locais de consumo. A procura aumentou assustadoramente e as redes internacionais multiplicaram-se proporcionalmente à procura e à proibição legal do uso dos estupefacientes e dos produtos tóxicos.

Nova emissão de selos

Por portaria do Ministério dos Transportes e Comunicações, foi determinada uma emissão extraordinária de selos com traço fosforescente, comemorativa do Ano Europeu de Protecção do Património Arquitectónico, nas taxas e quantidades seguintes: de 2\$00, 10 milhões; de 8\$00, um milhão; e de 10\$00, 500 mil.

Delegação portuguesa na R.D.A.

BERLIM, 16 — (ANOP) — Terminou a visita que durante uma semana a delegação portuguesa, presidida por José Luis Matos, efectuou à República Democrática Alemã, a convite da Associação de Amizade R.D.A.-Portugal.

Durante a sua estada naquele país, os portugueses deslocaram-se às províncias de Rostock, Schwerin, Francfort sobre o Oder, Dresden e Erfurt e tiveram várias reuniões com trabalhadores e membros da União da Juventude Socialista em

empresas industriais e agrícolas.

A visita foi encerrada com um encontro sobre problemas actuais da política interna e externa da R.D.A., durante o qual Horst Brasch, membro do Comité Central do Partido Socialista Unificado Alemão e primeiro vice-presidente da Liga para a Amizade de ambos os países, sublinhou que o seu país «continuará a manter-se no futuro ao lado das forças democráticas de Portugal, ajudando-as por todos os meios ao seu alcance».

Acordo Luso-Espanhol de Sanidade Veterinária

Realizou-se em Madrid, de 25 a 27 de Novembro passado a XVIII Reunião Luso-Espanhola de Higiene e Sanidade Pecuária.

A delegação portuguesa, composta por chefes de serviços e técnicos especialistas, foi presidida pelo director-geral dos Serviços Pecuários.

As duas delegações, embora considerando que em linhas gerais é satisfatória a situação sanitária dos animais existentes em ambos os países, realçaram a sua preocupação quanto à permanência da peste suína africana e das bruceloses (febre de malta) na Península, tendo acordado na

intensificação da luta contra essas duas doenças.

Foi igualmente reconhecida a possibilidade de retorno e expansão da raiva em Espanha e Portugal, em virtude do avanço que a doença está tendo nos países da Europa Ocidental, tendo merecido particular destaque o perigo da sua entrada na Península através de animais de estimação provenientes do continente africano.

Para assegurar uma maior defesa contra a raiva, acordou-se na realização de campanhas sistemáticas de divulgação e educação sanitária das populações no sentido da mais estreita colaboração com os serviços veterinários de ambos os países, sobretudo não subtraindo os animais a campanha de vacinação anti-rábica.

Um outro assunto que mereceu atenção especial das delegações foi o uso indiscriminado de aditivos nas rações para animais, os quais pela natureza de certas matérias-primas que os constituem, especialmente os fármacos químicos, podem constituir perigo para a saúde pública.

Ficaram assim obrigados os serviços veterinários de ambos os países a fazerem os maiores esforços no sentido de efectuar um controlo mais rigoroso para a aprovação e utilização dos referidos aditivos.

Finalmente, houve paralelismo de pontos de vista quanto ao relevo dado ao ordenamento pecuário, com base no aproveitamento máximo dos recursos naturais das explorações pecuárias e com salvaguarda do património genético das raças autóctones da Península Ibérica.

Notas oficiosas

A situação em "O Século"

A situação no nosso prezado colega «O Século» da Câmara de mercer do Ministério da Comunicação Social uma nota oficiosa do seguinte teor: «Os administradores do jornal «O Século» pediram uma reunião urgente ao secretário de Estado da Informação para se sentirem indignados com afirmações veiculadas por alguns jornais. Nesta reunião tornaram bem claro que aceitaram as suas funções a título individual e que não se consideram nem aceitarão vinculação formal ou informal a qualquer partido político. «Também ao contrário do que foi pu-

blicado por esses jornais nenhum dos administradores é filiado em partidos políticos e reafirmaram a sua intenção de garantir uma informação objectiva, pluralista e apartidária. «No caso concreto do presidente do conselho de administração, o secretário de Estado da Informação esclarece que foi, em reunião no Estado-Maior-General das Forças Armadas, que surgiu a hipótese de pedir a colaboração do coronel José Rodrigues Mata para o desempenho de funções na administração de um jornal estatizado.»

A falta de bacalhau

A propósito do problema do abastecimento do bacalhau foi tornada pública pela Secretaria de Estado do Abastecimento e Preços a seguinte nota oficiosa:

«A Secretaria de Estado do Abastecimento e Preços tomou conhecimento de que se estão a registar em alguns pontos do País, rupturas temporárias no abastecimento de bacalhau, unicamente explicáveis pela grande procura deste bem alimentar na quadra do Natal.

Esclarece-se a população de que o nosso consumo médio mensal é de cerca de 5 mil toneladas nos vários tipos de bacalhau e que neste mês de Dezembro, foram lançados no mercado mais de 10 mil toneladas com vista a satisfazer a procura extraordinária.

Lembra-se à população que chegou o tempo de reorientarmos os nossos consumos, pois as divisas disponíveis não nos permitem comprar somente o

bacalhau legítimo.

As espécies afins de bacalhau têm o mesmo valor alimentar do bacalhau legítimo e, presentemente, o nosso mercado regista abundância de espécies afins, nomeadamente do escamudo, muito mais baratas que o bacalhau legítimo.

Reorientemos, assim, os nossos consumos para as espécies afins e para o peixe congelado. Entretanto, adverte-se a actividade comercial para o facto de que as brigadas de fiscalização económica estão a ter uma acção muito intensa no sentido de obstar ao acambramento e à especulação.

Nesse sentido, é também útil relembrar ao comércio grossista e retalhista que deve procurar a justa repartição dos géneros alimentícios pelos clientes, de modo a fazer uma distribuição proporcional e para evitar situações de privilégio ou de carência.»

Tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado ou encoberto, o vento era fraco do Centro e Norte e soprando moderado a Sudoeste e Sul do território; chovia ou caíam aguaceiros a Sul do Rio Mondego.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	8°
COIMBRA	6°
PORTALEGRE	3°
LISBOA	7°
FARO	13°
FUNCHAL	12°

TEMPERATURAS EXTREMAS

PRAIA DA ROCHA	Máxima..... 12,8°
PENHAS DA SAÚDE	Mínima..... 0,5,3°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	 13,8°
Atmosfera	 6°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
2.36 3,5 m	8.15 1,2 m
14.56 3,5 m	20.28 1,1 m

Dia 17

3.17 3,7 m	8.54 1,1 m
15.38 3,6 m	21.06 1,0 m

Dia 18

3.56 3,8 m	9.32 0,9 m
16.16 3,7 m	21.44 0,9 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado a Sul e com pequenas abertas nas regiões do Norte: vento fraco nos Quadrantes Norte à excepção do Sul do território onde deverá haver vento moderado a Oeste: períodos de chuva ou aguaceiros principalmente nas regiões do Centro.



AMANHÃ

NAScer AS 8.49
OCASO AS 18.16



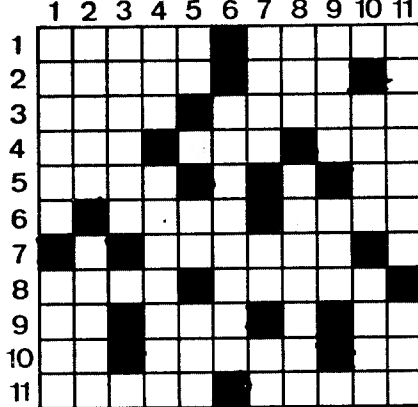
palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11247

HORIZONTAIS

- Brilhante. Estimara.
- Governar. Dá mios.
- Estimas. Adejar.
- Lês. Acreditei. Rio da Sibéria.
- Interjeição que serve para fazer recuar os bois jungidos. Amónio (s. q.).
- Depois de. Lago de Itália.
- Poentes.
- Lavar. Involgares.
- Medida japonesa igual a dois decímetros. Rio da Escócia. Campeão.
- O mesmo que uma (ant. e pop.). Espécie de choupo. Centiara.
- Guarnecera de asas. Restos mortais.



VERTICAIS

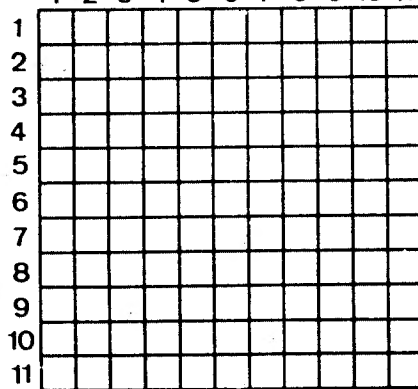
- Engastar. Chuva.
- Governos (fig.). Pães de milho.
- Aborrece-se.
- Rente. Ancorar.
- Sufixo que designa estado. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Fileira.
- Aprisionaria.
- Estimar. Apellido. Moderato.
- Mil e dois em romano. Convenções.
- Ilha do Pequeno Belt. Sufixo que designa abundância.
- Formam as abas a. Fole.
- Encostou. Sadias.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7407

HORIZONTAIS

- Pão chato e redondo feito de farinha de milho. Ceicado.
- Lavrai. Caminhar.
- Que tem muitos ramos. Cério (s. q.).
- Braco de mar. Mil e novecentos em romano.
- Tosta. Ilha do Pequeno Belt.
- Pessoa muito irritável.
- Jogo infantil com cinco pedras pequeninas. Cobardes.
- Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Mio.
- Gram. Instrumentos musicais de cordas e teclado.
- Duna na Suécia. Caminhar. Bário (s. q.).
- Riam sem ruído. Tempo do verbo ir.



VERTICAIS

- Entrada de um porto. Nome de peixes.
- Verbais. Espécie de andorinha.
- Sacerdotes budistas. Basta. Senhor.
- Escudeiro. Antepassado.
- Isolado. Mil e três em romano.
- Caminho. Calçara.
- Atmosfera. Vale espanhol nos Pireneus.
- Nota music. Répteis também chamados sapos-conchos.
- Artigo definido. Fronteiras.
- Mãe de Rómulo e Remo. Boro (s. q.).
- Realizo. Referente ao sol.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11246

HORIZONTAIS:

- QUEM. Iças.
- Ura. BEM. ORA.
- Er. Caras. El.
- Rapar. Lesma.
- Os. Mo.
- Mel. BEM. Coa.
- Sama. Omar.
- At. Via. Ar.
- Mor. Eirós.
- Ali. Uva. Ias.
- Sara. Escola.

VERTICAIS:

- Querem. Amas.
- Urra. Estola.
- Ea. Pola. Rir.
- Cás. Ma.
- Bar. Ba. Eu.
- Ser. Ve. VIVE.
- Mal. Moiras.
- Sem. Mão.
- Co. Socca. Sio.
- Arem. Ora. Al.
- Salada. Rosa.

Provérbio: QUEM BEM ORA, BEM VIVE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7406

HORIZONTAIS:

- Dias. Ovar.
- Ameaçai.
- Arcas. Pag.
- If. Ver. Rima.
- Liberadas.
- Voa. Oio.
- Es. Rua. Ou.
- Ao. Da.
- Rou. Enal.
- Rouxinóis.
- Sem. Soror.

VERTICAIS:

- Silves. Rs.
- Ia. Fios. Coe.
- Amã. Ba. Arum.
- Serve. Roux.
- Acerou. Im.
- Ocaru. Aden.
- Vás. Do. Anos.
- Al. Raio. Aio.
- Pisou. Cr.
- Sam. Se.
- Gasoso. Fr.

Farmácias de Serviço

LISBOA

TURNO H-1
TODA A NOITE

AJUDA
Lidia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (tel. 637318)

ALTO DE S. JOÃO
Zonal, Rua Morais Soares, 58-C (tel. 847708)

ALVALADE
Brisália, Avenida Rio de Janeiro, 66 (tel. 722368)

AREIRO
Central, Avenida Paris, 2 (tel. 720820)

AVENIDAS NOVAS
Cardote, Avenida Visconde Valmor, 28-A/C (à Avenida da República) tel. 772291

BAIRRO AMÉRICA
Martins, Rua Fernão de Magalhães, 33 (tel. 849448)

BAIXA
Duro, Rua Garrett, 90 (tel. 324166)

BENFICA
Santa Cruz, Avenida Gomes Pereira, 34-A (tel. 704828)

CAMPO DE OURIQUE
Almeida, Rua Silva Carvalho, 136 (tel. 681726)

CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (tel. 869831)

CHIADO
Duro, Rua Garrett, 90 (tel. 324166)

ESTEFÂNIA
Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10 (tel. 570593)

OLIVAIS-SUL
Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, lote 43 (tel. 310026)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sousa Martins, (ao Matadouro) (tel. 553468)

TURNO H-2
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
S. Miguel, Praça Francisco de Moraes, 1 (tel. 771469); Roma, Avenida de Roma, 85-B (tel. 772466); Ideal, Avenida Almirante Gago Coutinho, 49-A (tel. 712803)

BAIXA
Centro Farmacêutico, Rua das Portas de Santo Antão, 88 (tel. 321211)

CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide, 11-A (tel. 682610)

CAMPO DE OURIQUE
Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (tel. 686176)

ESTEFÂNIA
Mundial, Largo de D. Estefânia, 10 (tel. 45578)

GRACA
Monte, Rua Senhora do Monte, 3-A/B (tel. 867842)

LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 362-B (tel. 790332)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B/C (tel. 720703/728395)

MARQUÊS DE POMBAL
Ribeiro e Castro, Rua Braamcamp, 52-C (tel. 43409)

POÇO DO BISPO
Freitas, Rua Zófimo Pedroso, 11 (tel. 381136)

SANTO AMARO
Santo Amaro, Rua Filinto Elício, 29-A/B (tel. 637070)

MADRAGOA
Lys, R. da Esperança, 17-19 (T. 660913)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Berna, Avenida de Berna, 44-A (tel. 773568)

SETE RIOS
Canto, Estrada das Laranjeiras, 202-B (tel. 780841)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (T. 935518); Carmelo, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 933303); Helénica, R. Elias Garcia, 2 (T. 933613); S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5, Reboreira (T. 938703)

VENDA NOVA
Lemos, R. de Goa, 21-A (T. 971121)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123)

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 2940034)

MEM MARTINS
Químia, E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)

SINTRA
Marrazes, Estefânia (T. 2930058)

COLARES
Abreja (T. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (T. 2112048)

PAÇO DE ARCOS
Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas

OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485). Toda a noite

CARCAVELOS
Central, Toda a noite

PARADE
Brandão, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Até às 24 horas

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, R. 9 de Abril, 24 (T. 263052). Toda a noite

MONTE ESTORIL
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas

CASCAIS
Nova, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Até às 22 horas; Marginal, Av. Marginal (T. 280214). Toda a noite

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020)

ALMADA
Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E. Nacional, 178-B (T. 2040302)

BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T. 2073443)

COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (T. 2764466)

MOITA
União Moitense, R. Dr. Teófilo Braga (T. 239025)

MONTUO
Diogo, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032)

SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471)

SETÚBAL
Normal do Sul, P. do Bocage (T. 22216)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 30 (T. 2218560)

PORTO

TURNO 4
ATÉ ÀS 22 HORAS

Gondarém, Rua de Gondarém, 360, Foz; Correia de Araújo, Rua de Santa Catarina, 259; Nova Avenida, Avenida Fernão de Magalhães, 692; Pinheiro Manso, Rua São João de Brito, 25-29; Santa Teresa, Praça Guilherme Gomes Fernandes, 100; Silva Pereira, Rua de Costa Cabral, 293; Alves, Praça do Exército Libertador, 62; Barros, Rua do Loureiro, 104; Boa Hora, Rua da Boa Hora, 80; Carneira, Rua do Heroísmo, 90 e Terreiro, Rua da Reboreira, 21

A PARTIR DAS 22 HORAS
Gondarém, Rua do Gondarém, 360, Foz; Alves, Praça do Exército Libertador, 62; Barros, Rua do Loureiro, 104 e Carneira, Rua do Heroísmo, 90

COIMBRA

Estádio, Rua do Brasil, tel. 24410, Miranda, Praça do Comércio, tel. 23261; e Baptista Praça da República, tel. 23747

cinemas

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

UM DIA DE SOL

Um filme de Joseph Sargent

5.ª Semana

Uma história de Amor... hoje para si que é jovem

APOLO 70

T. 763319 14, 16.30, 19 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

ACONTECEU NO OESTE

Com Claudia Cardinale, Henry Fonda e Charles Bronson

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

OBRIGADO... AVÓ!

5.ª Semana

A iniciação de um adolescente

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Para todos

UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO

A aventura além da imaginação

ALVALADE

T. 897480 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

SENHORAS E CAVALHEIROS

Com Verna Lisi e Gastone Moschin

NIMAS

T. 574362 Estreia às 21.15

Para todos

Os irmãos Max

UMA NOITE EM CASABLANCA

Riso dos bons velhos tempos

MONUMENTAL

T. 555131 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A maior ópera-rock de sempre!

TOMMY

Com Roger Daltrey, Elton John e The Who

D. JOÃO V

T. 971794 21.00

GENTE SIMPLES

Grupo C. M. 14 anos

cinemas

UNIVERSAL

T. 774402 As 15.00, 19.00, 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

um filme de Herbert Diberman

SAL DA TERRA

As 17.00 e 23.00

PARA TODOS

LINHA GERAL

de Eisenstein

IMPÉRIO

T. 555134 15.15, 18.30 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Lando Buzzanca e Rossana Rossanda em

CASAMENTO DO PADRE

Amanhã, sessão clássica às 18.30 h.

CHAPLIN

O GRANDE DITADOR

Versão integral (10 anos)

EDEN

T. 320769 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Int. a menores de 18 anos

A FÚRIA DO DRAGÃO

Um filme de Bruce Lee

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30 e 21.15

Para todos

UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO

Uma aventura para além da imaginação

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos

UM FILME DOCE

de Susan Makaveju

Em 3.ª semana

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00 e 21.15

Grupo D Maiores 18 anos

O COMANDO ANTI-DROGA

ROYAL

T. 665037 15.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A LINGUAGEM DO AMOR

Este filme contém cenas eventualmente chocantes

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

Int. a menores de 18 anos

AS CONFIDÊNCIAS DE UM LEITO

MUITO ACOLHEDOR

Contém cenas event. chocantes 8.ª Semana

ROMA

T. 727778 15.30, 18.30 e 21.15

Para todos M/6 anos

OS MALUCOS VÃO À GUERRA

VOX

T. 720808 14.15, 16.30, 19, 21.30, 24

Interdito a menores de 18 anos

AS CONFIDÊNCIAS DE UM LEITO

ACOLHEDOR

Contém cenas eventualmente chocantes

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00 21.15

Para todos M/6 anos

Walt Disney productions

UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO

A aventura para além da imaginação

CONDES

T. 322523 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45

Para todos

Em frente... RIR

SIM, SIM, MEU CORONEL

C/ Jacques Dufilho e Aldo Maccione

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15

Int. a menores de 18 anos

Em 3.ª semana de sensação (colorido)

A comédia de sexo e de pecado a solta

COMO CAÇAR UM MARIDO

Contém cenas eventualmente chocantes

Um festival malandricas «secretas»

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A obra-prima do humor herótico

TARZOON, A VERGONHA DA SEIWA

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

Burt Lancaster é

O HOMEM DA LEI

Um «western» sensacional

2.ª semana

AVIS

T. 47163 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

7 MORTES NOS OLHOS DO GATO

SATÉLITE

T. 562632 14.30, 16.45, 19.00, 21.30

Não acons. a menores de 13 anos

OS INSEPARÁVEIS

CINEARTE

T. 660446 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

O ÚLTIMO VERÃO

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos

BRINCANDO COM O FOGO

Sophia Kristel e Jean Louis Trintignant

ESTÚDIO 444

T. 779095 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

OS GABAROLAS

Em 2.ª semana

EUROPA

T. 661016 15.15 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A SEMENTE DE TAMARINDO

RESTELO

T. 610375 As 21.00

Não acons. a menores de 18 anos

A BAMBINA

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30 e 21.30

Interdito a menores de 18 anos

A VIÚVA INCONSOLÁVEL

Com Edwige Fenech

Outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A CIA dos Cardeais»

CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Piscina»

CIRCO MARIANO
21.45
No Largo Martin Moniz

CIRCO MEXICANO
21.30 (6 anos)
Ao pé da Feira Popular

LAURA ALVES
20.30 e 22.45
«A Mão no Ar e o Pé Atrás!»

VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Trapos e Rendas»

MONUMENTAL
20.30, 22.45 (18 anos)
«Lisboa acordou»

VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»

MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Força, Força, Camarada Zé»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (13 anos)
«Paulo e Michel»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Amor Livre»

JARDIM
21.00 (18 anos)
«Morrer ao Sol»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (18 anos)
«O Cobra»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«O Comando Antidroga»

CASCAIS

S. José

21.15 (18 anos)

«Heróis do Kung Fu»

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Recreios Desportivos

21.30 (18 anos)

«O Último Tango em Paris»

MEM MARTINS

Cine Chaby

21.15 (18 anos)

«Espírito Santo e os 5 Magníficos»

OUTRA BANDA

ALMADA

Incrível

21.15 (13 anos)

«Frankenstein Júnior»

LARANJEIRO

Instrução e Recreio

21.30 (6 anos)

«Novas Aventuras da Pipi das Meias Altas»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA

21.30 (13 anos)

«O Pascoal»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL

21.30 (18 anos)



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 854531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUIZ SOBRADO, 44
TELEF. 321154/5, 323271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DÍGUA TELEF. 12363
LISBOA-PORTUGAL

Soares discute em Bona a situação portuguesa

BONA, 16 — (F. P.) — Após um almoço ontem em Paris com Jean Sauvagnargues, ministro dos Negócios Estrangeiros francês, o dr. Mário Soares partiu para a capital da Alemanha Federal, onde conferenciará, durante os próximos dois dias, com o antigo chanceler e actual presidente dos social-democratas Brandt, marca e com o ministro dos Negócios Estrangeiros, o liberal Hans Genscher.

As conversações entre o «leader» do P. S. e os dirigentes da Alemanha Federal serão dominadas pela situação em Portugal e pela evolução dos trabalhos da Assembleia Constituinte de Lisboa.

Soube-se, por outro lado, através de fonte ligada à direcção do Partido Social-Democrata Federal Alemão, que é possível que Felipe Gonzalez, secretário-geral do P. S. espanhol, se reúna também com dirigentes políticos da RFA, ainda esta semana.

Seja como for, a situação em Portugal e na Espanha será tema para uma conferência de imprensa do «leader» social-democrata Brandt, marcada para sexta-feira.

CONVERSACÕES EM ITÁLIA

Entretanto, Enrico Berlinguer, secretário do Partido Comunista Italiano, teve conversações separadas ontem em Roma, com Mário Soares, secretário do Partido Socialista Português, e com Joaquim Pires Jorge, membro do Comité Central do Partido Comunista Português, anunciando um comunicado do P. C. Italiano.

«Durante os dois encontros, prossegue o comunicado, nos quais participou Giancarlo Pajetta, presidente da Comissão para a Política Internacional do P. C. Italiano, procedeu-se, num clima de franqueza e de cordialidade, a uma troca de opiniões acerca da situação política nos respectivos países e acerca dos problemas de interesse comum».

As duas personalidades políticas portuguesas vieram à capital italiana por ocasião das cerimónias que decorreram no domingo, do 80.º aniversário natalício de Dolores Ibarruri, a «Pasionária» da Guerra Civil Espanhola.

"Processo Delgado"

Continuação da pág. 1

para os crimes cometidos por elementos da P. I. D. E.

Entretanto estes dois tribunais de excepção são dissolvidos, ficando a competência de ambos a responsabilidade dos Tribunais Militares Territoriais (três em Lisboa, um no Porto, um em Tomar), competindo a última instância de recurso ao Supremo Tribunal Militar.

Se o Tribunal Militar Revolucionário estava já a estruturar-se, quanto ao Tribunal Militar Conjunto não se lograva ainda a mínima organização.

O Tribunal Militar Revolucionário seria presidido por um oficial-general nomeado pelo C. R., e por dois oficiais-superiores (tenente-coronel e coronel) representando ramos das Forças Armadas. Haveria ainda um assessor (juiz de Direito) e um júri constituído por 11 elementos efectivos e seis suplentes, escolhidos pela Assembleia do M. F. A. de entre os seus membros.

A estruturação deste Tribunal esteve em curso. O Conselho da Revolução chegou a nomear mesmo promotores de instrução junto dele. A saber: o tenente miliciano de Infantaria Vitor Manuel de Oliveira Lourenço, aspirante da Reserva Naval especialista Amadeu José Melo Moraes e aspirante a oficial miliciano do Serviço

Geral da Força Aérea José Manuel de Barros Sales. Para secretário foi nomeado o tenente-coronel do Serviço Geral do Exército João Nunes Cepola.

Já depois desta comissão chegou mesmo a ser nomeado pelo C. R., como presidente, o general Alfredo Leão Tomás Correia.

Quanto ao Tribunal Militar Conjunto, apenas criado em Novembro, ainda que para julgar os «pides» presos em Abril de 1974, é possível que tenham sido feitas algumas diligências.

CONSEQUÊNCIAS DA ABOLIÇÃO DOS TRIBUNAIS ESPECIAIS

Tanto quanto sabemos, o relatório da Lei n.º 13/75 que criava o Tribunal Militar Conjunto (assim provavelmente chamado porque constituído por elementos dos três ramos das Forças Armadas) justificava-se afirmando que os tribunais militares existentes não teriam capacidade para tratar de processos em tão grande número.

As conclusões que se podem tirar da última medida do C. R. serão que tanto o julgamento dos «pides» como dos implicados no 11 de Março passa para tribunais normais, o que vem satisfazer a opinião dos

juristas que defendiam a existência apenas de tribunais comuns e a abolição dos tribunais especiais (onde antigamente não foi garantida a idoneidade e se cometeram os maiores atropelos e arbitrariedades), como vem consignado no Programa do M. F. A.

Não pensamos provável que os «pides» possam começar a ser julgados em Janeiro, se nos lembrarmos das «demarques» necessárias para os processos nos Tribunais Militares Territoriais, apenas cinco em todo o País.

Se nos processos militares se procede também, como em todos os processos, a um corpo de delito, já a sua orgânica exige a elaboração de um sumário de culpa.

O corpo de delito é instruído pelas autoridades militares. Ao sumário de culpa procede-se já no tribunal, sob orientação de um juiz relator. O seu objectivo é levar a efeito diligências por forma a completar o corpo de delito.

Ao que parece o processo de Humberto Delgado, por exemplo, ainda não estará mesmo na fase do sumário de culpa.

Quanto a todos os outros processos dos «pides» a serem julgados, ainda nenhum entrou nos Tribunais Militares Territoriais.

3
tome
e

OBRIGADA A DEMOCRATIZAR-SE

A Liga dos Combatentes da Grande Guerra, fundada em 1921, rege-se actualmente por um estatuto aprovado em 11 de Novembro de 1960. A feição deste estatuto «é insuficientemente democrática», pois coloca a Liga «na dependência permanente do Governo».

Assim, uma portaria do Ministério da Defesa Nacional, assinada pelo ministro da Defesa Nacional, José Baptista Pinheiro de Azevedo, introduz profundas alterações no estatuto da Liga, obrigando-a deste modo a democratizar-se.

ISTO NÃO SE FAZ

Um conhecido secretário de Estado, que até ao 25 de Novembro gozava umas «merecidas férias», foi atacado quando, um destes dias, saía de casa. O caso deu-se quando alguns transeuntes, possivelmente descontentes, o reconheceram e resolveram, nada mais nada menos, que... aticar-lhe um cão.

O animal cumpriu o seu dever e, ao que sabemos, as calças do senhor secretário de Estado ficaram em lamentável estado.

SÓ AGORA

Américo Deus Rodrigues Tomás (o Thomaz das inaugurações) foi demitido da corporação dos oficiais da Armada desde 25 de Abril de 1974. Esta demissão, porém, tornou-se efectiva com a publicação de um decreto-lei do Conselho da Revolução no 3.º suplemento ao «Diário do Governo» de 30 de Junho de 1975 mas só agora referido em nota na folha oficial de 27 de Novembro de 1975.

O ex-almirante, como se sabe, encontra-se no Brasil, tal como o ex-ditador Caetano e o ex-general Spínola.

A propósito: Tenreiro ainda será almirante?

Cunhal visita Cuba

Partiu para Havana, a fim de participar no I Congresso do Partido Comunista de Cuba, que decorrerá naquela cidade entre amanhã e o dia 22, uma delegação do Comité Central do P. C. P. composta pelo secretário-geral Álvaro Cunhal, Ângelo Veloso e José Pedro Soares (respectivamente membro do Comité Central e membro suplente do Comité Cen-

tral do P. C. P. e da Comissão Central da UJC).

O Congresso realizar-se-á no momento em que se comemora o 50.º aniversário do Partido Comunista de Cuba, fará um balanço de todo o processo revolucionário e analisará a construção do socialismo nas condições históricas de Cuba Revolucionária.

Escreve um jornal polaco

Desentendimentos P.C.-P.S.

"só beneficiam os reaccionários"

«As experiências portuguesas, como as de outros países, demonstram que a falta de cooperação entre os comunistas e os socialistas só beneficia os reaccionários». Esta é a opinião do diário «Zycie Warszawskie», de Varsóvia, expressa num artigo intitulado «Os avisos portugueses», segundo um telegrama da Anop, que cita a agência polaca P.A.P.

Diz ainda o artigo: «Sempre que Mário Soares dá a entender que pretende deixar de cooperar com o Partido Comunista, é aplaudido pela direita, que, ao fim de 50 anos de fascismo em Portugal, é ainda uma força considerável no País.

«Parece que depois do 25 de Novembro, Mário Soares tem uma viragem à direita. Quando os dirigentes do Partido Popular Democrático exigiam que os comunistas fossem eliminados do Governo de coligação, ele recusou-se terminantemente a fazê-lo. Por outro lado, Álvaro Cunhal condenou os oficiais da extrema-esquerda que se revoltava-

ram e manifestou prontamente a disposição do seu partido em permanecer no Governo, para assim proteger as conquistas da Revolução.

«As diferenças de opinião entre a esquerda e a direita foram drasticamente eliminadas dentro do Movimento das Forças Armadas, depois da saída dos oficiais que representavam a extrema-esquerda e o chamado «Grupo dos Nove», que era considerado anteriormente como moderado, encontra-se agora na esquerda do Conselho da Revolução. Alguns oficiais têm ainda pontos de vista de direita.

«O perigo da tomada do poder pelos oficiais da direita, o que se traduziria num recuo da Revolução, torna-se um perigo na actual situação.

«A Revolução portuguesa está e estará, durante muito tempo, exposta a numerosos perigos, políticos e económicos. Só poderá triunfar quando todas as forças da esquerda forem capazes de cooperar, evitando disputas e protegendo as conquistas da Revolução.»

Angola

Senado está contra a intervenção da C.I.A.

Senadores norte-americanos, que se opõem à intervenção da C. I. A. em Angola, bloquearam um projecto de atribuição de fundos de defesa no valor de mais de 120 milhões de dólares e conseguiram que fosse marcada uma sessão secreta para amanhã onde serão discutidas as chamadas «actividades de cobertura» dos Estados Unidos em África. Prevê-se que durante a sessão de hoje do Senado seja ainda aprovada uma nova proposta, a qual, em relação à anterior, adianta a «supressão total de qualquer participação financeira dos E. U. A. em operações militares ou paramilitares em Angola».

A política que vem sendo seguida pelos Estados Unidos relativamente a Angola nomeadamente através das estruturas da C. I. A. existentes no vizinho Zaire, tem, nas últimas semanas, sido alvo de severas críticas por parte de alguns senadores que temem que a ex-colónia portuguesa se possa vir a transformar num «novo Vietname». Para além dos 50 milhões de dólares já gastos pela

C. I. A. em apoio à F. N. L. A. e à U. N. I. T. A., suspeita-se que, das verbas totais dos novos fundos de defesa, pelo menos 25 milhões de dólares se destinem a ser também utilizados em Angola.

Este bloqueamento dos projectos intervencionistas americanos foi obtido por acção dos senadores John L. McClellan, Dick Clark e John V. Tunney, pertencentes a um pequeno núcleo de liberais que, após ter obtido, segundo as suas próprias palavras, «certas informações secretas», lançou uma «operação de surpresa» no Senado, obstando às tentativas dos seus colegas favoráveis à administração do presidente Ford.

AGRESSÃO SUL-AFRICANA

Mantém-se, no Sul de Angola, a pressão de forças mercenárias contra o Exército Popular Angolano, apesar das vitórias por este obtidas ao longo da última semana e que permitiram iniciar a repressão da

ofensiva inimiga. O envolvimento da África do Sul nesta frente foi já publicamente admitido pelo próprio Governo de Pretória. Esta «confissão pública», segue-se aos reveses que têm sido sofridos pelas forças invasoras na frente sul, e os quais produziram 22 baixas entre oficiais e soldados sul-africanos desde a segunda metade de Novembro.

A situação em Angola, envolvendo o exame da agressão sul-africana, está a ser desde ontem discutida em Dar Es-Salam numa reunião dos chefes de Estado da Zâmbia, Moçambique e Tanzânia. Os três estadistas africanos tiveram ontem o seu primeiro encontro, mas nada transpareceu sobre os pontos tratados. A reunião prossegue hoje.

Ao nível africano, a posição do M. P. L. A., cujo Governo já foi reconhecido por 12 nações daquele continente, reforça-se, registando-se, nas últimas 24 horas, o reconhecimento pelo Sudão que poderá vir a ser seguido por igual movimento da Etiópia, Somália, Madagascar e Maurícias.

Problema da língua materna preocupa especialistas

Termina na quarta-feira o seminário sobre «A renovação do ensino da língua materna», que tem estado a decorrer na Fundação Gulbenkian por iniciativa do seu Centro de Investigação Pedagógica (do Instituto Gulbenkian de Ciência) e com a colaboração dos serviços culturais da Embaixada de França no nosso País.

Participam os drs. Rui Grácio, Dulce Ribeiro e Aurea Adão, pelo C.I.P. além de professores dos ensinos preparatório e secundário, das escolas do magistério primário, das Universidades de Lisboa e Coimbra e da Universidade Nova de Lisboa e ainda os professores franceses Pierre Greco, Louis Legrand e Emile Genouvrier.

Extinta a Obra das Mães

Por decreto-lei do Ministério da Educação e Investigação Científica, foi extinta a Obra das Mães pela Educação Nacional, criada em 1936, sendo todos os seus bens e valores transmitidos para o Estado. A respectiva comissão liquidatária será nomeada por despacho conjunto dos ministros da Educação e Investigação Científica e dos Assuntos Sociais.

Nápoles Guerra em Belém

O Presidente da República recebeu esta manhã, em Belém, o tenente-coronel Nápoles Guerra, oficial que até há pouco tempo tinha a seu cargo os Serviços de Extinção da P.I.D.E./D.G.S., na Rua António Maria Cardoso.

